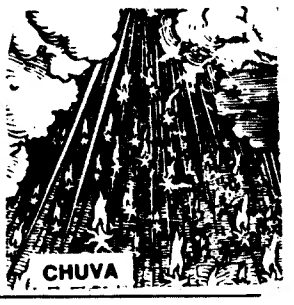
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 28 DE DEZEMBRO DE 1972 N.º 17965 — ANO 52.º — PREÇO 1$50


CHUVA

NA ROTUNDA DO AEROPORTO

MAIS VIADUTOS PARA LISBOA

. Estará concluído em Março de 1974 e custará 70 mil contos o complexo de viadutos sobre a Rotunda do Aeroporto, cuja construção começará dentro de dias, segundo anunciou esta manhã na sessão pública da Câmara Municipal de Lisboa o presidente Silva Sebastião. No plano de actividades para 1973, apresentado hoje aos vereadores, orçamentado em mais de dois milhões e 400 mil contos, prevê-se ainda a construção de uma passagem subterrânea servindo a Estação Fluvial Sul e Sueste; atenuar as dificuldades da zona de Benfica; estabelecer uma ligação directa entre a Avenida de Telheiras e o início da Calçada de Carriche; construção da primeira central de camionagem; transferência do mercado abastecedor de frutas e do mercado central abastecedor de produtos hortícolas para a periferia da cidade; revisão da regulamentação do período de abertura dos estabelecimentos de venda ao público; realojamento de famílias; construção de centros comerciais em Alvalade e S. Sebastião da Pedreira; construção de instalações para os serviços municipais; execução da 1.ª fase de uma solução global do problema do metropolitano; colaboração mais estreita com as Juntas de Freguesia; elaboração de um plano de actividades para o hexénio 1974-79 que procurará encarar as seguintes questões: eficiente funcionamento da Federação dos Municípios da Região de Lisboa; coordenação dos transportes urbanos e suburbanos; execução dos grandes eixos rodoviários; resolução do problema dos transportes colectivos na cidade de Lisboa; cobertura escolar da cidade; saneamento da área de Lisboa; reordenamento urbano da cidade.

ABATIDOS MAIS CINCO B-52

As defesas antiaéreas do Vietname do Norte abateram mais cinco bombardeiros gigantes B-52 durante os ataques efectuados pela aviação americana contra o país. Ainda segundo números fornecidos por Hanói, são já 31 os B-52 perdidos pelos EUA. Alguns deles, como o que a gravura mostra, vão cair à Tailândia. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL).

PILHAGEM E EPIDEMIAS

. Um soldado, com um lenço sobre o nariz e a boca por causa do cheiro dos corpos em decomposição, mantem-se de guarda a uma zona de Manágua, onde, após os sismos, as epidemias fazem o seu aparecimento. Bandos entregam-se, entretanto, à pilhagem no meio das ruínas da capital da Nicarágua. A Guarda Nacional tem disparado para dispersar os saquedores e pessoas foram feridas. (R. e D.L.).

MORREU LESTER PEARSON PRÉMIO NOBEL DA PAZ

Lester Pearson, antigo primeiro-ministro do Canadá, diplomata de carreira e laureado com o Prémio Nobel da Paz, faleceu a noite passada vitimado por um cancro, na sua residência em Ottawa. Tinha 75 anos. O estado de Pearson piorara ràpidamente desde que chegara de avião, nas vésperas de Natal, da Florida, para onde tinha ido em gozo de férias. Entrou ontem em estado de coma na sua residência onde estava a ser tratado com uma unidade de oxigénio. Pearson ganhou em 1957 o Prémio Nobel da Paz pelas suas diligências para acabar com a crise do Suez. Chefe do Partido Liberal durante dez anos, Pearson demitiu-se do cargo de primeiro-ministro após cinco anos como chefe do Governo. Trabalhava nas suas memórias quando a doença de que sofria se agravou. (R. e DL).

NESTA EDIÇÃO: 40 PÁG.

LEIA HOJE

QUEM DEFENDE A ARTE PORTUGUESA?

. «Quem defende a arte portuguesa?» é a pergunta que Vítor Manuel Serrão faz no «Suplemento Literário» de hoje, onde José-Augusto França, por sua vez, fala da I Bienal dos Artistas Novos, e José Luís Porfírio inicia uma nova secção de crítica de artes plásticas. Manoel Lourenço Forte aborda o actualíssimo tema dos «mass-media», Mário Vieira de Carvalho aponta o dilema de Jorge Peixinho, e têm também originais Luís Pignatelli, Alcides de Campos, Ana R. Moura e Helder de Sousa. E (boa notícia para os leitores) Eduardo Prado Coelho volta a dar ao «Suplemento Literário» a sua colaboração...

:: «QUEM CASA QUER... PENSÕES?», um «Quadratim» de Isabel da Nóbrega, na página 3.

:: «ANO MORTO, ANO POSTO», um balanço do ano pedagógico, por Calvet de Magalhães, na página 8.

Embaixada israelita ocupada por guerrilheiros

. Quatro guerrilheiros árabes, armados de metralhadoras ligeiras, ocuparam hoje a embaixada israelita em Bangkok, capital da Tailândia, e mantêm como reféns quatro ou cinco diplomatas judeus. Fontes oficiais tailandesas afirmaram que os reféns incluiam a mulher do primeiro secretário da embaixada. Os guerrilheiros aproveitaram a oportunidade de hoje ser um feriado oficial na Tailândia para entrarem no edifício. Entre tanto, mais de 200 soldados e polícias tailandeses cercam o ecifício. Ao que parece, a mulher do primeiro secretário, sra. Nitzan Aladay, foi capturada pelos guerrilheiros quando se dirigia a correr para a embaixada, a fim de saber o que se passava. O embaixador, nesse momento, assistia à investidura do príncipe Vajiralongkorn como herdeiro do trono. Segundo notícias divulgadas em Tel-Aviv, o «comando» árabe exige a libertação de 36 membros da organização «Setembro Negro», em troca das vidas dos reféns de Bangkock. Por outro lado, em Beirute, ninguém parece ter informações sobre o que se passa. (FP e DL)

LEIA AMANHÃ

NA "MESA REDONDA"

«Uma aldeia portuguesa vista por uma equipa de sociólogos franceses»; «O mercado da mão-de-obra em Portugal»; «A assistência às crianças débeis mentais entre nós» e «O problema das rendas de casa» são alguns dos assuntos tratados na «Mesa Redonda» de amanhã.

DL/NACIONAL

EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO

A DIRECÇÃO DO SINDICATO DEU O DITO POR NÃO DITO...

No decorrer da terceira sessão da assembleia-geral do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do distrito de Lisboa, realizada ontem à noite, a direcção do organismo apresentou a nova versão do orçamento para 1973 — dado que a primeira tinha sido rejeitada pelos sócios representantes das Secções de Actividade — a qual foi finalmente aprovado na generalidade, tal como o quadro das receitas na especialidade. Da discussão havida à volta do assunto resultou um esclarecimento da direcção respeitante às actividades do Centro de Aperfeiçoamento, Roseiral, grupo de teatro Proscenium e Centro de Estudos, que na prática resultou num «dar o dito por não dito».

Efectivamente, a direcção subscrevera uma proposta (aceite por maioria pela assembleia), cujo teor era o seguinte: «**Propõe-se o encerramento do Roseiral, CAP, Proscenium e Centro de Estudos, a partir das datas indicadas como 2.º período no orçamento para 1973, e a subdivisão dessas receitas por outras rubricas tendo em conta o fundo de reforma, pagamento a dirigentes por despedimento sem justa causa, assistência jurídica e arbitragens, actualização de salários, impressos, expediente, formação sindical e reorganização.**» Nesta conformidade, a direcção do Sindicato reduziu substancialmente no orçamento ontem apresentado as verbas que inicialmente destinara às despesas do CAP (de 2.137.600$00 para 1.083.404$00); Roseiral (de 1.834.700$00 para 961.800$00) e Centro de Estudos (de 701.500$00 para zero). A despesa orçamentada para à sede também foi reduzida: de 22.811.600$00 para 21.973.196$00.

Na reunião de ontem, uma associada insurgiu-se contra a aprovação da proposta, considerando-a irregular por tomada fora da ordem de trabalhos — o que não se provou. E da discussão que se seguiu, acalorada, acabou por resultar a aprovação de uma proposta da direcção cujo teor é o seguinte: «**Propõe-se que seja aprovada uma resolução de esclarecimento da proposta apresentada por esta direcção na sessão anterior à presente, como seja: a intenção da proposta era a supressão das verbas destinadas ao Roseiral, CAP, Proscenium e Centro de Estudos.**»

A direcção do Sindicato dos Profissionais de Escritório repudiou, pois, o termo «encerramento» que empregara na sua proposta anterior. Segundo explicação dada, houvera «um erro de forma»; o que se pretendia na realidade é que os departamentos indicados subsistam mas autofinanciados, isto é, com dinheiros que não do próprio Sindicato. Na realidade, segundo concluiram os associados, estes são precisos, neste momento, para o bom funcionamento do organismo.

De notar que à assembleia de ontem apenas assistiram 57 representantes, do total de 356 que a constituem. Eram mais os associados ouvintes — sem voto mas interessados — do que os que tinham a seu cargo a responsabilidade das deliberações. O que é de lamentar.

Este o edifício onde, a partir de Junho, vai funcionar o Centro

Construído pelos trabalhadores o Centro Português de Tours

Está prevista para Junho de 1973 a inauguração do Centro Português de Tours, cuja construção ficou concluída no passado dia 17, após 50 dias de trabalho prestado gratuitamente, nos fins de semana, pelos próprios portugueses residentes naquela cidade.

Para comemorar o acontecimento, operários e técnicos realizaram uma merenda de confraternização no próprio local, a que presidiu o consul de Portugal em Tours, dr. Jorge Nemésio.

O Centro Português de Tours é uma obra de finalidades culturais, recreativas e educativas, ao serviço dos imigrantes portugueses naquela cidade e de suas famílias. A sua criação foi patrocinada por diversos organismos oficiais, mas a mão de obra, foi inteiramente fornecida pelos interessados.

Exames para militares

Os exames do 2.º ciclo, especiais para militares, realizam-se no próximo mês de Janeiro no Liceu D. Pedro V, de acordo com o horário já préviamente fixado.

NOVA TENTATIVA PARA SALVAR O "SEA STAR"

Aproveitando a circunstância da maré estar favorável, recomeçaram ao fim da manhã as operações de salvamento do cargueiro dinamarquês «Sea Star», encalhado desde anteontem no Guincho.

Como já tinhamos noticiado o barco com rombos na casa das máquinas, a meia nau e à proa difícilmente será salvo. A escassos metros dos rochedos e batido por fortes ondas o «Sea Star» que custou cerca de 4.500 contos é o segundo barco que a companhia proprietária perde no espaço de um ano.

POLITEAMA

5.º «RÈVEILLON»

ANTESTREIA com Franco Franchi e Ciccio Ingrácia
«Continuavam a Chamar-lhes os 2 Pilotos mais Malucos do Mundo»
De madrugada: «Um Clube só para Cavalheiros»

1 HORA DE VARIEDADES
com Artur Garcia — Rosita Afonso — Fernando Madeira
José Manuel e o seu conjunto — Fernando Ruas

BAILE TODA A NOITE
Brindes para todos — Surpresas — Pequeno almoço grátis
Grupo D — M. 18 anos

O 'Juiz' Roy Bean

"THE LIFE AND TIMES OF JUDGE ROY BEAN"

COM:
JACQUELINE BISSET TAB HUNTER JOHN HUSTON STACY KEACH
RODDY McDOWALL ANTHONY PERKINS VICTORIA PRINCIPAL
ANTHONY ZERBE e Ava Gardner. in Technicolor
música de MAURICE JARRE · canção: "Marmalade, Molasses and Honey"
poema de MARILYN e ALAN BERGMAN · canta ANDY WILLIAMS · arg de JOHN MILIUS
prod. de JOHN FOREMAN · real. de JOHN HUSTON · PANAVISION® · TECHNICOLOR®

2.ª SEMANA IMPERIO

Em complemento: O documentário colorido «Museu Nacional dos Coches», produção e realização de Francisco Saalfeld, subsidiado pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

j. a. da costa pina, lda.
RUA DO ALECRIM, 73 // LISBOA
costa pina & vilaverde, lda.
RUA DO BONJARDIM, 420 // PORTO

Necrologia

Faleceu o sr. Gil Baptista da Silva, natural de Lisboa de 43 anos casado com a sr.ª D. Maria Amélia Pereira da Silva. O funeral a Cargo da Agência Gaspar realiza-se amanhã dia 29 às 11 horas, da Capela C da Igreja de S. João de Deus para o Cemitério do Alto de S. João.

COLISEU

HOJE às 21.30
Grupo A — 6 anos

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
AS MAIORES ATRACÇÕES
TARDE DE DOMINGO
2 TARDES DE CIRCO:
a 1.ª às 14.30 h.
a 2.ª às 17.15 h.

NOITE DE FIM DE ANO:
a grande noite de Lisboa
às 21.30 h. — m/ 6 anos

3K

BRINDES DE NATAL

Rua Pascoal de Melo, 47
LISBOA

DL/OPINIÃO

CINQUENTA ESCUDOS DE CAMÕES

O gosto de coleccionar tem-se difundido ùltimamente entre nós, em termos de justificar o interesse dos sociólogos, que no fenómeno encontrariam vasta matéria de reflexão e dele certamente deduziriam conclusões elucidativas. Infelizmente, a disciplina de sociologia dá pouca atenção a estes casos do quotidiano, muito mais esclarecedores de um estado de espírito do que à primeira vista parece, sobretudo quando, como está acontecendo, o coleccionador se descobre como tal em função de intuitos lucrativos vagamente conscientes, que obedecem a uma espécie de tropismo irresistível...

As centenas de pessoas (talvez milhares) que sùbitamente acorreram ao Banco de Portugal e suas agências para adquirirem a moeda comemorativa do IV centenário da primeira edição de «Os Lusíadas», a que móbil fundamental obedeceram? Tirante os comentários que poderia suscitar este modo de comemorar um acontecimento literário, é caso para nos interrogarmos sobre os impulsos que podem levar as pessoas a trocar cinquenta escudos por cinquenta escudos, sabendo de antemão que a moeda adquirida não será posta a circular e que, pelo contrário, ficará no recato das gavetas, à espera de uma infinita valorização e fazendo já parte do património a legar à descendência. Claro que deixamos de parte aqueles compradores cujo objectivo é o da especulação imediata: de uma maneira ou de outra, as moedas acabarão por ter o mesmo destino, a inutilidade, pura e simples...

Por aqui se verá, supomos, o interesse que teria um estudo profundo deste fenómeno de entesouramento cego a que vimos assistindo, mas não convirá alimentar grandes esperanças de que tal estudo se faça: os nossos sociólogos, provàvelmente ocupados com problemas de outra transcendência, não mostram querer pôr os olhos nestes pequenos barómetros, porventura mais directamente iluminadores do que os indispensáveis grandes estudos que se dirigem de especialistas a especialistas. No dia em que uma bicha de pessoas à porta de um banco não fosse apenas pretexto para fotografia e comentário pitoresco, alguma coisa teria ganho a formação do público, da população, de nós todos. Porque as coisas seriam mais bem entendidas...

E agora, desviando amplamente a agulha do quadrante que vimos focando, façamos também uma pergunta, que afinal visará, embora noutro plano, captar mais um aspecto da nossa realidade nacional: em que medida o nome de Camões, a sua obra, a data que se assinala, contribuiram, efectivamente, para a afluência registada aos balcões do Banco de Portugal? Talvez tenhamos de aceitar que todos aqueles factores só minimamente influiram no interessado movimento das multidões. Talvez tenhamos de concluir que a efígie marcada na moeda poderia ser qualquer outra (Febo Moniz, Padeira de Aljubarrota, Inês de Castro, Nuno Gonçalves, Manuelinho de Évora...): nem a arte nem a história teriam qualquer peso que a moeda desejada não tivesse em si mesma... Talvez, enfim, para vender moedas se possam futuramente dispensar comemorações, que (para o caso) pouco mais provam ser além de pretextos.

Há precisamente quatro séculos foram postos à venda os primeiros exemplares de «Os Lusíadas». Quem podia comprar, comprou. A obra maior da nossa literatura (admitidas embora as rectificações que outras visões do mundo comportem) manteve-se viva ao longo de todo este tempo, foi raiz, árvore de sombra, fruto perene. No ano de 1972, na passagem do quarto centenário, quantos dos portugueses que acorreram a comprar moedas tinham já consigo esse outro tesouro, essa outra moeda inestimável que é o conhecimento directo e íntimo dos versos de Luís Vaz de Camões?...

QUADRATIM ISABEL DA NÓBREGA

Quem casa quer... pensões?

Há um artigo do Código Civil (não interessa agora o número, não é para decorar) que estabelece que um dos esposos sustente o seu cônjuge enquanto durar o casamento.

Parece ser em virtude desse texto que se pode obter, até no decorrer de um processo de divórcio, uma pensão provisória de alimentos. A obrigação continuará, após pronunciada a sentença, a favor do cônjuge que o tribunal reconheça inocente pela ruptura do casamento.

Outro artigo do Código Civil impõe que o total da pensão de alimentos, aliás paga em dinheiro líquido, nunca exceda um terço dos rendimentos da parte condenada, e permite que seja revogada no caso de se provar que deixou de ser necessária.

Por outro lado, a constante desvalorização da moeda faz com que uma pensão estabelecida anos antes possa ser avaliada e rajustada por não corresponder já à necessidade de quem a recebe.

Nunca é demais esclarecer que as pensões de alimentos são inalienáveis, isto é, nenhum credor as pode invocar ou alienar.

Quanto às pensões decididas pelos tribunais de menores, e que, bem vistas as coisas, deveriam ser as únicas obrigatórias, ficando a sua execução sob a estrita vigilância da lei, essas, são exactamente as que, pelo menos no nosso país, mais se prestam ao não cumprimento e à impunidade de quem se furta.

No nosso país, mas não só. Assim, em França, por exemplo, o Conselho de Ministros decidiu por unanimidade tornar compulsivo e sem escapatória o pagamento da pensão de alimentos às mães de família divorciadas e às mães solteiras. (Foram também abrangidos nessa medida os velhos sem meios próprios de subsistência).

Até agora numerosas mães de família com direito a pensão tinham as maiores dificuldades em receber a quantia estipulada. Segundo estatísticas oficiais do Ministério da Justiça, 64 por cento das pessoas obrigadas a pagar pensão de alimentos fazem-no com muita irregularidade, entregando quantias menores ou com enorme atraso. Vinte e cinco por cento nunca chegam a pagar. Sendo os recursos judiciais longos e dispendiosos entrava-se num beco sem saída. Desconheço as verdadeiras percentagens relacionadas com semelhante problema no nosso país, mas partindo de informações que venho colhendo há vários anos, porque há muito me interesso pelo caso (nada pessoal, bem entendido!), deduzo que não são menores, pelo contrário, especialmente nas camadas da média e da pequena burguesia.

Ora pelo menos em França, logo que o Parlamento aprove o projecto de lei — o que não deve tardar — as coisas passarão a ser mais simples, como leio em revista responsável. Bastará que a pessoa lesada se dirija a um posto da polícia e apresente a prova da decisão judicial. Logo qualquer agente obrigará a empresa, ou o patrão do pai em falta a retirar a quantia do salário do seu empregado, sem que tenha sequer de lhe passar pelas mãos. Para obrigar os recalcitrantes que não têm patrão, foi o ministro da Saúde encarregado de elaborar um projecto complementar que prevê um fundo de garantia, fundo que, ao que entendi, será baseado nas informações publicadas pela Confederação Sindical das Famílias e em que se estabelecem as diferentes categorias sócio-profissionais.

Honestas tentativas de obstar a abusos e a comportamentos até agora sem emenda nem solução e que atingem a família tal com está constituída, e tal como a sociedade preconiza que funcione e finge proteger.

Quanto ao casal pròpriamente dito, a mim não me parece justo nem saudável essa história das pensões que o marido seria, por lei, obrigado a pagar à mulher. Porque se no artigo do Código se usa a palavra «ĉonjuge», que tanto pode ser um como outro, o facto é que implicitamente é do marido que se trata.

Ora se a mulher tiver mais bens do que o marido, ganhar profissionalmente mais do que ele, e tiver sido ela a desejar ou a provocar a ruptura do casamento, porque não ser ela a ter que pagar regularmente uma soma combinada? Isto se quisermos ser lógicos — e conformes com a lei...

Teríamos aí uma conquista da igualdade entre homem e mulher, teríamos aí uma manifestação do que pode ser essa igualdade, não acham?

Garanto que não estou a brincar. Creio firmemente que todos os decretos, tradições ou convenções criados e acarinhados aparentemente com vista à defesa da mulher têm tido, senão o fito, pelo menos como consequência, mantê-la (também por esses meios) numa situação de real inferioridade, de menoridade e de dependência.

Muitos outros exemplos se têm dado, este ainda o não vi exposto, mas vale como os mais.

Atente-se apenas em dois aspectos do problema «pensões». Dois que poderiam ser dez ou cem.

1.º — Embora a influência da família tenha repentinamente decrescido nas últimas décadas, ainda influi o suficiente para que as meninas sejam criadas e educadas por mor do casamento.

Não assim os rapazes. Desses quer a bem intencionada família «fazer homens». Não

Continua na pág. 16

CRÓNICA INTERNACIONAL NUNO VIEIRA

Um Natal às avessas

Um facto insólito relacionado com o terramoto que causou milhares de mortos na Nicarágua, nas vésperas do Natal, verificou-se quando diversas nações se apressavam a enviar socorros aos sinistrados: na capital, Manágua, a tropa disparou contra sobreviventes esfomeados, para impedi-los de saquearem supermercados. A medida destinou-se a salvaguardar a ordem e a propriedade privada. Aliás, toda a Nicarágua foi considerada durante muito tempo como propriedade privada da família Somosa. E chegou a especular-se que o terramoto (embora tivesse o carácter da catástrofe) não chegou para abalar o sistema social e económico.

Na mesma altura natalícia, mas noutro ponto do Globo, na Indochina, a aviação americana encarniçou-se de novo contra o Vietname do Norte, depois de uma curta pausa de 36 horas, numa demonstração do poderio militar dos Estados Unidos, que ainda se consideram a maior potência mundial, e pretendem manter essa posição. Antes do Natal, cerca de duzentos superbombardeiros B-52 e outros aviões haviam despejado já segundo os norte-vietnamitas, quarenta mil toneladas de bombas, ou seja o equivalente ao dobro do poder explosivo da bomba atómica largada sobre a cidade japonesa, de Hiroshima, em 1945, ou metade da tonelagem de bombas que caiu sobre a Grã-Bretanha durante toda a segunda Grande Guerra.

Depois das conversações secretas do conselheiro presidencial americano Henry Kissinger com os representantes norte-vietnamitas, em Paris, terem chegado a um beco sem saída, o desencandeamento da fúria aérea pelo presidente Richard Nixon, que não poupou os maiores centros populacionais, Hanoi e Haiphong, e provocou muito provàvelmente centenas de mortos, mostrou por outro lado, a determinação de Washington de fazer vergar o Vietnam do Norte. Assim, este teria de admitir uma derrota virtual, na já longa Segunda Guerra da Indochina, desistindo dos seus esforços para reunificar o país, dividido em dois pela conferência de Genebra que pôs termo ao conflito com as forças colonialistas francesas.

O paralelo com Hiroshima antecedeu, entretanto, por pouco a morte do homem que ordenou precisamente o lançamento das primeiras bombas atómicas, o ex-presidente Harry Truman. Contava 88 anos e fora o sucessor de Franklin Roosevelt, tornando-se também o político sobre cujos ombros pesou a responsabilidade de chefiar o Ocidente no começo da «Guerra Fria» e de levar os EUA a envolverem-se na Guerra da Coreia. E — a dar crédito ao que se diz — um homem receoso do contraste com o seu grande antecessor. Em todo o caso o seu lugar na História está assegurado, mais não seja pela recordação de Hiroshima e Nagasaki.

Pode dizer-se, portanto, que a quadra do Natal de 1972, pelos eventos e pelas invocações, um tanto ou quanto ao contrário daquele período de paz na Terra aos homens de boa vontade de que se fala como desejável em semelhante altura.

DL/GERAL

A CÂMARA MUNICIPAL PREVÊ

Parques de estacionamento na periferia melhor rede de transportes para o centro adaptação dos horários do comércio

Ultrapassa o montante de dois milhões e quatrocentos mil contos (exactamente: 2403 251 400$00) o orçamento ordinário e o da Zona de Turismo do Município de Lisboa, para o ano económico de 1973, aprovado esta manhã em reunião camarária, presidida pelo coronel Silva Sebastião.

A anteceder a aprovação pelos vereadores do orçamento, o presidente fez uma exposição sumária dos empreendimentos mais importantes, previstos no plano das actividades para 1973, salientando o complexo de viadutos sobre a Rotunda do Aeroporto, cuja construção se iniciará dentro de dias e a atenuação das dificuldades de trânsito actualmente verificáveis na zona de Benfica.

Para este último efeito o presidente referiu a rápida conclusão da Rua Conde de Almoster, a construção de um pequeno viaduto no Calhariz de Benfica, paralelo ao viaduto do caminho-de-ferro, a beneficiação do troço entre este local e o estádio da Casa Pia e, ainda, a instalação de um viaduto pré-fabricado nesta zona. Prevê-se que este conjunto de obras esteja concluído no decorrer do próximo ano.

PARQUES DE ESTACIONAMENTO

Na sua exposição o coronel Silva Sebastião referiu também a ligação directa entre a Avenida das Telheiras e o início da Calçada de Carriche cuja conclusão considera indispensável e que estará apenas dependente da efectivação de algumas expropriações necessárias para o efeito.

Prosseguirão outras obras ligadas ao problema do trânsito, nomeadamente o alargamento da sinalização luminosa a novas zonas da cidade, o melhoramento da já existente, o alargamento da Avenida da Ribeira das Naus e dos acessos marginais ao Terreiro do Paço, bem como a passagem subterrânea servindo a Estação Fluvial de Sul e Sueste, a construção (já no próximo ano) da primeira central de camionagem da cidade, no Areeiro, a transferência do actual Mercado Abastecedor de Frutas, junto do Cais do Sodré e do Mercado Central Abastecedor de Produtos Hortícolas, junto da Avenida 28 de Maio, para a periferia da cidade, bem como a construção de parques de estacionamento nas zonas periféricas, tendo em conta, porém, a existência de uma ligação eficiente ao centro da cidade através de transportes colectivos.

HORÁRIOS DO COMÉRCIO

Conforme assinalou ainda o presidente da Câmara, esta procedera à revisão de regulamentação do período de abertura dos estabelecimentos de venda ao público, tendo em atenção os múltiplos interesses envolvidos no processo. De salientar que no plano de actividades do Município para 1973 estão previstos além de melhoramentos nos mercados já existentes a construção de novos mercados em Alcântara, na Rua Leão de Oliveira e em Alvalade Sul.

Outros empreendimentos citados pelo coronel Silva Sebastião:

. — **A construção de habitações destinadas ao realojamento de familiares afectadas pelas obras de urbanização será incrementada, e procurar-se-á suprir as lacunas em equipamento social que se registam nalguns bairros. As dotações para este objectivo atingem 140.000 contos.**

— **No campo cultural, constituirá preocupação dominante no ano de 1973, a par das actividades que normalmente se têm vindo a desenvolver, atribuir à Biblioteca Central, ao Museu da Cidade e ao Gabinete de Estudos Olisiponenses instalações que assegurem, quanto antes, a salvaguarda da totalidade do seu valiosíssimo património artístico e cultural.**

. — No ano de 1973 procurar-se-á adjudicar, em regime de direito de superfície, a construção do **Centro Comercial de Alvalade** e do **Centro Comercial de S. Sebastião.**

— A Câmara dará início no próximo ano à construção de instalações para os diversos serviços municipais, actualmente dispersos por toda a Cidade, instalados por vezes nas condições mais deficientes e imobilizando um património valiosíssimo, concentrando-se assim num conjunto de edifícios todos os serviços que se mostra conveniente reunir.

— Encarar, em íntima cooperação com a administração da empresa, o início da execução da 1.ª fase duma solução global do problema do metropolitano, envolvendo o alargamento das actuais estações, estudo de ampliação da rede e possível início da sua execução, a concluir ao longo do IV Plano de Fomento.

— Promoverá a Câmara, ao longo do ano de 1973, uma mais estreita colaboração com as Juntas de Freguesia, procurando, através delas, inteirar-se em tempo oportuno, de pequenas deficiências que constantemente surgem por toda a Cidade, tornando-se assim possível supri-las, com a urgência de que por vezes se revestem.

ACTIVIDADES PARA 1974-79

A finalizar, o presidente do Munícipio afirmou a necessidade da Câmara em dotar-se dos indispensáveis orgãos de estudo, planeamento, programação e coordenação a fim de elaborar o plano de actividades para o hexénio 1974-79, bem como o respectivo programa de financiamento, definindo desde logo os objectivos a atingir nesse período. São eles:

. 1 — Eficiente funcionamento da Federação de Municípios da Região de Lisboa.

2 — Coordenação dos transportes urbanos e suburbanos.

3 — Execução dos grandes eixos viários previstos no Plano Director da Cidade de Lisboa e sua ligação com a zona suburbana e possível construção dos túneis rodoviários previstos no mesmo plano. Prolongamentos das Avenidas da Liberdade, dos Estados Unidos da América e de João XXI.

4 — Resolução do problema dos transportes colectivos na Cidade de Lisboa, envolvendo a conveniente coordenação entre os meios de transporte de superfície, fluviais e subterrâneos.

5 — Intensificação, encarando-se a adopção de novas modalidades de financiamento e de execução, do programa respeitante à habitação social.

6 — Conveniente cobertura escolar da cidade de Lisboa, que legalmente à Câmara está cometida em íntima conexão com o Ministério da Educação Nacional.

7 — Reestruturação e intensificação da actividade cultural, orientando-a no sentido de a mesma poder abranger, efectivamente, a grande massa dos munícipes.

8 — Saneamento da área de Lisboa, onde assumem particular premência, entre outros, o tratamento dos esgostos e controle de outras formas de poluição, bem como o abastecimento de água, de que a Câmara jamais se poderá alhear.

9 — Execução do empreendimento de Martim Moniz.

10 — Progressivo reordenamento urbano da cidade, onde a excessiva concentração actual o aconselhe e o mostre exequível.

11 — Exploração dos resultados alcançados através da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, com visto à criação de outras empresas do mesmo tipo, a que serão atribuidas funções de natureza essencialmente económica, hoje a cargo dos serviços municipais, mormente no sector dos abastecimentos.

12 — Contribuir, em tudo quanto estiver ao seu alcance, para a indispensável preservação e equipamento de áreas vizinhas que, pelas suas condições naturais, serão chamadas a desempenhar papel importantíssimo como zonas de recreio das populações da região de Lisboa.

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

7.693 — 12.000.000$00
29.568 — 2.000.000$00
12.094 — 500.000$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PREMIO

7.692 — 22.750$00
7.694 — 22.750$00

PRÉMIOS DE 20 CONTOS

1.547; 2.720; 4.361; 4.730; 4.863; 5.381; 6.458; 6.889; 12.124; 13.669; 13.989; 14.265; 14.966; 15.465; 16.770; 19.341; 23.556; 26.561; 26.804; 27.131; 27.942; 28.480; 29.473; 33.752; 34.036; 37.745; 38.173; 38.373; 39.656; 39.780; 41.410; 42.131; 42.949; 43.271; 43.439; 43.638; 43.688 e 43.714.

PRÉMIOS DE 1.500$00 (CENTENAS)

7.601 a 7.700; 12.001 a 12.100 e 29.501 a 29.600.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 101, 114, 158, 175, 264, 362, 364, 540, 578, 586, 596 ou 891, são contemplados com 2.500$00 no bilhete; os números cujos dois algarismos finais sejam 63 dão direito a 2.500$00, de prémio, e os terminados em 07, 54 ou 85, com 1.500$00. Por sua vez os números cujo algarismo final seja 3, têm direito a 1.000$00 de prémio, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 12.000 mil contos da sorte grande e os 500 contos do 3.º prémio grande foram distribuidos aos balcões da CASA DA SORTE

Um Jesus agressivo

Após uma alteração mais ou menos violenta à porta da sua residência, na Calçada do Combro, 38-4.º-Esq., com um indivíduo de nome Jesus, foram por este agradidos à facada na cabeça, os srs. Francisco da Encarnação Borrego, de 60 anos, barbeiro, e Cândida Lopes da Silva, de 63, que tiveram de recolher ao Hospital de S. José, onde ficaram internados dada a gravidade dos ferimentos recebidos.

Desastres na estrada

Recolheu aos Hospitais de Santa Maria, em estado grave, Vera Gonçalves Real Faria, de 30 anos, residente no Bairro da Nossa Senhora da Oliveira, 115, em Samora Correia, devido a ter-se despistado o automóvel que conduzia, no lugar do Infantado, Vila Franca de Xira.

No Hospital de S. José deu entrada esta manhã, também em estado grave, Carlos Duarte Rio Tomé, de 16 anos, trabalhador, residente em Bensafrim (Lagos), em consequência do choque de motorizada em que se fazia transportar com um automóvel, perto daquela localidade.

NA AVENIDA DE ROMA

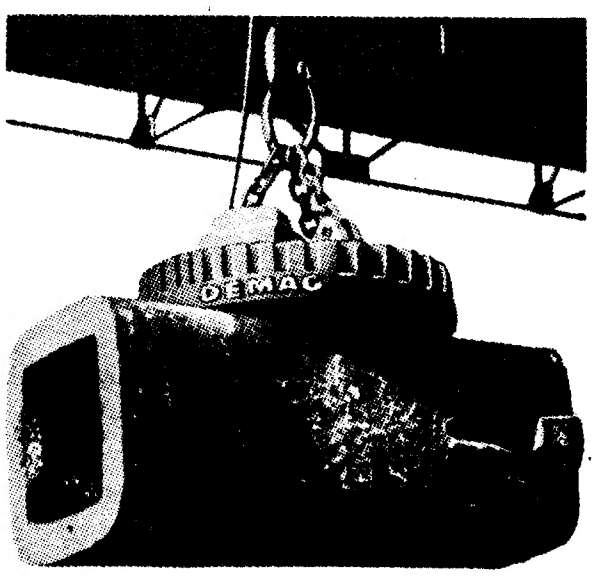
Terreno vendido a 45 contos o metro quadrado!

A mais 45 mil escudos (45 900$00) o metro quadrado foi esta manhã vendido, em hasta pública, um lote de terreno na Avenida de Roma, destinado à construção de escritórios e lojas comerciais.

Na hasta pública que teve lugar no Pavilhão dos Desportos, foram ainda arrematados os seguintes lotes de terrenos municipais: destinados a edifícios para habitação e comércio, um, na Rua Morais Soares e Largo Alferes Francisco Duarte, por 33 400$00 o metro quadrado; outro, na Rua Garcia da Orta, a 3550$00; e dois, na Rua J. à Quinta Dr. Moutinho, a 23 600$00 e 10 340$00, respectivamente; um para habitação ou escritórios na Rua Particular à Rua Luciano Cordeiro por nove mil escudos; outro também na Avenida de Roma por 16 100 escudos.

DEMAG
EQUIPA TODA A INDÚSTRIA

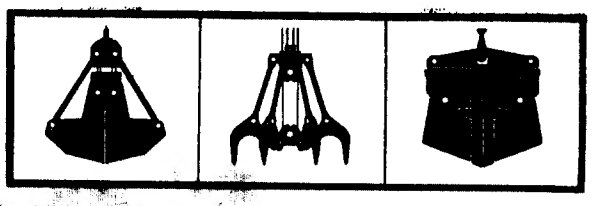
Electro imãs «DEMAG» de grande força de elevação e reduzido peso próprio asseguram o alto rendimento da sua instalação. Moderna construção e alta qualidade são garantia de segurança no seu funcionamento.



Electro imãs «DEMAG» simples e robustos podem ser fornecidos individualmente ou formando combinações que lhe permitam a solução de todos os seus problemas.

Electro imãs circulares, rectângulares, em forma de ferraduras, empilhadores de chapa, empilhadores de perfilados, etc.. Aguardamos a sua consulta para lhe darmos a nossa solução.

O seu êxito será o nosso!



ROMAR ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA
SOCIEDADE COMERCIAL ROMAR, LDA.
LISBOA — TRAVESSA DA GALÉ, N.º 5 — TEL. 639670/634081
PORTO — R. FERNANDES TOMÁS, 524-1.º ESQ. — TEL. 24408/25871/35509

TV DL/ESPECTÁCULOS

SUPERIORIDADE E PASTA DENTÍFRICA

Tudo ficou esclarecido. Já cada qual tem sua face definida. A honestíssima Isabel Burton acaba de consumar um dos maiores crimes literários do século passado ao queimar os 40 volumes do diário do amantíssimo esposo, e tudo a bem da sua alma dele. A cena do auto-da-fé apresentou-se com tamanha crueza decerto para ilustrar uma afirmação do explorador Stanley segundo a qual «os brancos são superiores em bondade e sabedoria». O mais engraçado é que, para ilustrar as suas próprias palavras, Stanley provoca um morticínio: «Vou castigá-los por assassínio traiçoeiro, mas não os destruo.

Que Stanley não destrói a multidão de negros que o ataca, pelos vistos deixa ainda alguns para semente, alma magnânima! Burton, o sem papas na língua, dir-lo-ia mais tarde que Stanley «se sentava num cochim de sangue». Tudo, está claro, para demonstrar a toda a gente que «os brancos são superiores em bondade».

São-no com certeza em inteligência. Recordemos como ele consegue converter à fé cristã o rei Mutesa apenas em 12 dias. Formidável: 12 dias apenas para branquear a alma do rei negro ou seja: o mesmo tempo que uma conhecida pasta dentífrica levava para nos branquear os dentes. Doze dias apenas...

LIVROS E NATAL

Ficam para trás **as nascentes do Nilo**. Fica também para trás mais uma emissão de «Livros e Autores» dedicada ao consumo de literatura pelo Natal época em que, para citarmos as palavras da apresentação enxundiosa, «a esperança do regresso ao paraíso renasce no coração do homem».

Depois, algumas palavras de pessoas que passam a vida em contacto com os livros. Armando Martins, da Livraria Bertrand, por exemplo. Palavras inteligentes boas de ouvir, palavras de confiança no livro, no amor do livro: **«Durante o Natal vende-se em qualidade, o que é um consolo, há o desejo de comprar o livro bom»**.

Claro que quem diz Natal diz literatura infantil. Eis porque, judiciosamente, «Livros e Autores» quer saber alguma coisa a respeito disso e vai ouvir três escritores: Alice Gomes, Maria Isabel de Mendonça Soares e Adolfo Simões Muller.

Esclareceu-nos Maria Isabel que a literatura infantil de produção nacional não pode competir com a estrangeira nem pela quantidade nem pela qualidade gráfica. Uma frase: «Somos muito poucos e escrevemos pouco». As nossas crianças têm uma grande falta de albuns de estudo brincado, de obras de documentação. Recordou que a novela infantil é pràticamente inexistente entre nós. Outra frase: «Escrevemos demasiadamente longe da criança».

Adolfo Simões Muller verifica a necessidade de uma crítica à literatura infantil, apta a levar as pessoas a separar o trigo do joio. Fustiga, com carradas de razão, o processo «industrial» que consiste na importação de fotolitos e convidarem-se depois os escritores portugueses a redigir as legendas...

Alice Gomes, por sua vez, referiu que o mercado do livro infantil é muito rico. Referiu ainda que é rara em Portugal a grande literatura infantil, mas que lá fora também não há em grande quantidade. Depois, uma afirmação surpreendente: **«Não faltam livros para crianças em Portugal»**.

Talvez não fosse bem isto o que Alice Gomes pretenderia dizer. Ou seja: talvez o que a escritora queria dizer fosse isto: não faltam livros maus. Porque quando precisamos de obter um livro infantil que valha a pena e andamos de livraria em livraria com a lanterna de Diógenes e regressamos ao fim da tarde com as mãos vazias — nesse momento as nossas palavras doridas são bem outras: **Não há livros para crianças em Portugal...**

De qualquer modo, o inquérito não passou de um mini-inquérito. Os editores teriam também uma palavra a dizer ou mesmo duas.

Canal da crítica

Por MÁRIO CASTRIM

HISTÓRIAS DA MÚSICA CONSTRUIR UM TECTO

Tudo passou. Na nossa memória — no nosso coração, se preferirem — fica um nome: António Victorino d'Almeida. Um homem que traz a televisão nas veias. Que tem o segredo dos pequenos gestos que nos comovem e nos ensinam mais do que muitas palavras. Aquele desfolhar de algumas notas grotescas no piano que foi de Schubert explicou-nos muito das dificuldades, da miséria, da coragem do compositor...

António Victorino d'Almeida possui igualmente o segredo da organização das vias para atingir o telespectador. Ele sabe como iniciar uma história de modo a agarrar-nos de imediato. Repare-se no início da história de ontem: ele vai alugar um quarto, em Viena. Para o aluguer, são-lhe propostas pela senhora Valquíria, condições bizarras. Entre elas, a de deixar mostrar o quarto aos turistas sempre que a ocasião se proporcionasse...

Assim se abre uma clareira de ficção. Tudo se passa como se António Victorino d'Almeida nos fosse contar uma história. E vai mesmo. Uma história de música por onde circula sangue vivo de gente viva.

Depois as palavras. As palavras que António Victorino d'Almeida utiliza com extraordinário poder de significação: **«O grande problema está sempre nos tectos, porque paredes e muros é o que não falta nesta vida»**.

Nesta frase ia assentar toda a estrutura da pequena e dramática história de Schubert, o relato do seu esforço para vencer os muros e as paredes. Esforço que irmana Schubert e tantos, tantos outros homens. Quase todos os homens que querem fazer alguma coisa, construir algum tecto.

Certamente na história de ontem o texto de António Victorino d'Almeida «soube» um tanto a literatura, ou seja: ter-lhe-á faltado a espontâneidade, a oralidade, a vivacidade de programas anteriores e que constituem, afinal de contas, grandes trunfos de «Histórias da Música». Não faltou, porém, o calor humano, a intenção crítica, a capacidade de divulgação.

E agora, sim. Agora, António Victorino d'Almeida tem o lugar de oiro no horário da Televisão. Lugar que merece. Porque soube destruir muros. E construir um tecto.

Exposição da Aeronáutica Civil

Encerrou hoje a exposição comemorativa do 25.º aniversário da criação da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, a qual esteve patente ao público, durante vários dias, na Sociedade Nacional das Belas-Artes.

A grande maioria dos visitantes, que acorreram à exposição, eram gente jovem e interessada pelos problemas da aeronáutica.

Teatro Municipal DE SÃO LUIZ
Ruth Escobar
APRESENTA
ÀS 21.45
ÚLTIMOS DIAS
Missa Leiga
de CHICO DE ASSIS
O maior sucesso dos palcos brasileiros de 1972.
SÁBADO:
«MATINÉE» ÀS 18.30 H.
M/14 anos

HOTEL EMBAIXADOR
TRADICIONAL «RÉVEILLON» COM UM MAGNÍFICO «SHOW»
RICKY MAY
LENITA GENTIL
3 HERMANIS
HIGH SOCIETY BALLET
Música constante por dois conjuntos modernos
PREÇOS: Restaurante e boite — Ceia, com reserva de mesa, 350$00. (Taxas e impostos não incluídos).
(Grupo C — M/14 anos)
NO DIA DE ANO NOVO
Jantares com ementa especial ao preço de 150$00
(Taxas e impostos não incluídos)

ONKYO
CANAIS STEREO
SOM CIRCUNDANTE

beba White Horse em qualquer sítio

White Horse Scotch Whisky
Agentes: Costa Pina & Vilaverde, Lda. - Porto • J. A. da Costa Pina & Cia. - Lisboa

DL/ESPECTÁCULOS

DL show

"Sidarta": Romance de Hesse no cinema

Em 1966, quando a juventude norte-americana descobria **O Lobo da Estepee Demian**, o Festival de Veneza premiava com o **Leão de Prata** o jovem poeta e milionário Conrad Rooks, que acabara de realizar o seu primeiro filme — **Chappaqua** —, uma estranha e complexa viagem interior, realizada a partir de um poema seu, de louvor aos índios. O elenco era constituído por Jean-Louis Barrault, o poeta Allen Ginsberg, William Burroughs, Ravi Shankar e por índios da tribo Cheyenne. O filme, que foi considerado como uma tentativa de visualizar as experiências sensoriais realizadas com a mescalina, foi catalogado pela crítica como parte importante da contra-cultura hippie.

Hoje, quando o movimento hippie e as suas sonoras e coloridas experiências chegam ao fim e quando todos os que nele militavam procuram as pilulas e os analistas, o poeta Conrad Rooks sentiu que na Alemanha a popularidade de Herman Hesse estava a aumentar e que, na Escandinávia havia livrarias só com os seus livros. Foi para lá que ele partiu, em busca, não apenas de Hesse, mas do convívio com os milhares de jovens influenciados pela sua obra. Na volta, Conrad Rooks anunciou que estava a preparar o seu segundo filme, baseado num dos mais famosos livros de Hesse: **Sidarta.**

— **«Desde que li, aos 17 anos, o livro «Sidarta», esperava que alguém fosse filmar a obra de Hesse. Pensei: aqui estão histórias para a nossa idade, para os nossos problemas particulares. E indagava-me por que é que ninguém tinha ainda descoberto o poder desses livros. Viajei pelo Oriente, antes mesmo que, em Nova Iorque, Allen Ginsberg começasse a cantar «Om Shanti», e naqueles tempos os Beatles estavam a descobrir o Zen».**

Conta Conrad que estudou durante três anos a cultura indiana, viajou pela Índia inteira e quando chegou o tempo de realizar **Sidarta** as suas posições eram certas, o seu sentimento autêntico:

— **«Passei pelo inferno do alcoolismo e da droga, curando-me sòzinho, ajudado pelo Yoga. A imagem deixada pelo meu primeiro filme é a de uma pessoa descalça, e sgora sou um homem que se veste normalmente.»**

— **«Tive muita sorte durante a minha estada na Índia. Recebi ajuda do Governo, o que facilitou em muito o nosso trabalho. Começamos as filmagens no início do ano, mas tivemos de parar por causa da guerra. Durante o conflito ficamos confinados num hotel, sem poder sair para lado nenhum. Estávamos a filmar em áreas estratégicas e com a lei marcial isso não foi mais possível. Depois da guerra e com algum atraso, retomámos os nossos trabalhos».**

Para filmar Sidarta Rooks contratou uma equipa internacional. O **camara-man** Sven Nykvist, já fez uma dezena de filmes com Ingmar Bergman. Para interpretar o papel de Sidarta, chamou o actor indiano Shashi Kapor. Kamala, uma bonita cortezã, é vivida pela actriz Sini e Govinda, o camarada de Sidarta é também interpretado por um indiano. Charles Boyer interpreta também um dos papéis do filme.

O livro, Portugal já o conhece. Conta a história do filho dum rico negociante, que sai de casa em busca da serenidade e do equilíbrio interior. Isso resulta na mistura de um misticismo profundo em choque com os toques materiais que a vida lhe foi pondo à frente, bem como as metamorfoses que dele exigem prontas e inusitadas reacções. O ingénuo «Brahmin» com o seu amigo Govinda, ao encontro do Santo Sadhus. O encontro com Buda em que Sidarta não consegue a sonhada iluminação. A cortesã Kamala no seu caminho e ele cai de amores. Trabalha com o mercador rico, aprende sobre o amor, e um dia cruza o rio a caminho da casa do seu pai. Antes de chegar encontra Vasudeva, onde a paz morava junto. Um dia vê o rio a ser cruzado por um velho monge. Seguindo-o, ele consegue andar sobre as águas. Estava iluminado.

Os pais de Herman Hesse foram missionários na Índia e o próprio escritor esteve lá em 1918: escreveu **Sidarta** em 1922. Segundo a crítica, da época, inspirou-se Hesse numa lenda já escrita antes pelo inglês sir Edwin Arnold, em 1857.

Quanto ao filme, os que o viram em Paris, dizem que Conrad Rooks conseguiu captar inteiramente, não só a atmosfera mística da Índia, mas a essência do próprio Hesse. As imagens são lentas, de movimento quase vaporoso, mas repletas, de simplicidade.

W.D.

NACIONAIS

STRIT-TEASE NO ABC — Pela primeira vez em Portugal vai haver **strip-tease** num teatro. A inovação é da responsabilidade dos directores do Teatro ABC, que contrataram, através do empresário Artur Pereira, uma macaquinha, cuja especialidade é justamente a de se despir em público. A nova actração estará no elenco de **É o Fim da Macacada,** a partir de Janeiro.

CLARA NUNES NA RTP — A cançonetista brasileira Clara Nunes será a atracção principal do programa «Domingo à Noite», que será gravado no Teatro Villaret na próxima quarta-feira, dia 3 de Janeiro. Clara, que começou a cantar no programa de calouros do animador Abelardo **Chacrinha** Barbosa, é hoje um nome de destaque da música popular brasileira.

DESERTO VERMELHO — Para os cinéfilos, aqui vai uma boa notícia: hoje, pelas 18,30 horas, no Jardim Cinema, será axibido o filme de Antonioni **O Deserto Vermelho.** esta projecção está inserida na programação de Dezembro do Cineclube Imagem.

ÓPERA PARA O POVO — A partir do dia 31 serão iniciadas as vendas dos bilhetes avulsos para as récitas populares da próxima temporada de ópera do Teatro Nacional de São Carlos. Os espectáculos, que serão realizados no Coliseu dos Recreios, obedecem à seguinte programação: **Porgy and Bess,** dia 16 de Janeiro; **Carmem,** dia 14 de Março; **Tosça,** dia 21 de Março; **O Trovador,** dia 3 de Abril e **Parsifal,** dia 2 de Maio.

RONDA FINAL

OS DIRECTORES do Teatro ABC não dormem no ponto: apesar do sucesso de «É o Fim da Macacada» augurar uma longa vida para o espectáculo, eles já têm engatilhada uma nova revista, «O Jacaré Incomoda», que deve entrar em fase de ensaios no próximo mês de Fevereiro. **ALIÁS,** por esta época a macacada estará iniciando uma digressão ao Porto. **COMPLICAÇÕES** na família Marx: a mulher de Zeppos, um dos quatro irmãos Marx, intentou uma acção de divórcio. Barbara (este é o nome dela) e Zeppos estão separados há cinco semanas. Casaram-se em 1959, em Las Vegas. **GAL COSTA,** uma das maiores intérpretes da moderna música popular brasileira, virá pròximamente a Portugal. Na sua agenda, certamente, estará a gravação de um show para a RTP. **O ROYAL** Ballet da Inglaterra, cuja estrela é Margot Fontaiyn, deve ir ao Brasil em 1973. O anúncio foi feito pela direcção do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. **O DUO** «Ouro Negro» está a programar uma digressão ao Brasil. A viagem, entretanto, está ainda no papel. **MILTON** Nascimento, o criador de «Travessia», revelou no Rio de Janeiro, a sua intenção de fazer alguns espectáculos em Lisboa e Porto. A África também está nos seus planos. **DE** Paris, recebo a notícia de que Romy Schneider esteve internada num hospital. Motivo: depressão nervosa e fadiga. **A ACTRIZ,** cujo estado de saúde agora é considerado «óptimo» já tem programado dois filmes para 1973. O primeiro será «O Comboio», baseado numa novela de Georges Simenon. O outro é «A Última Mulher», que será realizado pelo italiano Marco Ferrari. **OUTRO** brasileiro que tem Portugal nos seus programas para 1973: Gilberto Gil. Com ele, certamente, virá Caetano Veloso. **COMEÇAM** no próximo ano as filmagens de «Depois da Guerra, o IV Reich», obra que será transposta para o cinema pelo jornalista Ladislas Farago. O filme é baseado, não apenas no caso de Martin Borman, mas na fuga da Alemanha de outros dirigentes nazistas.

VÁ AO TEATRO!!!

CINCO ESPECTÁCULOS RECOMENDADOS POR VASCO MORGADO

TEATRO Telef. 864756

LAURA ALVES

Rua da Palma
TODAS AS NOITES
21.45 H.
Domingos e Feriados
«matinées» 16 h.

ÚLTIMOS DIAS

a peça de **Henry Denker**

O PRINCÍPIO E O FIM

Elenco
por ordem de diálogo
JACINTO RAMOS—LIA GAMA — LÍGIA TELES — COSTA FERREIRA

9.ª SEMANA

Espect. Subs. Fundo de Teatro
50% desconto a estudantes e sócios do sindicato
GRUPO D - M/ 18 anos

TEATRO Telef. 326037

VARIEDADES

HOJE, AMANHÃ
E DEPOIS
2 sessões
20.45 e 23 h.
ÚLTIMOS DIAS
SIMONE
na divertida comédia

A CAMA DOS COMUNS

com
ARMANDO CORTEZ
nos protagonistas
IO APOLONI
F. BORSATTI
MANUELA MARIA
DARIO DE BARROS
LUÍS ALBERTO
e a colaboração especial de
JOAQUIM ROSA

16.ª SEMANA

GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 538586

VILLARET

ÚLTIMOS DIAS
HOJE, AMANHÃ
E DEPOIS
2 sessões
20.45 e 23 h.
JOSÉ VIANA
numa espantosa comédia

SUA EXCELÊNCIA O PENDURA

com
DORA LEAL
a revelação da temporada no teatro declamado
HENRIQUE VIANA
MANUELA CASSOLA
LUÍS SANTOS
e a participação de
MARIA PAULA

18.ª SEMANA

GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 361740

MARIA VITÓRIA

2 SESSÕES: às 20,45 e 23 horas
Domingos e Feriados «matinée», às 16 h.
SALVADOR IVONE SILVA
BARROSO LOPES
GUIDA MARIA
na super-revista popular

CÁ VAMOS PAGANDO E RINDO

com
VICTOR MENDES
CARLOS QUEIROZ
a atracção sul-americana
VERA SANDERS
a grande revelação
CIDÁLIA MOREIRA
e colaboração especial de
HENRIQUE SANTANA
e um fabuloso
BALLET INTERNACIONAL
Produção de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado
Grupo D/18 anos

TEATRO Telef. 327493

CAPITÓLIO

DENTRO DE DIAS
ESTREIA
UMA COMÉDIA INGLESA com
FLORBELA QUEIRÓS
colaboração especial
IRENE ISIDRO

SEXO ... SOMOS BRITÂNICOS

(no sex please, we are British)
e pela 1.ª vez em comédia
OCTÁVIO DE MATOS
um elenco notável
ENCENAÇÃO DE
M.ª HELENA MATOS
CENAS de
OCTÁVIO CLÉRIGO

Grupo D — 18 anos

COMUNA

Teatro de Pesquisa
SÓ ATÉ SÁBADO
Diàriamente às 21,45
PARA ONDE IS?
Grupo C/14 a.
Praça José Fontana, 12-B
(frente Liceu Camões)
Sub. Fund. Gulbenkian
PREÇO ÚNICO 20$00
SÁBADO e DOMINGO
Matinée infantil

Dia de Ano Novo no **MONUMENTAL** — Para m/ 4 anos — «MATINÉE», às 18,30 h.
«AS AVENTURAS DE BATATINHA E CASAÇÃO»
no **TEATRO LAURA ALVES** — Sábado às 16 h., Domingo e dia de Ano Novo às 11 h. da manhã m/ 4 anos
«PLUFT O FANTASMINHA»

Quando for viajar
lembre-se que a STAR lhe pode reservar e emitir bilhetes para qualquer parte do Mundo. Podemos poupar-lhe um tempo precioso sempre que precisar de
PASSAGENS
de avião, de barco, de autocarro ou de comboio, rigorosamente aos preços oficiais. Proporcionamos-lhe também o aluguer de automóveis com ou sem condutor em Portugal e em todo o Mundo.
STAR

DL/ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE CINEMA

LAURO ANTÓNIO

Um mecânico na Colina do Terror

Título: **O MECÂNICO** (The Mechanic)
Realização: Michael Winner, 1972 (EUA)
Intérpretes: Charles Bronson, Jam Michael Vincent, Keenan Wynn, Jill Ireland, etc..
Distribuição: Rank Filmes.
Estreia: Cinema S. Jorge (21.12.1972)

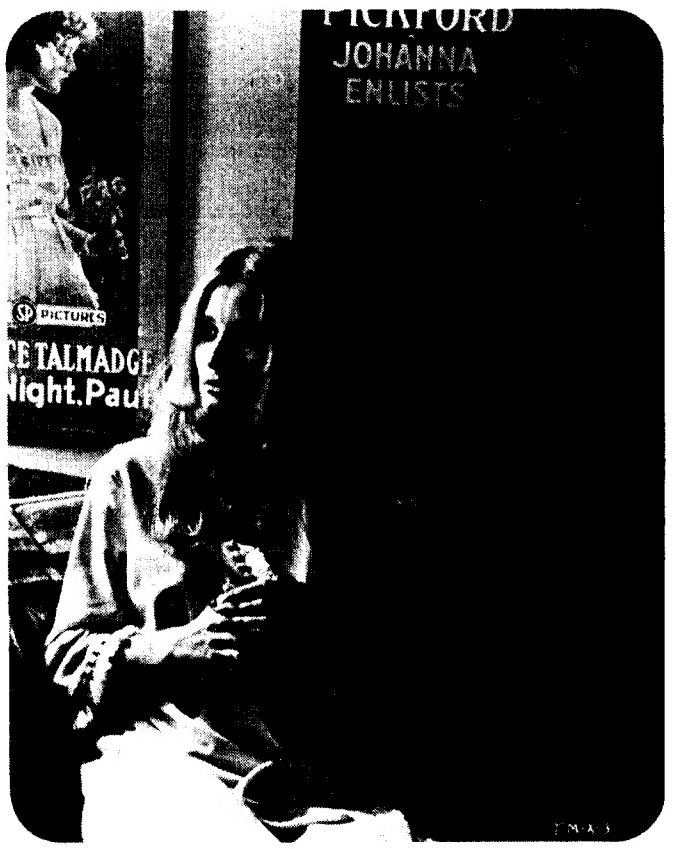
Título: **A COLINA DOS SARILHOS** (Boot Hill)
Realização: Giuseppe Colizzi, 1972 (Itália)
Intérpretes: Terence Hill, Bud Spencer, Woody Strody, Eduward Cianelli, Victor Buono.
Distribuição: Distribuidores Reunidos
Estreia: Cinema Politeama (21.12.1972)

Título: **A ILHA DO TERROR** (The Night the Silicates Came)
Realização: Terence Fisher, 1966 (Inglaterra)
Intérpretes: Peter Cushing, Edward Judd
Distribuição: Filmitalus
Estreia: Cinema Olímpia (17.12.1972)

Michael Winner foi um homem em quem depositámos algumas esperanças. Dele chegámos a ver filmes extremamente interessantes, como **O Falhado, Quem Robou a Coroa?**, mesmo **Os Elefantes de Hanibal**. Para trás destes filmes, ficava uma já vasta filmografia, onde avultavam argumentos e realizações diversas. Agora, Michael Winner surge-nos nos EUA, dirigindo **The Mechanic**, com Charles Bronson no protagonista. Sabe-se ainda que este é já o seu terceiro ou quarto filme realizado na América, depois de **Chato's Land**, com Charles Bronson e Jack Palance e de **Scorpio**, com Burt Lancaster, Alan Delon e Paul Scofield (títulos que, como é vulgar na distribuição portuguesa, ainda nos não visitaram). Para já, portanto, Michael Winner parece ter entrado na grande roda, com orçamentos elevados, grandes vedetas, etc. Homens há (poucos) que sabem manter-se firmes, mesmo no interior de uma tão grande engrenagem. Mas, Winner, a ajuizar por este **O Mecânico**, parece disposto a abdicar de quase todas as suas características (e porque não: ambições). **O Mecânico** é um filme arrevezado, pretencioso, desagradável, na linha de uma série de policiais que tiveram os seus bons momentos, por exemplo em **A Queima Roupa**, de Boorman, em **Bullit**, de Yates, em **Os Incorruptíveis contra a droga**, de Friedkin, mesmo na **Carne de Primeira**, de Ritchie... **O Mecânico**, porém, nada mais faz do que procurar as receitas, bater em todos os pontos, não descurar qualquer migalha. A sequência com Jill Ireland é por de mais flagrante. Como não havia quase mulheres na história, vá de meter uma, resolutamente à pressão. Depois, os diálogos são de uma redundância inacreditável num produto americano, que diga-se o que se disser, é um cinema que sabe falar por imagens, guardando para o espectador as tiradas moralistas e as grandes explicações. Aqui, quase tudo é arrastado, mastigado, enfático. E, todavia, o filme parece começar no bom caminho, com uma sequência de abertura escorreita, sintética, sem uma única palavra. Mas depois de definida personagem e os seus métodos, o restante está a mais e faz-nos descrer de quem afinal nos havia surpreendido talvez am vão. Á espera ficamos de novos indícios. Uma andorinha não faz a primavera, mas as perspectivas não são brilhantes...

2. Mais um **Western** italiano? Evidentemente, que nao há semana sem novo(s) título(s). Desta feita **A Colina dos Sarilhos**, com os herois que fizeram o êxito de **Trinitá**: Terence Hill e Bud Spencer. O filme é bastante mais aceitável do que a grande maioria dos **Westerns spaghetti** que nos visitam anualmente, mas também anda muito longe da graça, do cinismo, do rítmo de **Trinitá.** A notar, a introdução de alguns elementos interessantes: Terence Hill, fugindo de um bando de malfeitores que o perseguem, mete-se na carroça de um circo e acaba por imiscuir nas suas aventuras toda a **troupe** (onde Woody Trody é trapezista de méritos). O circo acaba assim por juntar-se à imagética do **far wesi** com algumas felicidade. Mas, os resultados ficam quase sempre muito aquém do que se poderia esperar.

3. Terence Fisher vê agora estrear-se entre nós um seu filme de 1966: **The night the Silicates Came**, também chamado **The Island of Terror.** bastante interessante, como aliás o são quase todos os filmes assinados por esse regular e já prestigioso Terence Fisher, **Island of Terror** fala-nos de uma ameaça que paira sobre a Inglaterra, após as experiências de um cientista que, procurando a cura do cancro, liberta forças desconhecidas que se transformam em «silicatos». Perante os «silicatos», nada parece estar a salvo e o terror invade a grande ilha. Inquietante e muito bem interpretado pelo veterano Peter Cushing, **A Ilha do Terror** mereceria mais do que a semana da praxe na popular sala do Olympia. Resta-nos agora esperar pelo filme numa qualquer meia noite. Mais um título que se recomenda sos entusiastas da ficção-científica, muito embora



Jill Ireland é a estrela de «O Mecânico»

TEIAS METÁLICAS
Todos os números e larguras
CASA CHAVES
CAMINHA
Lisboa — Tel. 725163

3K
OFERTAS DE NATAL
Rua Pascoal de Melo, 47
LISBOA

máquina de lavar roupa
Candy
a única com economizador

TORRALTA
REVEILLON ALGARVE
ADEGA TORRALTA
os artistas convidados
Carmelita
António Mourão
Grupo C 14 anos
Manillas Festival Show e Paco Santa Cruz
toda a noite música para dançar
TORRALTA
o Seu Lugar no Novo Ano
marcações
Av. Duque de Loulé, 66/A Lisboa
telefs 555400-555562
Praia de Alvor-Algarve
telefs 32128-32211/2-32251/2 «Portimão»

PASSAGEM DE ANO
PORTO DAS BARCAS
ESTALAGEM S. JOSÉ — LOURINHÃ
de JOSÉ FILIPE
Autêntico Brinde para os nossos Clientes
Música para dançar e Variedades com IVONE
e os consagrados palhaços ATRACÇÃO DO DIA
TOTÓ CAMPOS e COMPANHIA
CEIA E ESPUMANTES
Ementa: Sopa lagosta, lagosta suada e febras A. S. José
Marcação de mesa — Preço p/ pessoa 200$00
MARCAÇÕES ATÉ AO DIA 29 — Telefone 4 20 95

NOVA APRESENTACÃO DO FILME MAIS EXCITANTE! EXCEPCIONAL! EXPLOSIVO!
BURT LANCASTER LEE MARVIN ROBERT RYAN
JACK PALANCE RALPH BELLAMY CLAUDIA CARDINALE
OS PROFISSIONAIS
Argum. e real. de RICHARD BROOKS
Baseado no liv. de FRANK O'ROURKE
musica de MAURICE JARRE
PANAVISION
TECHNICOLOR
GRUPO C 14 ANOS
ÀS 21,45
ALVALADE
2.ª SEMANA
ÀS 21,30
EUROPA

BEBÉS
Camas, porta-bebés, conjuntos, carros, cadeiras, banheiras, parques, andadores, triciclos e automóveis, fabricante vende directamente ao público. «BAVÁRIA», Av. da Igreja, 9-B e R. dos Correeiros, 184 - 2.º

DL/NACIONAL

1972- balanço pedagógico

ANO MORTO, ANO POSTO

Por CALVET DE MAGALHÃES

A parte final do relatório que a U.N.E.S.C.O. publicou, para uma nova estratégia da educação, contém 21 objectivos considerados como grandes metas a atingir no decénio de 1970 - 79. As referidas conclusões insertas no «Courier», de Novembro de 1972, foram divulgadas por quatro diários e três semanários portugueses. Para observarmos a nossa situação educativa, quanto ao balanço de 1972, tem interesse cotejarmos os citados pontos com alguns apontamentos:

«—Em referência à educação permanente, entrou em funcionamento a Direcção-Geral da Educação Permanente (criada em 17/9/71).

2 — Como prolongamento da educação a todas as idades, podemos apontar o lançamento dos 7.º e 8.º anos, o aumento de Universidades e escolas superiores, o anúncio que se deve completar em 1973 a rede escolar relativa à obrigatoriedade de seis classes, o facto de em 1972 haver 316 escolas preparatórias (em 1968 existiam 136), a existência de 143 liceus (em 1968 havia 84), o funcionamento de 151 escolas técnicas (em 1968 estavam organizadas 96). Além disso criaram-se 280 postos oficiais do Ciclo Preparatório TV, várias escolas do ensino básico no estrangeiro e tornou-se gratuito o Ciclo Preparatório.

3 — A educação passou a ser ministrada por maior número de meios.

4 — Fazem-se tentativas para abolir as barreiras artificiais ou desusadas entre as diferentes ordens de ensino. Foi aunciada a criação de escolas secundárias geminadas (liceu e escola técnica); a equiparação entre as ordens de ensino foi alargada, aboliu-se o regime de alíneas no ciclo complementar do liceu.

5 — A educação das crianças de idade pré-escolas (grande objectivo da U.N.E.S.C.O.) começa a esboçar-se entre nós no ensino oficial. Foi anunciada a entrada em funcionamento, em 1973, de duas escolas do Magistério de Educadores de Infância. Como se sabe o ensino pré-escolar foi oficial até 1937.

6 — Quanto aos jovens condenados a passar sem instrução foram organizados, pela primeira vez, transportes escolares (através de subsídios) para resolver os mais difíceis casos.

7 — Aparecem tentativas e estudos para dar à educação, desde a primária, um carácter que a torne ao mesmo tempo técnica, tecnológica, prática e manual, (trabalhos oficinais no ensaio do novo 3.º ano, educação visual no curso geral do comércio).

8 — A educação deve tender para facilitar as reconversões profissionais. O intercâmbio no ensino secundário acentua-se, a criação dos institutos politécnicos é nesse caminho uma indicação.

9 — A responsabilidade da formação técnica, que não devia incumbir sòmente ao sistema escolar, está entre nós sòmente amparada pelas empresas privadas através dos estágios e das Comissões do Patronato.

10 — A diversificação do ensino superior foi anunciada no fim do ano, pelo prof. Veiga Simão, com a criação de novas universidades, escolas superiores e novos cursos.

11 — O aceno aos diferentes tipos de ensino a depender sòmente das capacidades e aptidões de cada um, está por orientar entre nós. O prof. Costa André aludiu ao facto no acto da sua tomada de posse como Secretário de Estado.

12 — O desenvolvimento rápido da educação dos adultos. Pode-se apontar a admissão dos autodidatas com mais de 25 anos às universidades e o ensino liceal nocturno.

13 — Articulação da alfabetização nos objectivos sócio-sconómicos do país.

O prof. eng.º Leite Pinto, no parecer da Câmara Corporativa, cita o facto do nosso retrocesso após a Campanha de Alfabetização dos Adultos, empreendida pelo dr. Veiga Macedo.

14 — A ética da educação tende a fazer do indivíduo o senhor e autor do seu próprio progresso cultural. Realizou-se em Portugal um colóquio sobre Criatividade (a «mesa fechada» como noticíou um vespertino). Os nossos programas e organização escolar necessitam de remodelações profundas para se atingirem esses objectivos.

15 — Os sistemas educativos devem ter em conta as novas técnicas. Sem modificar as estruturas tradicionais estão a generalizar-se novos recursos didácticos, com os inevitáveis extremismos.

16 — Os professores devem ser preparados de harmonia com as tarefas das novas tecnologias educativas. O sistema de estágio foi novamente remodelado em 1972 e estão-se obtendo algumas situações positivas neste campo. A impossibilidade de os professores se constituirem em associação profissional dificulta uma melhor formação.

17 — A função docente não deveria implicar qualquer hierarquização. Como se sabe a profissão docente entre nós não dá direito à promoção (à excepção de casos especiais de professores primários admitidos, raramente, aos estágios do ciclo preparatório). Um professor do liceu não sobe à Universidade mas há professores universitários (assistentes) que nem sequer têm qualquer formação profissional. Pode-se nomear para um Instituto médio o simples licenciado e pôr de parte professores efectivos, com Exame de Estado, do ensino técnico.

18 — Tornar os professores mais educadores que especialistas, através da modificação da sua formação, é coisa que marca passo. Cada ordem de ensino compreende grupos e cada um deles é cada vez mais especializado.

19 — Aceitar que operários, técnicos e alunos se educarão a si mesmo educando os outros é orientação que colida com as nossas estruturas (entrada de pessoas «estranhas» ao ensino nas escolas, pedido de autorização, definição de responsabilidades, etc.).

20 — Adaptar o ensino ao aluno e não este às regras pré-estabelecidas é o sintoma geral que se imprime na orientação dos estágios e nas organizações escolares, embora a nossa concepção de escolas não esteja preparada para isso.

21 — Envolver os que aprendem nas responsabilidades da sua educação, como pelo conjunto de que fazem parte, é outra directriz que se vê emanar. São poucas as escolas que, no entanto, a aproveitam.

TOTAL

Sem abordar o que transita em negativo (a situação do ensino universitário; os três anos, sobre o defunto 1969, que marcam uma dívida aos professores do ciclo preparatório; o problema do serviço dos reitores e directores, etc.), há realizações que importa realçar: as transformações introduzidas na estrutura do Ministério da Educação Nacional em consequência da Lei Orgânica publicada em 27 de Setembro de 1971, e que se esperam não terem sido efectuadas sòmente para dominar a burocratização do ensino; o ensaio de novos programas e concepções de averiguação dos conhecimentos dos alunos; os aspectos das novas técnicas; os vastos investimentos (os maiores de sempre mas mesmo assim a debaterem-se com a recuperação de atrasos que não eram de admitir); o desejo aberto de diálogo constantemente motivado pelo prof. Veiga Simão; os novos empreendimentos ao

nível superior; a entrada em realização da Acção Social Escolar (subsídios, seguros, saúde escolar, alimentação, transportes); a cobertura da rede escolar, com um aumento (em 1972) no ensino primário de 45 por cento, no ensino secundário (técnico e liceal da ordem dos 400 por cento, no ensino médio de 230 por cento, no ensino normal de 150 por cento, no ensino superior de 220 por cento, etc. São «realizações» que denotam claramente o efeito do desenvolvimento económico e provam como a evolução dos modos de vida abalam a estagnação escolar de maneira a não deixá-la envelhecer.

A aceitação deste envelhecimento é trágica. Temos que saber o que faremos melhor no ano seguinte, tendo mais um ano sobre as nossas costas. Só podemos «envelhecer» para benefício da educação, mas sem aparecermos descorados e desbotados perante os espelhos. A experiência sòmente é útil se nos aumentar a vontade de sair de caminhos trilhados e retrilhados e nos mover a procurar — para nosso conforto — aspectos novos e originais, melhorias e rejuvenescimento da nossa acção. Isto permitir-nos-à não soçobrar na rotina, rejustar os nossos métodos, reinventar os nossos conhecimentos no mundo moderno.

As novas sociedades tornam-se bastante educativas mas em constante transformação. Se outrora o tempo de educação era bastante delimitado (na vida de um homem, nas idades da escola e da aprendizagem) nas actuais circunstâncias o indivíduo encontra-se cada vez mais frequentemente colocado em posição de aluno ou de professor. A modificação acelerada das condições de vida assim o impõem.

Se no entanto as novas sociedades se tornam totalmente educativas não podemos fazer já confusão entre escolariedade (o Ministério da Educação Nacional sòmente a conhecer problemas escolares) e educação (ocupação geral não confiada sòmente a educadores de profissão) e considerar que a escola detém o monopólio da educação. Isto leva-nos a pensar que a reforma do nosso sistema escolar não é senão um problema menor.

LIVROS QUE EDUCAM OS PAIS
A EDUCAR OS SEUS FILHOS

Colecção «Biblioteca dos Pais»
de Publicações Europa-América

—— Primeiros Volumes ——

ANTES DA FALA,
de Anne Sommermeyer

ESCUTA, MAMÃ !,
de Jacqueline Yvès

Próximos lançamentos:

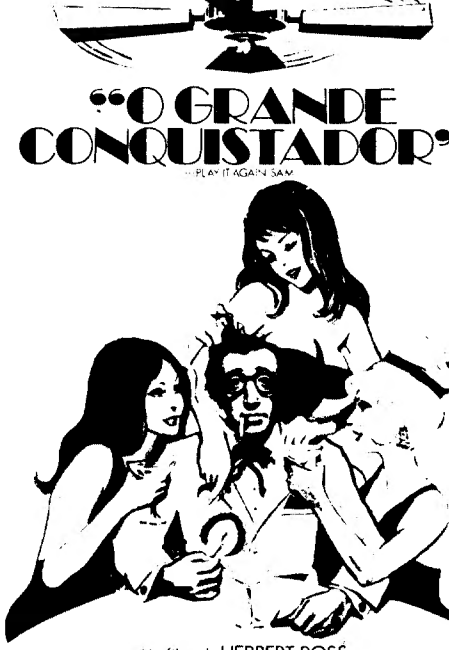
Eles ainda Molham a Cama
Os Meninos, donde vêm ?

Uma colecção dirigida por especialistas mundiais em psico-pedagogia

Cada volume: 30$

PUBLICAÇÕES EUROPA - AMÉRICA
Apartado 8 — Mem Martins

WOODY ALLEN GENIAL



Um filme de HERBERT ROSS
com
WOODY ALLEN
DIANE KEATON TONY ROBERTS
TECHNICOLOR GRUPO D 18 anos

2.ª SEMANA
estúdio Apolo 70

WOODY ALLEN GENIAL

PRÉMIOS CRÉDITO PREDIAL DE TELEVISÃO—4.º TRIMESTRE

Considero que o melhor programa português apresentado neste trimestre pela Rádio Televisão Portuguesa foi _____

Nome _____

Morada _____

Cole este cupon num postal e envie-o pelo Correio para a sede do Crédito Predial Português. Rua Augusta, 237, Lisboa, até ao próximo dia 3 de Janeiro.

No dia 10 de Janeiro de 1973 realiza-se o sorteio de uma conta-depósito de Esc. 15 000$00, entre todos os cupons recebidos nestas condições.

DL/GERAL

FESTAS DE NATAL

O 2.º Grupo de Escuteiros de Portugal efectua, no dia 31, às 10 e 30, no Ginásio da sua sede, situado na Calçada da Ajuda, a sua tradicional Festa de Natal, durante a qual serão distribuidas roupas, calçado, cobertores e géneros alimentícios a 130 pobres, número em que estão incluidos alguns inválidos. Serão distribuidos, ma mesma ocasião, livros, brinquedos e guloseimas a 50 crianças.

GEL-MAR

Decorreu no passado dia 22, no Cinema Restelo, a Festa de Natal que o Grupo Desportivo da Gel-Mar leva todos os anos a efeito e durante a qual são distribuidos brinquedos, roupas e merenda aos filhos dos trabalhadores daquela empresa.

FUNCIONARIO PORTUGUÊS HOMENAGEADO PELA EMBAIXADA DA ALEMANHA

Os componentes da Embaixada da República Federal da Alemanha comemoram no dia 6 de Janeiro de 1973 o raríssimo jubileu de um colega que, há 50 anos, vem dedicando os seus esforços à representação alemã. Trata-se do cidadão português Eduardo d'Oliveira Tavares, nascido em 22 de Junho de 1894 em Lisboa, que foi, durante a primeira guerra, um dos heróis de Quionga e entrou, em 1923, como motorista para a delegação da Alemanha 9então Reich) em Portugal, condecorado depois em 1937, com a medalha de mérito alemã e, em 1957, com a medalha de mérito da Ordem de Mérito da república Federal da Alemanha.

Dr. Luciano Barata

Continua estacionário o estado de saúde do dr. Luciano Barata, figura de prestígio como jurisconsulto e democrata, que permanece na sua residência, Casal de Santo António (Sintra).

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Maria Leonor Penhasco Pardo Miranda — CASTELO DE VIDE

3K

PRENDAS DE NATAL

Rua Pascoal de Melo, 47
LISBOA

COMUNICADO DO CONSULADO DA NICARÁGUA

No Serviço do Consulado da República da Nicarágua, Rua da Junqueira 134, encontra-se à disposição do público de 28 a 30 do corrente, das 15 às 19 horas, um livro de registo para quem desejar apresentar condolências pela grande catástrofe que destruiu a cidade de Manágua.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE INTENDÊNCIA

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Venda de material incapaz não utilizável no Exército

01 — Faz-se saber que no CA/DSI, Trav essa de Santo António da Sé, n.º 21, em Lisboa, se encontra aberto o seguinte concurso público:

N.º de concurso	Venda de artigos	Data da entrega da proposta	Data da abertura da proposta
12/72	Artigos de Fardamento e Calçado e equipamento	18h00 10 JAN. 73	11 JAN. 73 às 15h00 no DGFC

02 — Os cadernos de encargos que servem de base aos referidos concursos podem ser consultados todos os dias úteis das 14h00 às 18h00 com excepção aos sábados.

O CONSELHO ADMINISTRATIVO

REFORMA NO ENSINO... REFORMA NO LECCIONAR...

1972 NOVO ANO LECTIVO **1973**

PROFESSORES DIPLOMADOS OFICIAIS, ESPECIALIZADOS E PROGRAMADOS, CRIAM UM ENSINO DIFERENTE EM PORTUGAL

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS (em grupos de 8 ou individual) 2.º e 3.º Ciclos

APTIDÕES ÀS FACULDADES Cursos especializados Possuindo apenas a 4.ª classe ou qualquer ano do Ensino Secundário

PARA MAIORES DE 25 ANOS

INSCRIÇÕES ABERTAS
Começo das aulas a 3/1/73

LEMA: «O Princípio Heurístico para maior eficiência»

Tudo foi alicerçado para assim darmos a cada aluno uma certeza dum Bom Aproveitamento Final.

INFORME-SE DAS 9 ÀS 21 — TELEF. 4 18 69
Av. António Augusto de Aguiar, 126-6.º — LISBOA
(Junto à paragem do Metropolitano de S. Sebastião)

MEXICANA

1a CLASSE COM UTILIDADE *Turística*

Uma nova chuva de LIBRAS a distribuir pelos clientes do saboroso BOLO REI deste ano.

Basta coleccionar as letras que vão gravadas nos brindes e formar a palavra MEXICANA. Receberá em troca uma autêntica LIBRA DE OURO.

Guardou as letras do ano passado?
Então pode completar agora mais fàcilmente a sua colecção!

Aproveite. Compre já o seu BOLO.

BOLO REI DA MEXICANA
Uma garantia de qualidade

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 30 C - TELEF. 726117/8/9 - LISBOA

FESTAS FELIZES

DESEJAM-LHE A ADMINISTRAÇÃO E TODOS OS EMPREGADOS DE

Exclusivos Eléctricos Lda.

Sede: Av. Almirante Reis, 12-A
Filiais: Av. Almirante Reis, 12-D
Av. Marginal, Lote 10
Cascais

RAIO DE LUZ LDA

Sede: Rua da Prata, 143
Filiais: Rua da Madalena
Av. Júlio Diniz, 10-A
Apolo-70

MUNDO ELÉCTRICO, Lda.

Sede: Rua Conde Redondo, 1-A
Filial: Rua Gomes Freire

O REI DA VOZ

Sede: Est. de Benfica, 725-C

Lembramos que todos estão habilitados aos espectaculares Brindes que oferecemos grátis:

1 Ford Capri 1300 L (este é o 9.º Automóvel)
1 máq. Lavar Louça Westinghouse SF 65
1 máq. Lavar Roupa AEG Princess
1 máq. Lavar Roupa Hoover 92
1 máq. Lavar Roupa Philips 3151
1 máq. Lavar Roupa Indesit K5 Luxo

Ainda podem aproveitar durante alguns dias. Requisite as senhas grátis para o Sorteio final a que tem direito, (uma por cada 100$00 de compras).

para a noite de fim de ano oiça o melhor som em discos

AL GREEN
«I'm still in love with you»
LON PHLU 10 382

CAROLE KING
«It might as well rain until september»
LON PHLU 10 391

EAGLES
«Witchy Woman»
ASY 8E 006 - 93 756

ELTON JOHN
«Honky Chateau»
DJM 8E 062 - 93 508
«Crocodile Rock»
DJM 8E 006 - 93 958

FRANCK POURCEL
«Without you»
COL 8E 054 - 11 988

GILBERT O'SULLIVAN
«Clair»
MAM EPMAM 1002
«Back to front»
MAM PMAM-SS 503

JACKSON BROWNE
«Rock me on the water»
ASY 8E 006 - 93 691

JOHN & YOKO / / PLASTIC ONO BAND
«Happy Xmas»
APP 8E 006 - 5183
«Sometime in New York City»
APP PCSP 716

JUDEE SILL
«The lamb ran away with the crawn»
ASY 8E 006 - 93 931

LIEUTENANT PIGEON
«Mouldy Old Dough»
DEC PF 13 278

LYNSEY DE PAUL
«Sugar me»
MAM PMAM 81

MOODY BLUES
«Seven Sojourn»
THR THS 7

PINK FLOYD
«Obscured by Clouds»
STA 8E 064 - 5054

RAY CHARLES
«Look what they 've done to my song ma»
PRO 8E 006 - 93 606

SHAG
«Loop di Love»
DEC PUK 7

THREE DOG NIGHT
«Seven Separate Fools»
PRO SPTC 1

A VENDA NOS REVENDEDORES HABITUAIS E EM
VALENTIM DE CARVALHO
CI SARL

DL /GERAL

Apelo da P.S.P. para a Passagem do Ano

Da Polícia de Segurança Pública de Lisboa recebemos, com pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«O Comando da P.S.P. de Lisboa regista com o maior agrado a consideração e respeito que a população de Lisboa dispensou aos seus apelos feitos em anos anterioes, a propósito das tradicionais celebrações do Ano Novo, no decorrer das quais, seguindo um antigo hábito, as ruas da cidade eram transformadas em verdadeiras montureiras, com o lançamento dos mais diversos objectos e imundícies.

Embora crente de que tal hábito, impróprio dum povo civilizado, não voltará a constituir um processos de divertimento, o Comando da P.S.P. ao mesmo tempo que apela de novo para o alto espírito da população de Lisboa, no sentido de não praticar estes ou quaisquer outros hábitos pertubadores das boas normas sociais, durante as celebrações do Ano Novo, informa que como medida preventiva será montado um serviço de policiamento especial para coibir os abusos que se verificarem.»

Inácio Magalhães Basto

CISUL — COMPANHIA INDUSTRIAL DE CIMENTOS DO SUL S. A. R. L. participa o falecimento do seu amigo e vice-presidente da Assembleia Geral.

Comece o Seu Ano no Algarve
REVEILLON NO
motel alagoas
Com um magnífico conjunto
MARQUE A SUA MESA
MOTEL ALAGOAS
Est. Nac. 125 tel. 0082 52243 · Lagoa · Algarve
SOMOTEL
R. Vitor Cordon, N.º 37, 5.º D.º tel. 370675 · Lisboa

CONCURSOS

Aceitam-se candidaturas pelo prazo de 15 dias a contar da publicação deste anúncio, para o preenchimento de lugares de catalogador de 2.ª classe, catalogador de 1.ª classe e secretariado destinados a um Organismo Público.

São condições essenciais a habilitação mínima do 5.º ano liceal ou equivalente.

Resposta a este jornal ao n.º 682, indicando nome, idade, morada, telefone, habilitações e experiência profissional.

SALORA
O TV PREMIADO COM MEDALHA DE OURO
TOTALMENTE FABRICADO E MONTADO NA FINLÂNDIA

um ESTILO NOVO
OFEREÇA UM
TAPETE PERSA*
*COM CERTIFICADO DE ORIGEM
PREÇOS ESPECIAIS PARA AS FESTAS
A PERSIA ANTIGA
R. da Imprensa Nacional 116 B (à Esc. Politécnica)
Lisboa 2 — Telef. 674493

ÀS EMPRESAS EXPORTADORAS

CURSOS DE MARKETING RESEARCH

No propósito de contribuir o mais possível para a formação de quadros empresariais à altura das crescentes necessidades da actual fase expansionista da nossa Exportação, vai o F. F. E. promover, de 2 a 15 de Janeiro, um Curso de Marketing Research em regime semi-residencial. Planeada de colaboração com a Lowell Technological Institute de Massachusetts (E. U. A.), a iniciativa, que decorrerá num dos hóteis de Lisboa, conduzirá ao debate de problemas do maior interesse para os técnicos das empresas já envolvidas na Exportação dotados de experiência bastante em matéria de Marketing.

Informações e Inscrições:
fundo de fomento de exportação
Serviço de Pessoal e Formação
Rua Camilo Castelo Branco, 2, 3.º — Telefones 59156/42748/47928
LISBOA - 1
Delegação no Norte
Rua Gonçalo Cristóvão, 129 - 1.º, Esq. — Telefone 380214
PORTO

V. Vai comprar
SUPRASENSACIONALMENTE BEM
a preços
SUPRASENSACIONALMENTE BAIXOS
na VAPEDRONE 2 — Rua dos Fanqueiros, 17-19

APROVEITE os últimos dias dos SALDOS da VAPEDRONE

Não esqueça: Só até 31 de Dezembro

Até à abertura da VAP 2 noutro local, que será oportunamente comunicado, todos os assuntos respeitantes a esta firma serão tratados na VAP 1 — Rua da Vitória, 54 — LISBOA

A "Arte Barrista" de Aveiro vai conhecer novo incremento

A exposição de cerâmica que recentemente esteve patente ao público em Aveiro, no Grémio do Comércio, provou que a «arte barrista» local não acabou.

João Oliveira, também conhecido por João Lavado, um dos melhores e mais antigos barristas de Aveiro, acaba de tomar uma iniciativa capaz de dar certo incremento aos famosos barros da região.

Trata-se de um artista apaixonado que há 55 anos trabalha para que a tradição não morra.

Ele conta como começou:

— **Um dia um freguês da casa comercial de minha mãe encontrou em cima do balcão uns desenhos e levou-os para as Fábricas Aleluia para ver se eu era admitido ao serviço naquela empresa que,a par de outros aritgos, se dedicava também ao fabrico de objectos de arte. Depois de «tarimbar» por várias secções fui parar à secção artística auferindo o ordenado de 1$50 por senama. Isto no ano de 1919. Era o meu primeiro passo neste mundo maravilhoso que é a arte do barro.**

Pensa que a arte barrista está condenada?

— **Penso que ela não acabará, isso lhe garanto. Na minha fábrica vou criar uma secção onde todos, desde os graúdos aos miudos, se possam exercitar e mostrar as suas aptidões na arte do barro. Como o fizeram o Celestino Moreira e a D. Arminda Adelina Freitas, esta no Porto, que mostraram talentos nada de desprezar e que eu incentivei a dedicarem-se mais e mais de tal sorte que os trouxe comigo para esta exposição. Quero ver se con esta medida combato um pouco a ganância de certos industriais que se esqueceram desta tradicional arte dos aveirenses, ao ponto de ser eu apenas que estou fazendo alguma coisa no género, muito embora também não deixe de reconhecer que estes artigos não dão defesa ao fabricante que tem de enveredar por outras peças de comercialização fácil e rentável».**

No ano passado uma exposição comemorativa das «Bodas de Prata» das Faianças de S. Roque de que João Lavado é o sócio fundador. Agora nova mostra, embora com outras peças e com a assinatura de mais dois artistas, desconhecidos nestas exposições. Porquê esta pressa?

— **O ano passado tivemos bastante acolhimento, embora se tratasse de uma exposição comemorativa. Fomos bem recebidos, o incentivo foi bastante e por isso cá nos têm de novo, como certamente também para o próximo ano. Não podemos esquecer, repito, a propensão dos aveirenses para esta arte. Lembro-lhe que nas dragagens efectuadas no canal da Gafanha foram encontradas centenas de peças genuinas que devem datar do século XIV. Temos portanto, um passado a respeitar, se bem que hoje nos falte barro, que tem de vir de Coimbra e não haja oficinas como antigamente. Mas é preciso que haja alguém que não deixe tudo no esquecimento e é por isso que eu vou abrir as minhas portas a quem quiser experimentar as suas aptidões de artista, para tentarmos todos imitar o que há vinte cinco anos se fazia em Aveiro, que não era mais também do que a continuação de uma actividade com séculos de existência. E até pode ser rentável uma vez que tanta procura agora se verifica às coisas antigas».**

João Lavado: «a arte barrista não acabará»

João Lavado quando fala de arte todo ele vibra. Mas estamos na presença de um homem econòmicamente realizado através da comercialização de artigos de barro. Teria ele sobrevivido materialmente se só pensasse em ser artista?

— **Penso que não porque falta dinheiro ao povo para comprar a arte que os artistas, e há-os tão bons no nosso País como em qualquer parte do mundo, concebem e que tanto a medo lançam nesta e naquela cidade. Há excepções felizes que só servem para confirmar a regra de que o artista português só com o trabalho da sua criação não pode sobreviver materialmente. E não me venham cá dizer que ao povo falta escola, entendimento, gosto ou sentido artístico. O que lhe falta é dinheiro para poder comprar o que desejava».**

O barro para pratos tem procura

Concurso de montras

COIMBRA, 28 — Num restaurante da Baixa haverá hoje, às 20 horas, um banquete durante o qual se procederá à entrega dos prémios do Concurso de «Montras Floridas», efectuado no Dia do Turismo e das Festas da Rainha Santa.

Congresso das Comunidades Islâmicas

Uma delegação da comunidade islâmica portuguesa, estará presente hoje, em Roma, na abertura do I.º Congresso das Comunidades Islâmicas da Europa, o qual vai juntar grupos representativos de todos os países europeus onde se congregam islamitas. Neste Congresso serão debatidos problemas do maior interesse para estas comunidades.

Aniversário da morte do prof. Abel Salazar

Passa amanhã, mais um aniversário do falecimento do insigne cidadão e grande cientista, que foi o prof. dr. Abel Salazar.

A efeméride será, na forma dos anos transactos, lembrada com uma romagem ao túmulo do mestre, no cemitério do Prado do Repouso, isto, porque a casa-museu que tem o seu nome, em S. Maemede de Infesta, não pode, ainda, ser reaberta ao público, com grande parte do espólio artístico,por não se encontrarem concluidas as obras de restauro e adaptação necessárias.

Segundo nos informam, a reabertura está prevista para o primeiro semestre do próximo ano, na altura em que for inaugurado o pavilhão mandado edificar pela Fundação Calouste Gulbenkian, para nele se realizarem exposições temporárias, colóquios, conferências, etc.

3K

OFERTAS DE NATAL

Rua Pascoal de Melo, 47

LISBOA

Natal • LIVROS

LIVROS•Quadrante

AV. LUÍS BIVAR, 85-C

EM 3 LINHAS

O eng. Artur Martins Freire de Andrade Pimentel foi nomeado director dos Edifícios do Centro, da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

///

Está aberto concurso documental para prenchimento de vagas de piloto com o curso da Escola Naútica que se venham a dar na Direcção Provincial dos Serviços de Marinha (capitanias dos portos) do Ministério do Ultramar.

///

Foi exonerado, a seu pedido, o dr. João António dos Santos Cabral do cargo de chefe de serviços de inspecção bancária da Inspecção Provincial de Crédito e Seguros de Moçambique.

///

Vem na folha oficial (2.ª série,n.º 299) a relação dos funcionários aposentados, cujas pensões passam a ser pagas, a partir de 1 de Janeiro próximo, pela Caixa Geral de Aposentações, sendo o abono das mesmas feito em duodécimos das importâncias mencionadas naquela relação.

///

Um decreto, pelo Ministério das Finanças, autoriza pagamentos em conta da verba de despesas de anos findos inscrita nos orçamentos do actual ano económico («Diário do Governo», 1.ª série, n.º 299).

///

///

É considerada extinta, por decreto, pelo Ministério do Ultramar, na mesma série de folha oficial, a Caixa de Crédito Agrícola de Moçambique, logo após a integração dos seus bens, direitos e responsabilidades no Instituto de Crédito de Moçambique.

///

O dr. Albano Enes Dias, provedor do Hospital de Santa Maria, com provimento definitivo foi nomeado, definitivamente, director de serviço do quadro de pessoal da Direcção-Geral dos Hospitais.

///

Um decreto-lei, pelo Ministério do Ultramar, no «Diário do Governo» (1.ª série n.º 299) determina a adopção de providências destinadas a assegurar o normal abastecimento de produtos petrolíferos nas províncias ultramarinas, actualizando a legislação em vigor.

///

Foi constituida uma sociedade, denominada Lisonda do Algarve-Sociedade de Construções de Piscinas, Ld.ª, com sede em Lisboa e estabelecimento em Lagos.

///

A Direcção-Geral dos Serviços da Junta do Crédito Público inseriu no «Diário do Governo» (2.ª série n.º 298) a relação dos números das 3150 obrigações do empréstimo externo, 3 por cento de 1902, 3.ª série, com e sem juro, sorteadas em 15 de Novembro de 1972, a reembolsar de 1 de Janeiro de 1973 a 31 de Dezembro de 1977.

///

Segundo a Direcção-Geral dos Transportes Terrestres, a Cooperativa Lisbonense de «Chauffeurs» com sede em Lisboa requereu a concessão de uma carreira de passageiros entre Cascais (Bairro do Rosário) e Lisboa (Sete Rios) servindo Cascais-Estação, Estoril, S. João do Estoril, S. Pedro do Estoril e Oeiras.

DL/NACIONAL

Ora diga - nos ...

Tremores de terra

Nicarágua, um Natal, de morte. Em Manágua, uma cidade de cerca de 400 mil habitantes, duas mil ou cinquenta mil pessoas podem ter deixado de existir num simples fim de semana. Duas vezes destruída desde 1931, Manágua é hoje um monte sangrento de destroços de onde constantemente se retiram ainda mais vítimas, onde o tifo começa a fermentar, de onde nasce a fome, a sede, a desolação. O êxodo começou, a evacuação total da cidade foi ordenada pelas autoridades. Estabelece-se o recolher obrigatório para a parte sobrevivente da cidade enquanto o mundo organiza a sua solidariedade perante o remediar da catástrofe.

Há pouco mais de duzentos anos, Portugal foi também vítima de um terrível tremor de terra que destruiu Lisboa quase completamente. Desde o ano de 1147, a parte continental do país sofreu 16 abalos sísmicos de grande intensidade, sendo os principais o de 1531 que destruiu cerca de 1500 casas quando Lisboa abrangia apenas a Mouraria, Alfama e parte da Baixa, o de 1597 que provocou o desaparecimento de três ruas em Santa Catarina e o de 1755 que obrigou à reconstrução de grande parte da cidade pelo marquês de Pombal.

Os Açores, desde 1522 até 1926 foi vítima de 19 sismos alguns dos quais arrasaram povoações, destruíram cidades e provocaram inúmeras vítimas. Mas destes, claro, ninguém se lembra.

No entanto, talvez a grande maioria das pessoas se recorde ainda do último tremor de terra, registado em Lisboa, em 28 de Fevereiro de 1969, seguido de mais três em 5 de Maio, 21 de Outubro e 20 de Novembro de que apenas a província teve notícia.

Nestes últimos 20 anos aliás, o tremor de terra de 28 de Fevereiro de 1969 foi o mais intensamente sentido no país, nas zonas de Vila do Bispo e Sagres.

Mas que memória têm as pessoas do que se sentiu em Lisboa nesse dia?

À nossa primeira abordagem, (com alguma estranheza), José Fernandes Nunes procurou recordar-se.

— Confesso que fiquei um bocado alarmado. Por acaso a minha mulher estava bastante doente e eu fiquei ainda mais preocupado por causa dela.

Funcionário dos correios, hoje com 30 anos, o nosso entrevistado não se envergonha de dizer que teve medo de que o prédio caísse (tanto mais que vivia nessa altura em Alfama) e sobretudo de morrer. Quanto ao terrível acontecimento que vitimou a capital da Nicarágua e à possibilidade de uma coisa semelhante ocorrer no nosso país, diz-nos:

— Bom, o que aconteceu em Manágua é bastante horrível. O nosso país está numa zona sísmica e, claro, estas são coisas que acontecem sem se esperar, mas mesmo assim acho que nos podíamos prevenir contra parte delas.

Por seu lado, o arquitecto Carrilho, de 49 anos, lembra-se mal (ou não quis dizer) da sua reacção perante o tremor de terra de 1969.

— Estava a dormir e acordei, o que é uma reacção natural, mas não tive um susto muito grande. Em relação a Manágua só posso dizer que felizmente, segundo parece, os resultados não são tão alarmantes como as primeiras notícias. Nós temos de temer que uma coisa semelhante possa acontecer aqui, principalmente em Lisboa. Mas quanto a prevenir... creio que não se pode, a não ser com uma mudança de localização dos assentamentos humanos — coisa que não é para as pessoas, que preferem correr os riscos a alterar determinadas fixações das quais tiram as suas vantagens.

«Medo do tremor de terra? Aí não que não tive, moramos num pátio e fugimos todos para lá. — diz-nos Maria Teresa, de 22 anos, camiseira, — **tive medo que a nossa casa caísse, mas de morrer não, sou uma mulher muito corajosa.**»

Ri-se e desaparece. Quanto a Manágua, quanto a prevenções, «**não sei nada disso**».

José Nunes: «Fiquei um bocado alarmado»

Maria Teresa: «Não sou muito corajosa»

Arquitecto Carrilho: «Não tive um susto muito grande»

MANHÃ NA PRAÇA

CARO COMO O COSTUME

O Mercado da Ribeira está agora mais calmo e apagado. Antes de terminar o ano ainda se espera outro momento de negócio, mas menor que o do Natal: no último fim-de-semana do ano.

— Tem-se vendido pouco; agora só para o próximo fim de semana é que vai aparecer mais gente; aí a partir de sexta-feira. Com o Natal foi o mesmo, diz um vendedor de carne, face a um balcão deserto.

A carne lá está à espera de uma bolsa menos esvaziada pelas compras da quadra. A carne de vaca (de 1.ª e de 2.ª) vende-se, por quilo, a 42$50 sem osso e a 32$00 com ele; carne do mesmo animal, para bife ou para assar compra-se, quem a quiser, a 62$00 o quilo; as costeletas de porco estão a 58$80 e 61$80; pernas e costeletas de carneiro, a 53$20, a mão a 48$40 e o peito a 29$00. Os galináceos sempre são mais acessíveis: o frango limpo é a 24$00 e a galinha, morta e depenada, oscila entre os 17 e os 18 escudos.

O peixe, que lá vai tendo mais procura, rege-se pelos preços seguintes: a sardinha a 12$00, o cherne a 16, a pescada a 65, o robalo custa 75$00 por quilo, o polvo está nos 13 mil réis e o linguado está tão caro como a 72$00.

Mas dados os preços parece ainda subsistir uma saída (económicamente viável) para não gastar todo o ordenado no «pão nosso de cada dia»: é tornarmo-nos herbívoros, que as verduras sempre se compram com menos dinheiro. A cenoura entre os 3$50 e os 4$00; os nabos de $50 a 1$50; pimentos a 7 e 6$00; cada couve a 4$00, assim como a alface; o tomate a 10$00; os agriões a 1$50.

Muitos dos preços até aqui apresentados não serão convidativos e, por isso, o negócio não é dos mais fáceis. E depois, há outros entraves:

— Esses que estão lá fora é que nos lixam a vida! Põem-se aí à porta a vender, não pagam contribuições a tiram-nos a freguesia. Ainda no outro dia a polícia lhes partiu as padiolas, mas olhe que, passado um bocado, já lá estavam outra vez! A esses é que lhes deviam fazer um filme para mostrar aos da Câmara. É uma pouca vergonha!

E este o queixume que nos fazem num lugar de fruta, práticamente às moscas». Apenas a fruta. Tangerinas entre os 9 e os 10$40; a este preço e a 11$70 vende-se a maçã; a laranja vulgar via-se a 5$20 e a da baía a 7$80 e 9$00; o melão a 9$00 e, para os gulosos e mais endinheirados, havia ananás a 26$00.

Curso de Marketing

O Instituto Nacional de Investigação Industrial promove este ano, pela primeira vez no nosso País, um ciclo de Marketing que se destina a dirigentes de empresas, consultores de empresas e professores do ensino superior.

O curso que se prolongará por dois anos debaterá problemas relacionados com os princípios de Marketing, estratégia e acção Marketing, estudos e pesquisas comerciais.

O primeiro tema «Princípios de Marketing» será apresentado entre 19 e 24 de Março, tendo por monitor, M. Doré, director do Instituto Nacional de Marketing de França.

ACTUALIZAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS

FARO, 28 — A aldeia de Açoteias iniciou o seu curso de formação de professores primários, sob a direcção da delegação distrital da Direcção-Geral dos Desportos (subdelegação para o Ensino Básico) e que se destina a actualizar os conhecimentos daqueles agentes do ensino em matéria desportiva. O curso é dedicado aos professores da zona sul, abrangendo o distrito de Évora, Setúbal e Faro. Participam no curso, que se prolonga até ao próximo dia 30, 75 professores.

Quatro grupos de trabalho para o acordo Portugal-CEE

Quatro grupos de trabalho destinados a apresentar um esquema de propostas concretas relativas ao aproveitamento das facilidades abertas pelo acordo de Portugal com a CEE e a analisar os problemas decorrentes da respectiva execução, foram recentemente criados por despacho do secretário de Estado do Comércio, no âmbito do Fundo de Fomento de Exportação.

Os grupos de Trabalho serão sempre presididos por representantes do Fundo de Fomento, e agrupam diversos sectores da indústria exportadora nacional. Assim o sector de artigos das indústrias têxteis de vestuário, é formado por representantes do Instituto dos Têxteis, Corporação do Comércio, Corporação da Indústria, Associação Industrial Portuguesa, Associação Industrial Portuense e Associação Comercial de Lisboa.

Do grupo que se dedica ao estudo do comércio da cortiça menufacturada, fazem parte representantes da Junta Nacional da Cortiça, Corporações do Comércio e da Indústria, Associação Industrial Portuguesa, Associação Industrial Portuense e Associação Comercial de Lisboa. As conservas de peixe serão analisadas por membros do Instituto Português de Conservas de Peixe, Corporações do Comércio e da Pesca e Conservas, Associação Industrial Portuguesa, Associação Industrial Portuense e Associação Comercial de Lisboa. Finalmente, o Grupo de Trabalho relativo aos vinhos do Porto, Madeira e Moscatel de Setúbal, é composto por representantes do Instituto do Vinho do Porto, Casa do Douro, Junta Nacional do Vinho, Corporação da Lavoura e do Comércio, Grémio dos Exportadores do Vinho do Porto e Associação Comercial de Lisboa.

Os diversos grupos de trabalho encontram-se já em plena actividade, devendo apresentar os seus relatórios até ao próximo dia 15 de Janeiro.

Ourivesaria da Guia
GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Expresso
SAI A 6 DE JANEIRO
o semanário dos que sabem querer
CIESA · NCK

DL/NACIONAL

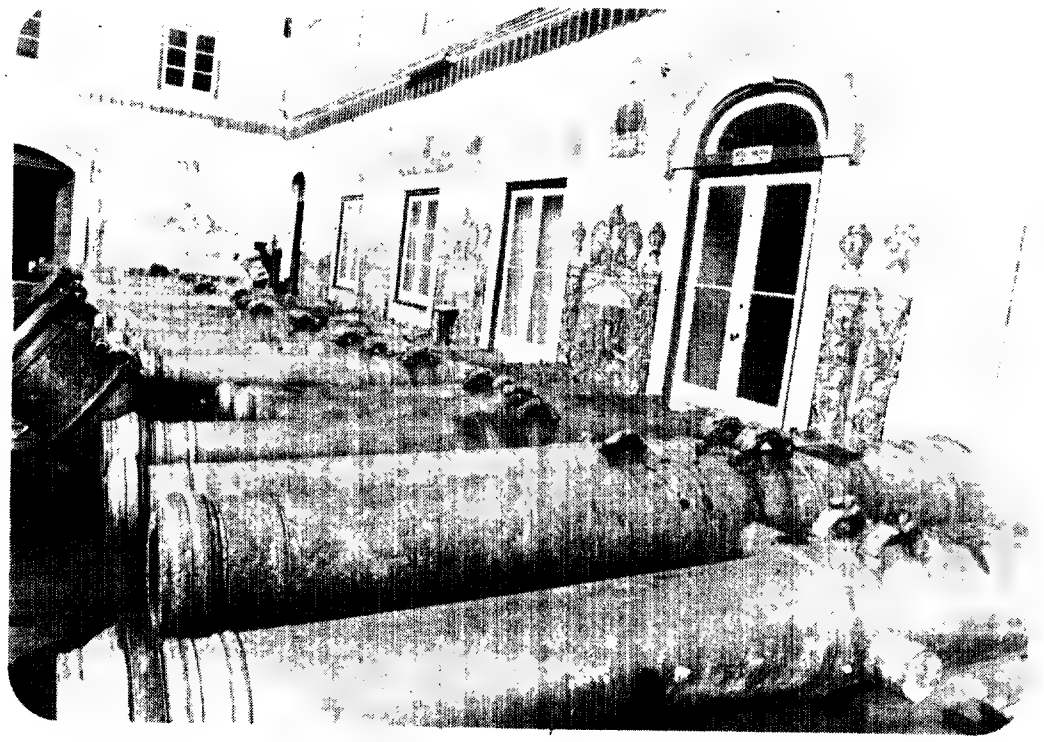
Reabriu o Museu Militar

O Museu Militar reabriu ontem com entradas mais baratas, algumas modificações e pinturas

«Em tempo de guerra não se limpam armas» e o Museu, que tem a sua função psicológica, encerrara no dia 3. Paga-se agora cinco escudos em vez de sete e quinhentos. Os guerreiros do século XV, peões e cavaleiros de ferro, passaram do rés-do-chão para o primeiro andar. As salas foram um tanto aliviadas da sua superpopulação de gumes, gatilhos e quadros triunfais. Apesar da intenção de documentar uma «evolução da arma branca» e uma «evolução das armas de fogo», intenção didáctica que ainda não se realizou, a maior portuguesa e uma das colecções mundiais continua dispersa, ao sabor de datas e batalhas, pelas dezenas de compartimentos do antigo palácio do Arsenal, onde funciona o Museu que já se chamou de Artilharia: são trons e canhões de todas as eras, calibres e tonelagens as mais raras e valiosas das peças reunidas.

O dinheiro das entradas faz crescer um pouco a dotação anual do Museu, que é de cem contos, donde têm de sair os fundos necessários a novas aquisições, que se compreende sejam raras: está a negociar-se agora, por exemplo, a aquisição de uma espingarda antiga avaliada em sessenta contos.

Entre outras inovações futuras, que continuarão o **pequeno passo** do princípio de Dezembro, o conservador do Museu arquitecto José Colen, anunciou a criação de uma grande sala de miniaturas, maquetas e modelos, a recolha ao armazém das peças de uniformes estrangeiros agora exibidos, a retirada de muitos exemplares de armas para que a visita ao Museu seja **menos cerrada, mais leve** e uma organização mais racional e menos decorativa das salas.



No pátio do Museu, mortas, mortíferas e apontadas umas para as outras, jazem dezenas de bocas-de-fogo

NOTAS POLÍTICAS

Lei da Administração Financeira dos territórios do Ultramar

No decorrer de mais uma sessão de trabalhos do Conselho dos Directores-Gerais do Ministério do Ultramar, presidida pelo prof. Silva Cunha, o director-geral da Fazenda anunciou para o próximo ano a publicação da lei da administração financeira dos territórios do Ultramar, bem como do diploma de reestruturação das Inspecções de Finanças, em complemento do diploma que recentemente reformou a orgânica dos Serviços de Finanças. Referiu igualmente a concretização em diploma dos trabalhos realizados no que respeita às novas classificações económicas e financeiras das receitas e despesas públicas e a revisão do Decreto-Lei 579/70, que promulgou a regulamentação destinada a evitar a dupla tributação dos contribuintes que exerçam actividades em mais de um espaço fiscal.

O director-geral da Saúde expôs, por seu turno, o programa de acção do seu departamento, o qual compreende, além de outras iniciativas, a revisão e actualização do Decreto 49 073, que promulgou o regulamento dos Serviços de Saúde e Assistência do Ultramar; a reestruturação das escolas técnicas daqueles serviços e a da Direcção-Geral e do Gabinete de Estudos Médico-Sociais e ainda a reorganização dos serviços do Horpital do ultramar, para os adaptas às necessidades do novo edifício que entrará em funcionamento em Agosto do ano próximo.

CONDECORADA A EMBAIXATRIZ DE ESPANHA

A embaixatriz de Espanha em Lisboa, D. Maria Inez Gimenez Arnaud, foi agraciada pela Cruz Vermelha Porguguesa com a Ordem de Benemerência em reconhecimento dos serviços prestados àquela instituição, nomeadamente durante os peditórios nacionais. As insígnias respectivas foram-lhe impostas pela presidente da Secção Feminina da C.V.P., D. Maria Amélia Pitta e Cunha, no decorrer da cerimónia ontem efectuada na sede da instituição.

SEMANA NACIONAL DAS MIGRAÇÕES

Decorre em todo o País, de 7 a 14 de Janeiro próximo, a Semana Nacional das Migrações, promovida epla Obra Católica Portuguesa das Migrações, que pretende organizar «uma verdadeira campanha que comprometa eficazmente as estruturas religiosas, políticas e Sociais» face ao tema «emigração familiar», escolhido para a campanha de 1973

Entre as actividades propostas, contam-se: promover sessões de estudo sobre a emigração e suas consequências para o País e a Igreja; lançar inquéritos iniciativas que interessem os alunos nos estabelecimentos de ensino, concursos para os mais jovens; obter a colaboração dos meios de comunicação social, especialmente da Imprensa e da Rádio; interessar os organismos apostólicos e de caridade, as casas religiosas e os seminários, dando-lhes tarefas relacionadas com a campanha; aproveitar a Semana das Migrações para aperfeiçoar os Secretariados Diocesanos e organizar, nas paróquias, a «comissão paroquial das migrações»; afixar os cartazes que falam da Semana das Migrações; procurar informar e orientar a comunidade; epdir aos Secretariados Diocesanos ou Direcção Nacional outros elementos de apoio, se forem necessários; eoncontrar forma de a campanha se tornar permanente pelo ano fora, no sentido de criar uma consciência profundamente cristã a respeito deste fenómeno, e contribuir, com generosidade e na medida das possibilidades próprias com a ajuda material, indispensável em todas as obras.

NOVO PRESIDENTE

Por portarias hoje publicadas nodiário do Governo, foi noemado presidente da Câmara Municipal do Barreiro o sr. Vítor Rodrigues Adragão e concedida a exoneração, que pediu, ao antigo presidente do mesmo Município, dr. Carlos José da Cruz e França, ao qual foi conferido louvor pela competência, zelo e dedicação com que exerceu o cargo. O novo presidente toma posse amanhã.

OUTRA EXONERAÇÃO

Na folha oficial foi também publicado o diploma que exonera, a seu pedido, o dr. Manuel Jorge Proença do cargo de governador civil substituto do distrito da Guarda. Foi louvado nos mesmos termos.

Pediu igualmente a demissão do cargo de vice-presidente da Câmara Municipal da Moita do Ribatejo o sr. Fernando Manuel Alves Almeida.

Gageiro expõe no Funchal

FUNCHAL, 28 (L.) — Chegou a esta cidade o conhecido fotógrafo Eduardo Gageiro, que, a convite da Comissão de Festas do fim do ano, vem expor alguns dos seus mais expressivos trabalhos, no salão nobre do Teatro Municipal, e presidir ao júri do concurso de fotografia «Cartaz Turístico», integrado no programa daquelas festas.

Nova regulamentação para empresas transportadoras

Só poderão ser licenciados para a realização de transportes internacionais rodoviários de mercadorias as empresas já licenciadas para a realização de transportes públicos internos de mercadorias — determina a Portaria 778/72 publicada hoje no Diário do Governo.

Por outro lado, as referidas empresas terão de reunir as condições mínimas seguintes: parque de veículos de aluguer com uma tonelagem não inferior a 250 ton., devendo pelo menos 125 t corresponder a veículos licenciados sem limite de raios; constituição sob forma de sociedades comerciais regulares, anónimas ou por quotas, com capital não inferior a dois milhões de escudos: organização administrativa e comercial adequada, sobre o que será ouvido, caso por caso, o Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis.

Segundo o diploma, dimanado do Ministério das Comunicações, espera-se que as disposições agora tomadas «permitam o acesso dos transportes nacionais ao mercado internacional de ttansportes rodoviários de mercadorias em condições cujo acerto só a prática demonstrará, num campo que, por ser inteiramente novo, poderá vir a justificar futuras adaptações.»

O FORNO
BAR - «BOITE» — SESIMBRA
PASSAGEM DE ANO
«REVEILLON»
1972 - 1973
Marcações Tel. 822255 - 823485
M/ 18 anos

3K
PRENDAS DE NATAL
Rua Pascoal de Melo, 47
LISBOA

A Comissão Administrativa do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa vem por este meio apresentar aos seus associados os melhores votos de Boas-Festas e aproveita para informar que devido à quadra que atravessamos se encontram encerrados os serviços do organismo no próximo dia 30 do corrente.

DL/ESTRANGEIRO

O MUNDO EM 24 HORAS

NEGOCIAÇÕES SUSPENSAS

Os contactos, a todos os níveis, entre os representantes de Hanói e de Washington estão temporàriamente interrompidos, ao mesmo tempo que a aviação americana reatava os bombardeamentos contra o Vietname do Norte, após uma curta trégua de Natal. A sessão semanal da conferência de paz não se realiza hoje e os contactos de natureza técnica sobre o cessar fogo foram também adiados, não havendo qualquer data marcada para o seu recomeço. Um informador da delegação norte-vietnamita em Paris declarou que, se os Estados Unidos desejam, realmente, pôr fim à guerra por meio de negociações sérias, «têm de suspender imediatamente todos os actos de guerra» contra o Vietname do Norte.

CONDENAÇÕES À MORTE

O Supremo Tribunal de Marrocos rejeitou os recursos apresentados pelos onze oficiais e sargentos da força aérea marroquina, condenados à morte em 7 de Novembro, pelo tribunal militar de Kenitra. Os condenados foram dados como culpados na tentativa de assassínio do rei Hassan II de 16 de Agosto deste ano. Depois de rejeitado o apelo pelo Supremo Tribunal, só a clemência real os pode salvar da execução.

MANÁGUA

Iniciaram-se os preparativos para dinamitar o centro da cidade de Manágua, quase completamente destruída pelo sismo de sábado último. A área central da capital da Nicarágua foi declarada «zona contaminada», estando determinado que após a sua destruição pela dinamite a área seja coberta de cal viva, de modo a destruir os cadáveres que se encontram entre os escombros e que estão já em adiantado estado de putrefacção.

BÉLGICA — RDA

A Bélgica tornou-se o primeiro país membro da NATO a estabelecer relações diplomáticas com a República Democrática Alemã. O acordo para a troca de embaixadores entre os dois países entra hoje em vigor. Os dois países vão iniciar imediatamente negociações com vista a conclusão de diversos tratados comerciais e de transporte. Entretanto, começaram também as negociações para o estabelecimento de relações diplomáticas entre a Holanda e a RDA.

SOCIALISTAS

A conferência da Internacional Socialista reunir-se-á em Paris nos dias 13 e 14 de Janeiro. As reuniões serão feitas à porta fechada, estando prevista uma conferência de Imprensa no fim da reunião. Estarão presentes representantes de todos os Governos socialistas e sociais-democratas da Europa, bem como dos partidos socialistas que se encontram na oposição.

GUERRILHA NAS FILIPINAS

O presidente Ferdinando Marcos das Filipinas partiu para a ilha de Mindanao, onde se verificam recontros entre tropas governamentais e guerrilheiros.

PILHAGEM E EPIDEMIAS

ISOLAMENTO DE MANÁGUA PELA GUARDA NACIONAL

MANAGUA, 28 — (R) — Soldados da Guarda Nacional patrulhavam hoje esta capital, devastada por um terramoto, tendo ordens para disparar contra saqueadores, que andam, em grupos, pelas ruínas da cidade e pilham tudo que encontram, desde alimentos a frigoríficos e fogões.

O general Anastásio Somoza, comandante da Guarda Nacional e antigo presidente, voltou a afirmar a noite passada que saqueadores seriam abatidos a tiro. Disse ainda numa mensagem pela rádio que sentia os sofrimentos causados pelo sismo, que se registou no sábado com um efeito devastador, mas notou que a pilhagem não podia ser tolerada.

«Temos prendido e, possivelmente, abateremos a tiro todos aqueles que sejam apanhados em actos de pilhagem» — asseverou o general.

Durante o dia de ontem soldados da Guarda Nacional dispararam geralmente tiros para o ar para dispersar saqueadores, mas algumas pessoas deram entrada em hospitais com ferimentos provocados por balas.

Ontem, à noite, uma emissão pela rádio captada em Tegucigalpa, a capital do Estado vizinho das Honduras, dizia que grupos de saqueadores foram alvejados a tiro durante o dia em Manágua.

Rádio X, o único posto de rádio transmitindo ainda da capital da Nicarágua, comunicou, também, que epidemias tinham surgido em Manágua. A Guarda Nacional estabeleceu um cordão à volta das margens do Lago Manágua para impedir pessoas infectadas de partirem ou quaisquer outras pessoas de entrarem na área.

Na sua mensagem pela rádio, o general Somoza disse ainda que o perigo de epidemias estava dominado. Revelou, também, que a evacuação da cidade — ordenada após o tremor de terra como medida de precaução contra o alastramento de doenças em consequência dos milhares de cadáveres que apodrecem nas ruas — estava a decorrer de forma ordeira.

Para encorajar os habitantes a abandonarem Manágua, que tinha uma população de cerca de 400 000 lamas, centros de emergência para a distribuição de alimentos foram estabelecidos fora dos limites da cidade.

Quando víveres e outro auxílio para os 250 000 pessoas que ficaram sem lar devido ao abalo telurico continuavam a chegar do estrangeiro, unidades do corpo de sapadores do Exército dos Estados Unidos transportaram equipamento pesado para Manágua, a fim de dinamitar o seu centro.

O coração da cidade foi declarado uma «área contaminada» e os edifícios da área que oscilam serão feitos ir pelos ares e os seus escombros cobertos de cal, a fim de se destruirem os corpos não identificados que jazem por toda a parte.

Os últimos cálculos oficiais indicam o balanço trágico da catástrofe como andando entre 2 000 e 6 000 mortos, mas o total completo poderá nunca ser conhecido.

O ANO MAIS LONGO

WASHINGTON, 28 — (F. P.) — 1972 será o ano mais longo desde que existem relógios. No domingo que vem, no momento em que soarem as 17 horas, os técnicos do departamento federal dos pesos e medidas acrescentarão um segundo à hora oficial, tal como os seus colegas através do mundo. Em 30 de Junho passado, já tinha sido acrescentado um segundo à hora e esta pequena fracção de tempo fará de 1972 o ano mais longo da história desde que o homem descobriu um meio mecânico de contar o tempo que passa. Há uma razão para isso: a necessidade de manter no mínimo mais absoluto a diferença entre a hora dos relógios atómicos e a que é determinada pela rotação da Terra, que gira cada vez mais devagar no seu eixo.

CALEIDOSCÓPIO

CHU EN-LAI: VISITA AO EGÍPTO — O primeiro-ministro chinês, Chu En-Lai, sugeriu que poderá visitar o Egípto em 1973, segundo afirma hoje o jornal cairota «Al Gomhouria». O jornal publica uma entrevista que Chu concedeu a Mamadouh Reda, chefe de redacção do «Al Gomhouria» que esteve recentemente em Pequim. (R.).

PASSAGEM DO ANO — Todos os fins de ano, a população de Bolonha celebra a passagem a um novo ano queimando na praça principal da cidade um boneco que representa o ano velho. Tendo agora uma administração predominantemente comunista, Bolonha vai queimar neste fim de ano um boneco diferente, obra do pintor chileno Roberto Sebastian Matta, que pretende ser um protesto contra os bombardeamentos ao Vietname do Norte. (A.N.I.).

QUARENTA REBELDES FORAM MORTOS NAS FILIPINAS

MANILA, 28 (FP) — As tropas governamentais contra-atacaram os rebeldes muçulmanos em Sambianga del Norte (ao sul de Manila) matando 40 — anunciou o comando militar.

Entretanto, importantes forças governamentais estão já em acção no arquipélago de Sulu, província de Mindanao, considerada «região muçulmana». E neste arquipélago que se têm dado os choques mais sangrentos entre os insurrectos e governamentais: 76 governamentais mortos, 74 feridos e um avião derrubado.

Howard Hughes em Inglaterra: o nono andar de um hotel e disposições de segurança

LONDRES, 28 (ANI) — Embora a chegada do multimilionário Howard Hughes a Inglaterra tivesse sido uma surpresa para os funcionários do aeroporto de Gatwick, nos círculos financeiros observa-se que os banqueiros Röthschild já o aguardavam desde há algum tempo.

Um vespertino de Londres dizia ontem que Hughes e as seis pessoas que com ele viajaram passaram a primeira noite desta visita a Inglaterra num hotel situado a cerca de cinquenta quilómetros a sudoeste da capital.

Esse vespertino, «The Evening Standard», noticiou que Hughes tenciona ficar seis meses na Grã-Bretanha, mas não deu a origem de tal informação.

Por seu turno, a televisão anunciou que o multimilionário reservou uma suite no nono piso de um hotel existente junto ao Hyde Park.

Howad Hughes é já muito conhecido pela preferência dada ao nono piso dos hotéis.

As últimas informações indicam grandes medidas de segurança no nono piso do estabelecimento hoteleiro em causa, parte do qual foi selada à circulação de estranhos.

Entretanto, o «Daily Express» publica hoje o relato, feito por John Eckersley, um colaborador de Hughes, da fuga do multimilionário da capital da Nicarágua, sacudida por sismos.

Encontrávamo-nos no hotel quando o edifício começou a abanar» — conta John Eckersley. «Mais tarde sentiu-se um tremor mais violento, com muito ruído tal que parecia que alguém batera no edifício com um martelo gigante.

«Quadros caíram das paredes e a mobília deslizava de um lado para o outro. Pensei que alguém tivesse agarrado no mundo, começando a abaná-lo.

«Corri ao andar de baixo, para ver como se encontrava Hughes» — prossegue Eckersley. «Estava pálido, muito pálido. Todos diziam que devíamos partir imediatamente, mas ele disse que não. Queria estar, em primeiro lugar, seguro de que isso era absolutamente necessário.

«É típico de Hughes: nunca age sem pensar bem o problema». Hughes e a sua comitiva partiram de avião no dia seguinte, depois de as autoridades nicaraguanas terem autorizado o seu jacto a levantar voo do aeroporto, onde o tráfego era enorme.

Em círculos financeiros afirma-se que o multimilionário tenciona deslocar-se a Londres, de qualquer modo, mas o abalo de terra apressou a viagem.

ARGENTINA

Abolida a pena de morte

BUENOS AIRES, 28 (F. P.) — A pena de morte em vigor na Argentina há dois anos, foi abolida ontem pela Junta Militar presidida pelo general Lanusse.

A punição suprema tinha sido instituída pelo Governo do general Ongania, depois do rapto do ex-chefe do Estado, general Pedro Eugénio Aramburu, ocorrido em 29 de Maio de 1970.

A organização extremista «Montoneros» (peronista) tinha reivindicado o rapto e a responsabilidade pela morte do general Aramburu depois de sumàriamente julgado.

A pena de morte era aplicável aos autores de assassinatos de pessoas raptadas e aos que cometessem atentados extremistas, sabotagens de edifícios públicos e militares ou outras sabotagens em geral.

O Governo vai agora rever a lei do estado de sítio, promulgada também por Ongania, em consequência do assassínio do líder sindical Augusto Timóteo Vandor, em 30 de Junho de 1969. Segundo parece, esta lei vai ser revogada brevemente.

Corrupção na polícia de Nova York

NOVA IORQUE, 28 — (FP) — Para a comissão de inquérito Knapp, é «altamente prioritário» reorganizar a secção «anticorrupção» da polícia nova-iorquina.

Criada em Maio de 1970 pelo «mayor» John Lindsay, a comissão, presidida pelo juiz distrital Whitman Knapp, apurou que vários oficiais da polícia (entre eles o primeiro-comissário-geral-adjunto John Walsh) fecharam os olhos perante alguns casos, como a presença de «presumíveis assassinos, exploradores e contrabandistas de droga» entre as forças da ordem.

Verificando que uma «atitude de extrema tolerância para com a corrupção no departamento da polícia novaiorquina «prevaleceu durante perto de um século», a comissão Knapp recomenda a nomeação de oficiais de polícia que dediquem toda a sua carreira à luta anticorrupção, reforçando-se, assim, o departamento que tem a seu cargo essa luta e garantindo-se a continuidade do seu trabalho. O relato da comissão indica que, em 1971, «mais de metade» das forças policiais cometeram actos de corrupção a vários níveis.

SILNET
Linha de tratamento capilar
O Tónico SILNET elimina a caspa, seborreia, infecções, etc. . . . e evita a calvície
Mas . . . evita mesmo!
A loção INDIANA dá ao seu cabelo a côr primitiva
. . . dá mesmo!
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
RANGEL

Hotel de Turismo da Ericeira
Hotel de Vale de Lobos
NOITE DE S. SILVESTRE
Noite maravilhosa em ambiente alegre e distinto
2 CONJUNTOS
ATRACÇÕES — Gabriel Cardoso + Sissi + Lena Calazans, Tino Costa, Conjunto Típico, Cantares de Portugal, Fados e Guitarradas.
EMENTA — Creme de Galinha Royal, Consomé ao Madeira + 1/2 Lagosta ao Natural, Pescada à Marinheira, Filetes de Linguado Orly + Peru Recheado à Almirante, Escalopes À Regional, Frango À Cafreal + Sonhos À Portuguesa, Arroz Doce, Salada de Frutas + Café, Brandy ou licor + Vinhos Branco e Tinto e Espumante.
SÓ CEIA OU CEIA E ALOJAMENTO
M/ 15 anos
Faça sem demora a sua reserva — Telef. 25 e 130 Ericeira
* 292843 Vale de Lobos e 654061/2 Lisboa

Trinta e um B-52 abatidos (diz Hanói) desde o dia 18

SAIGÃO, 28 (R) — Aviões americanos bombardearam novamente durante a noite Hanói e outros alvos militares no Vietname do Norte e, segundo comunicou hoje Rádio Hanói, mais cinco bombardeiros B-52 foram abatidos.

O comando militar americano manteve o seu severo véu de segredo acerca dos ataques, por causa da segurança dos pilotos abatidos sobre o Vietname do Norte. Um informador desse comando recusou-se a comentar a notícia de Rádio Hanói de que mais aviões tinham sido derrubados.

Cálculos não oficiais em Saigão dizem que cerca de 60 aviadores americanos desapareceram ou foram capturados no Vietname do Norte desde que o novo «blitz» contra esse país principiou em 18 de Dezembro.

Rádio Hanói assevera que 31 B-52 e 40 caças-bombardeiros mais pequenos foram abatidos pelas forças defensivas norte-vietnamitas, mas oficiais americanos anunciaram apenas a perda de 14 B-52 e de seis aviões mais pequenos.

Círculos militares americanos disseram que a última série de ataques, que se registaram após uma pausa de 36 horas durante o Natal, fora tão intensa como os bombardeamentos da semana anterior durante os quais, segundo se calculou, 20000 toneladas de explosivos foram lançadas sobre o Vietname do Norte.

O comando militar sul-vietnamita comunicou hoje que as baixas governamentais desde que os bombardeamentos contra o Vietname do Norte recomeçaram em 18 de Dezembro foram substancialmente mais baixas em relação à semana anterior.

Entretanto, o embaixador americano em Saigão Ellsworth Bunker, e o general Frederick Weyand, comandante das forças americanas no Vietname do Sul, visitaram hoje o presidente Nguyen Van Thieu, segundo revelou um informador da missão dos Estados Unidos. Não são conhecidos pormenores da audiência.

A SR.ª THI BINH EM PEQUIM

HONG-KONG, 28 (ANI) — Ida de Moscovo, chegou ontem a Pequim a senhora Nguyen Thi Binh, ministro dos Negócios Estrangeiros do GRP do Vietname do Sul e principal delegado do seu movimento às conversações de Paris — anunciou a agência noticiosa Nova China.

A senhora Nguyen Thi Binh foi recebida no aeroporto de Pequim pelo ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Chi Peg-Fei, sendo depois saudada por muita gente colocada ao longo das ruas da capital.

NEGOCIAÇÕES SUSPENSAS

PARIS, 28 (ANI) — Não se realiza hoje a habitual sessão semanal das conversações regulares de paz para o Vietname, porque os comunistas se recusaram a participar em sessões de conversações como protesto contra os bombardeamentos americanos no Vietname do Norte, e porque os Estados Unidos pediram um adiamento em observação do período de férias de Natal e do Ano Novo.

Em relação às conversações privadas a alto nível, um diplomata comunista disse à UPI que o conselheiro presidencial americano Henry Kissinger está apto a reconhever as conversações, mas que o principal delegado norte americano, Le Duc-Tho, só nelas particpará quando terminarem os bombardeamento norte-americanos contra o Vietname do Norte.

O automóvel de Hitler vai ser leiloado

SCOTTSDALE, (Arizona), 28 (ANI) — O automóvel que Adolfo Hitler utilizava em cerimónias oficiais será leiloado em Scottsdale, no Arizona, em 16 de Janeiro de 1973.

O carro à prova de bala que pertenceu ao ditador nazie é actualmente de Tom Barrett, de Paradise Valley (Arizona) será um dos cinquenta veículos famosos a serem leiloados nesse dia em Scottsdale. Nestes veículos inclui-se o do marechal de campo de Hitler, Erwin Rommel, a «raposa do deserto».

O carro de Hitler foi construído em Estugarda, na Alemanha sob a supervisão do dirigente nazi e a sua construção custou o equivalente a dois milhões de dólares (cerca de 54 mil contos), ao passo que nos materiais utilizados foram gastos sessenta mil dólares (cerca de mil e seiscentos contos). Está protegido com uma capa de metal e as suas janelas têm vidros á prova de bala, com cinco centímetros de espessura.

O automóvel podia atingir a velocidade de 240 quilómetros por hora e Hitler tinha uma plataforma ascendente dentro do automóvel, que era utilizada de modo a que o ditador alemão parecesse mais alto, quando visto pela multidão.

O leilão será feito num hotel e será dirigido por uma companhia de leilões de Auburn, Indiana.

Um funcionário desta companhia afirmou que se prevê que os preços atinjam números superiores a cinquenta mil dólares (cerca de mil trezentos e cinquenta contos).

O planeta Marte está "vivo"

LOS ANGELES, (CALIFÓRNIA), 28 — O planeta Marte é «vivo» e o seu interior começa a agitar-se em consequência do calor radioactivo — declarou o dr. Robert Sharp, do Instituto Tcnológico da Califórnia.

Sharp afirmou na reunião anual da associação norte-americana de física que características da superfície de Marte, tal como foram fotografadas pela sonda Mariner -9, são relativamente recentes, no sentido geográfico.

«Marte pode ter passado por fases de profundas alterações do ambiente» — acrescentou. «A parte mais interessante pode ainda não ter ocorrido. A descoberta de vulcanismo em larga escala, neste planeta, foi muito significativa».

Sharp disse que os estudos a que a Mariner-9 procedeu mostram a existência de depósitos permanenetes de gelo no polo sul e, possívelmente, no norte.

Por outro lado, o dr. Bruce Murray declarou acreditar que o interior do planeta está a começar a agitar-se, em consequência de calor resultante de decadência de radioactividade. Este processo cria vulcões que provocam fracturas na crosta, podendo também produzir o dióxido de carbono e a água que compõem a sua atmosfera.

MEDIDAS CONTRA A POLUIÇÃO PROVOCADA PELA GASOLINA

WASHINGTON, 28 — (R) — O Governo norte-americano anunciou hoje que, a partir de 1 de Julho de 1974, todas as garagens deverão pelo menos ter postos de gasolina que mantenham uma das bombas com gasolina livre de conteúdo de chumbo.

No entanto, o Governo alargou os prazos de propostas para redução do conteúdo de chumbo noutros tipos de gasolina.

Em Fevereiro a agência de protecção ao ambiente (EPA) publicou regulamentos requerendo que as estações de gasolina tivessem bombas com o produto completamente livre do teor de chumbo em 1 de Julho de 1974, principiando em 1 de Janeiro de 1974 as reduções anuais de conteúdo de chumbo para outros tipos do produto.

No entanto, após conversações com a indústria do petróleo, com entidades médicas e outras partes interessadas, a EPA anunciou hoje que os regulamentos finais adiavam o início das reduções anuais nos outros tipos de gasolina a partir de 1 de Janeiro de 1975, porque as companhias petrolíferas informaram que não poderiam cumprir os horários originalmente estabelecidos pela EPA.

O administrador da EPA, William Rocjelshaus, disse numa conferência de Imprensa que os regulamentos iam ser implementados para se tentarem acabar com os perigos contra a saúde devidos à poluição lançada pelos automóveis, medidas que custariam às estações vendedoras de gasolina cerca de 800 milhões de dólares por ano.

Além das substanciais razões sobre a saúde humana, o representante da EPA informou que um estudo feito por uma companhia aero-espacial mostrou que a utilização de gasolina sem conteúdo de chumbo fará aumentar substancialmente a vida dos tufos de escape e dos motores de automóvel, reduzindo assim os gastos com a manutenção dos veículos.

No respeitante aos perigos contr a saúde pública, a EPA informou que «números consideráveis de moradores urbanos tem anormalmente elevados níveis de chumbo na corrente sanguínea resultantes da excessiva exposição ao envenenamento do ambiente pelos resíduos de chumbo, principalmente atraves dos alimentos, da água, ar e poeira».

Funeral simples para Harry Truman

INDEPENDENCE (MISSOURI), 28 — (R.) — O antigo presidente Harry Truman, que gostava ser denominado «o presidente do povo», será sepultado hoje nesta cidade, após uma missa a que assistirão apenas amigos íntimos da família e vizinhos.

Ontem, o presidente Nixon depôs uma coroa de cravos vermelhos, brancos e azuis junto da urna fechada que se encontrava no vestíbulo da biblioteca Truman em Independence e o antigo presidente Lyndon Johnson prestou, também, homenagem ao seu velho amigo e confidente.

O presidente Nixon e sua mulher regressaram a noite passada a Washington.

Calcula-se que cerca de 10 000 pessoas desfilaram junto da urna, embrulhada numa bandeira, entre as 15 e as 21.00 h. locais. As pessoas que se mantiveram de pé na «bicha» suportaram uma espera de três horas em temperaturas perto do ponto de congelação, a fim de desfilarem junto do caixão do homem que os serviu na Casa Branca de 1945 a 1953.

O funeral será simples, comparado com os enterros oficiais realizados para muitos antigos presidentes.

Apenas pouco mais de duzentos parentes e amigos poderão ser acomodados no pequeno auditório da biblioteca, onde o rev. John Lembcke celebrará a missa.

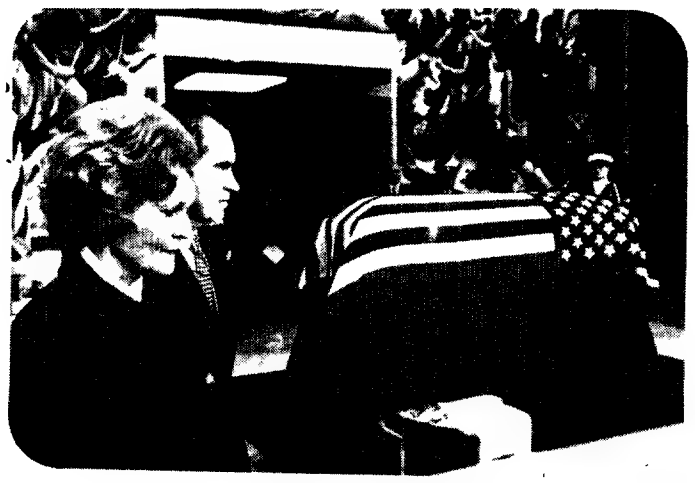
Lembcke é pastor da igreja episcopal da Trindade onde o presidente Truman e sua mulher Bess se casaram e onde a sua única filha Margaret se consorciou com o subchefe de redacção do «New York Times», Clifton Daniel. Truman ficará sepultado um pátio fechado perto da janela do seu escritório.

A sra. Truman, a quem o antigo presidente chamava «a patroa», permaneceu ontem retirada na sua residência victoriana de 14 divisões como o tem feito desde que o marido faleceu às 07.50 h. da manhã de 3.ª feira, após lutar com as enfermidades da velhice durante três semanas.

Tanto Nixon como Johnson visitaram a residência dos Truman para apresentarem as suas condolências à viúva e à filha do ex-presidente.

Mensagem enviada pelo Presidente da República Portuguesa Almirante Américo Thomaz ao Presidente dos Estados Unidos da América:

«Por ocasião do falecimento do antigo Presidente Harry Truman, peço a Vossa Excelência que aceite as minhas condolências pela perda de tão ilustre estadista americano. Rogo a Vossa Excelência que transmita o meu profundo pesar à família do Presidente Truman».



O presidente Nixon e a sua mulher recolhidos perante a urna de Harry Truman, na biblioteca de Independence, cidade onde o natigo presidente é sepultado hoje (Telefoto UPI/ Telimprensa/«DL»)

3K
BRINDES DE NATAL
Rua Pascoal de Melo, 47
LISBOA

GIL BAPTISTA DA SILVA

Faleceu

Maria Amélia Abrantes da Silva, Isabel Maria Abrantes Baptista da Silva, Alfredo da Silva, Ana Paula Abrantes Baptista da Silva, Adelaide Baptista da Silva, Mário Baptista da Silva, Aurora de Sousa Lopes da Silva, Horácio Henriques de Figueiredo, Lizete Lopes da Silva de Figueiredo República Abrantes e mais família participa o falecimento do seu querido marido, pai, filho, irmão, cunhado, tio, genro e parente e que o seu funeral se realiza amanhã dia 29 pelas 11 horas, saindo da Capela C, da Igreja de S. João de Deus para o cemitério do Alto S. João.

AGÊNCIA GASPAR
Tel. 52183
Rua dos Anjos, 34

DL/GERAL

A Jugoslávia na hora da reorganização

Por
BERNARD MARGUERITE
«Le Monde»

No seu primeiro artigo, o autor apresentou os fenómenos de desigualdade social que a reforma económica multiplicou na Jugoslávia. Mostrou as transformações da reorganização política, nomeadamente na Croácia e na Sérvia. Mas poderá o presidente Tito conciliar a centralização do partido que pretende impor e a descentralização do Estado que entende desenvolver?

BELGRADO — O sr. Kolj Siroka, membro do presidium da Liga dos Comunistas — dirige a comissão para o desenvolvimento do partido e ocupa-se da organização da Liga no exército, — recebe-nos no seu gabinete de vidro, no andar superior do edifício que abriga os serviços oficiais. Lá em baixo, a velha Belgrado, o Danúbio, não mais azul do que habitualmente, e a Novi Beograd, encontram-se mergulhados na bruma matinal. Durante três horas e meia, vai expor, com muita abertura de espírito, a nova política do partido. Sinal dos tempos, um jovem tão elegante quanto discreto assistirá, silencioso, à maior parte da conversa.

Em primeiro lugar, uma certeza: nada mudou fundamentalmente nesta política. Não é um facto que, na Jugoslávia, se pretende há muito lutar contra os anarco-liberais, os partidários de Rankovitch ou de Djillas, os tecnocratas, os burocratas e alguns outros? Mas era preciso reagir. As crescentes desigualdades sociais, diz o sr. Siroka, suscitavam um descontentamento cada vez maior no seio da classe operária. As emendas constitucionais, destinadas a reforçar a autosugestão, e chamadas autogestão, e chamadas «emendas operárias», não eram aplicadas. Os membros da Liga estavam desorientados: dirigiam-se-nos e perguntavam-nos para que serviam efectivamente, agora que o papel do Partido se encontrava limitado a este ponto. Que podíamos responder-lhes?» A mesma confusão, afirma o nosso interlocutor, apoderara-se das forças de segurança e da ordem. Na atmosfera de tolerância geral, já não se atreviam a intrevir. «Imagine, diz o sr. Siroka, que alguns directores de fábricas se opunham à formação das células do partido. Num país socialista!» A própria autogestão não passava frequentemente de um engodo. Apenas uma certa estrutura burocrática era descentralizada; a fábrica era gerida pelo director, pelos representantes do partido, dos sindicatos e do concelho operário, sem verdadeira participação da base.

A «arrumação», como diz o sr. Siroka, deve ser um recuo? É certo que, na entrevista concedida ao «Vjesnik», em Setembro, Tito declarava, de uma maneira bastante inquitetante, que «o partido perdeu muito do seu prestígio desde o sexto congresso», isto é depois da liberalização de 1952. Em 19 de Setembro, o sr. Stane Dolanc, secretário da comissão executiva, dizia, por seu turno: «Devemos regressar a determinadas formas precisas de trabalho e de educação ideológica e política, mesmo que nos ataquem acusando-nos de fazer marcha atrás.»

Todavia, na referida entrevista, o Presidente Tito esclarecia que não se tratava «de fazer recuar as agulhas do relógio, mas sim de avançar ràpidamente», acrescentando que tão-pouco se tratava «de um regresso a um qualquer estalinismo ou a não sei que concepção». Todavia, o regresso a um certo centralismo no partido não será contrário ao movimento de descentralização que prosseguia havia alguns anos? De modo algum, garante o sr. Siroka. «Trata-se, pelo contrário, de combinar uma certa descentralização democrática do partido e a descentralização do Estado. Somos resolutamente hostis a toda e qualquer concepção de centralismo que contrariasse a descentralização do Estado.» Para os dirigentes jugoslavos, os dois movimentos, longe de se excluirem, completam-se.

O PROBLEMA DO EXÉRCITO

Ir-se-á abandonar a orientação democrática do socialismo jugoslavo? «Não preconizo uma política da «mão-forte», responde o sr. Kardelj, o teórico do regime. Pelo contrário, penso que nos devemos bater por uma democracia socialista forte. O sr. Jure Bilitch, por seu turno, insurge-se contra os «falsos clamores» segundo os quais «abandonámos a democratização ou o sistema de autogestão. Trata-se de reforçar a disciplina no próprio seio do partido». «As organizações do partido, garante pela sua parte o sr. Siroka, não deverão de modo algum intrometer-se nos assuntos dos diversos organismos do Estado ou dos conselhos operários, mas os membros do partido deverão, no seio destes organismos, agir em função de decisões tomadas em comum nas reuniões da Liga.»

A autogestão? Não se trata de a enfraquecer. É preciso, diz o sr. Siroka, «torná-la mais efectiva, menos formal».

Diz-se, por vezes, em Belgrado que não era possível deixar o exército figurar cada vez mais como a única força coerente, centralizado, «jugoslavo», tanto mais ligado à defesa do socialismo quanto, de acordo com o regulamento, as escolas do Estado-Maior devem recrutar 80 por cento dos alunos oficiais entre os filhos de operários e de camponeses. Em Dezembro de 1971, na altura da crise croata, o General Asim Hodjitch declarava em Zagreb que o exército não desejava intervir nos assuntos políticos, mas que estava «pronto a colocar-se na primeira linha da luta contra o nacionalismo e as outras forças anti-socialistas.»

Nesse mesmo momento, o sr. Bakaritch — aquele que, o ano passado, se encarregou de fazer regressar à ordem a direcção croata — admitia numa entrevista concedida a um jornalista alemão que o exército representava «um certo perigo potencial». O papel desempenhado pelo exército na preparação da política adoptada há perto de dois anos é em todo o caso incontestável e explica-se parcialmente pela influência cada vez maior do conselheiro pessoal de Tito para os assuntos de segurança, o General Ivan Miskovitch.

UMA POLÍTICA EXTERNA INALTERADA

Esta nova política jugoslava levará a um regresso à órbita soviética? É certo que o embaixador da U.R.S.S. em Belgrado mostra uma grande actividade. Após o encontro de Tito com a direcção do partido sérvio, apressou-se a visitar o sr. Petronitch, que se tornaria, algusn dias depois, o novo secretário do partido sérvio (alguns garantem que teria sido nomeado presidente caso esta entrevista inoportuna se não tivesse verificado). Por outro lado, os soviéticos concluiram, em plena crise, um acordo que prevê a concessão à Jugoslávia de um crédito de 540 milhões de dólares. E certo que os americanos vão conceder em breve novos créditos, o que elevará o seu auxílio a um pouco mais de 600 milhões de dólares. Porém o sr. Stane Dolanc foi muito claro neste ponto: «Não caímos sob qualquer influência, incluindo a dos soviéticos; insistimos, pelo contrário, no desenvolvimento da sociedade de autogestão.» Todos os nossos interlocutores partilham deste ponto de vista: não mudará na política de não alinhamento da Jugoslávia.

Aliás, observa um jornalista, «insurgimo-nos contra as desigualdades sociais no nosso país, mas elas são ainda mais notáveis na União Soviética». Nas livrarias de Belgrado, todos podem adquirir as memórias dos campos estalinistas de Nadeja Mandelstam, que continuam proibidos no primeiro país socialista do mundo. E, depois, tal como escreveria o professor Stojanovitch na revista de Zagreb «Praxis», «os estalinistas, na Europa de Leste, não têm qualquer razão para se sentirem triunfantes, dado que o seu sistema atravessa uma crise mais grave e sem esperança». O professor recordava a este respeito as crises da Checoslováquia e da Polónia.

Assim, a nova orientação da Liga dos Comunistas não parece por ora constituir um regresso aos métodos do passado, nem um abandono do socialismo democrático jugoslavo ou uma rejeição da autogestão, na mesma medida em que não implica uma alteração da política externa do país. Os riscos da operação, são, porém, em grande número. O sr. Barbieri, chefe de redacção demissionário do hebdomadário «Nin», fazia notar que a introdução «de uma ordem de Estado e de partido faria renascer os antigos problemas e as antigas desordens cobertos por uma ordem aparente», pondo de sobreaviso contra os cálculos dos neo-estalinistas ao lembrar que «em quase todos os comunistas continua a viver, pelo menos escondido, um estalinista pequeno ou potencial.»

A reorganização não será susceptível de abrir o caminho aos extremistas do partido? As autoridades já se viram obrigadas a reagir vigorosamente contra os «guardas vermelhos»: em diversas Repúblicas, estes tinham afixado listas de cidadãos que possuem vivendas ou têm rendimentos anuais um pouco elevados sem se preocuparem em saber se este dinheiro era ganho ou não honestamente. Todavia, se não é este o desejo do poder, as medidas tomadas não serão um atentado contra o carácter democrático do sistema? «Correremos nós o risco de despejar o bebé juntamente com a água do banho? pergunta o professor Sefer. Pois bem, sim, existe esse perigo, mas temos consciência disso e evitá-lo-emos.» No presidium da Liga, afirma-se igualmente que «as esperanças dos estalinistas não se tornarão realidade.»

Todavia, as contradições internas do sistema não desapareceram. Como será possível conciliar a descentralização do Estado e a centralização do partido, a organização, anti-hierárquica por natureza, da autogestão e a disciplina hierárquica do partido? Como se impedirá o progresso baseado numa economia de mercado de se fazer acompanhar de certas desigualdades sociais? A crise não será afinal a de todo o socialismo que se esforça de sair do imobilismo?

O sr. Nikezitch via a crise. Desconfiava dos remédios de choque e depositava confiança nas virtudes de persuasão de um partido democrático, agindo mais pelo exemplo do que pela coerção. Acreditava que o mal podia ser curado por meio da aspirina. O Presidente Tito, esse, preferiu a operação. «A incisão está feita, disse-nos um habitante de Belgrado, mas desconhece-se verdadeiramente qual o orgão doente. Ora, é preciso agir depressa.»

É aliás fácil compreender a impaciência de Tito. O Presidente, que conta oitenta anos, declarou na sua entrevista ao «Jjesnik»: Decidi, há algum tempo, que devo levar as coisas até ao fim... E já não me resta muito tempo.» E ainda: «Se pudesse, ficaria muito contente por descansar agora, mas, como vêdes, tenho de trabalhar. Simplesmente porque desejaria ainda reforçar o nosso país para estar mais seguro do seu desenvolvimento socialista correcto no futuro.»

Quem casa quer... pensões?

Continuação da pág. 3

expressamente «maridos» e «pais». Nada, aliás, na sua instrução nem na formação familiar (ao contrário do que se passa, por ex., na Suécia) funciona nesse sentido. O macho é pois conduzido a desenvolver-se como um ser total, a mulherzinha... a manter-se isso mesmo: mulherzinha. O pai sonha com um bom casamento, que o deixará morrer descansado, passado a outro «o fardo e a responsabilidade» desse ser diminutivo, diminuído, digo, pelo menos na totalidade que lhe é fortada.

No Porto conheço eu um pai (mas há-os iguaizinhos em Lisboa, e então pela província...) que tendo muitas possibilidades materiais deu um excelente curso superior ao filho, e não deixou que a filha, de inteligência excepcional, fosse além do sétimo ano do liceu. Porque quando casasse (palavras textuais) esperava que passasse bem, tinha essa obrigação, e o marido que tomasse conta dela; agora o filho, esse era ele que teria de assumir a responsabilidade da família que viesse a constituir... Ambos os filhos casaram já, e as diferenças na assistência material são flagrantes, mesmo do ponto de vista mais tradicional. Ao que parece, ainda se usa no Norte a lei do morgadio...

Esta mentalidade tende a diminuir; repare-se, contudo, como estes pais amantíssimos criavam as filhas para cortesãs legais.

Assim se mantinha domada, dominada, neutralizada a mulher, esse segundo sexo que tanto «medo» mete ainda.

Assim, obedientemente ela reage, dirigida e condicionada pelos homens que fazem as leis de um mundo de homens, onde ela é apenas tolerada (porque procriadora) e mantida em reservas naturais tão definidamente balizadas como um verdadeiro redil; dirigidas e condicionadas por essas leis que regem toda a sua vida.

2.º — Depois, quando ela reage segundo os mecanismos que lhe forneceram, é o próprio homem que a olha, embora tranquilizado, com um certo desdém, e assim se fecha o círculo da relação; ou escandalizado, sem querer aperceber-se de que ela está apenas a ser aquilo que ele fez dela...

Nos Estados Unidos da América, outro exemplo, e ainda a respeito de pensões de alimentos: muita mulher várias vezes divorciada vai somando aos seus rendimentos as pensões que vai obtendo dos sucessivos maridos...

Será isto moral? A mesma lei o permite.

Para mim é imoral. Mas trata-se de uma opinião muito minha. A cada qual o seu conceito de imoralidade.

BOM APETITE

A CARRUAGEM
BAR * RESTAURANTE * SNACK
DÁ-NOS UM TOQUE DIFERENTE
ABERTO DAS 11 DA MANHÃ ÀS 2 DA MADRUGADA
AR CONDICIONADO * ENCERRA AOS SÁBADOS
RUA FILIPE FOLQUE, 49-A — TELF. 561457

RESTAURANTE
POMBALINO
ALMOÇOS - JANTARES E CEIAS
TODOS OS DIAS
A FAMOSA PAELHA A VALENCIANA
PAÇO DE ARCOS
(junto do Jardim)
Telef. 2433878

RESTAURANTE
VELEIRO
PRAIA DE CARCAVELOS
EMENTA ESPECIAL PARA O ANO NOVO
Vinho espumoso, Café e Brandy c/ Taxas incluidas 350$00
— COZINHA PORTUGUESA E ESCANDINAVA —
NOVA GERÊNCIA ESCANDINAVA tem ao dispor da Ex.ma Clientela
DIÁRIAMENTE ESPECIALIDADES NÓRDICAS
RESERVAS DE MESA PELOS TELEFS. 247046/7

Restaurante
Quinta de S. Vicente
TELHEIRAS DE CIMA, 144 — TELEFONE 790211
REVEILLON 72/73
VARIEDADES
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
MUSICA! MUITA MUSICA! ALEGRIA!
Parque automóvel privativo
(M/ 15 anos)

RESTAURANTE E BAR
DO
HOTEL ALVORADA
ESTORIL
REVEILLON
MÚSICA, ALEGRIA
BOM AMBIENTE
Magnificas refeições
Inscrições limitadas na recepção
Telef. 260070 (Frente do casino)

APÓS AS REFEIÇÕES CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

DL/NACIONAL

Dizem os leitores

A aposentação de funcionários públicos

Dum leitor devidamente identificado, mas que nos solicitou o anonimato, publicamos a seguinte carta:

A recente leitura do Estatuto da Aposentação (Decreto-Lei n.º 498/72 de 9 de Dezembro) leva-me a escrever na esperança de que, através da publicação destas linhas no nosso jornal, a Administração Pública venha a reconsiderar alguns aspectos contidos naquele diploma, com os quais, creio, ninguém poderá estar de acordo. Trata-se concretamente do exercício de funções públicas do aposentado. A anterior legislação, Decreto n.º 16689, de 27 de Março de 1929, proibindo em geral aos aposentados o regresso à actividade do Estado, permitia no entanto, quando tal fosse autorizado, que nesse caso, o aposentado recebesse a pensão por inteiro e um terço do vencimento ou este por inteiro e um terço da pensão-vidé artigo 38 do decreto citado. Era lógico que o aposentado optasse pela solução que lhe garantia remuneração mais elevada, ou seja, quase sempre a última das modalidades apontadas. Nesta situação encontram-se muitas dezenas, até centenas de jovens reformados ou beneficiários de pensões de invalidez, por ferimentos em campanha no Ultramar, que, não tendo tido oportunidade de arranjar colocações em empresas privadas, se empregaram em organismos públicos. Assim, lhes vêm descontando dois terços da pensão que lhes foi atribuída o que poucos contestarão. E entretanto invulgarmente injusto, pois a pensão deverá ser concebida, nesses casos, como uma indemnização devida por incapacidade física sofrida, acrescendo que, não podendo os aposentados ingressar nos quadros de pessoal de nomeação (de provimento definitivo) se encontram em lugares que não oferecem quaisquer garantias de continuidade na função. Será legítimo, nestas condições, proceder-se ao desconto de dois terços de pensão?

Em todo o caso havia a esperança de que, brevemente, legislação adequada viesse a corrigir a situação. Era esperada, com visível ansiedade a publicação do Estatuto. Por certo os aposentados, (frize-se que, nesta situação há militares beneficiários de pensões de reforma extraordinária ou de pensões de invalidez que atingem, normalmente, esta situação com menos de trinta anos) poderiam fazer parte dos quadros, por certo poderiam acumular a pensão com o vencimento, por certo a pensão acompanharia as flutuações dos vencimentos, etc, etc, etc...

A breve trecho o desengano era total. Com a publicação do Estatuto em 9 do corrente, a situação na maioria dos casos piorara! Agora, (artigo 79 do Decreto-Lei n.º 498/72) o aposentado perceberá a pensão por inteiro e um terço do vencimento!

Recordemos que ao atingir a reforma com menos de trinta anos a pensão corresponde, normalmente, aos vencimentos do soldado, furriel ou alferes, conforme os casos, e em todos eles é bastante exígua, não havendo promoções e, portanto, expectativa do quantitativo das pensões poder vir a ser aumentado.

Para ilustrar a situação, apenas um exemplo prático. Suponhamos um aposentado com o vencimento de Alferes, 3564$00 por mês, que ingressa na actividade do Estado ocupando o lugar de técnico de 3.ª ao qual corresponde o vencimento de 7100$00. Na vigência do decreto 16669 o aposentado nestas condições recebia o vencimento por inteiro e um terço da pensão ou seja 7100$00 mais 1188$00 o que totalizaria 8288$00. Com o actual Estatuto a situação é a seguinte: o aposentado receberá a pensão por inteiro 3564$00 e um terço do vencimento — 2366$00 — o que dá um total de 5930$00!

É evidente que, nestas condições, poucos aposentados poderão continuar ao serviço do estado. Será isto justo?

"Estou pronto a financiar as obras de segurança na Boca do Inferno"

—Diz-nos o pai de uma das vítimas da recente tragédia ali ocorrida

Do pai de uma das vítimas do recente desastre da Boca do Inferno, o sr. Ricardo Semião Casinha, a residir actualmente na Rua de D. Estefânia, 49-r/c, Lisboa e com morada permanente em Luanda na Rua Francisco António Pinto, 30-B-Alvalade, recebemos a seguinte carta, a propósito do tratamento que o nosso jornal deu ao assunto, nas edições de 18 e 21 do corrente:

«Quem escreve estas linhas é o amargurado pai de uma das vítimas da tragédia que desabou sobre a Boca do Inferno e sobre a minha própria vida. O propósito desta minha carta foi ter lido no vosso honesto e conceituado jornal um judicioso e humano escrito que tem por título **Inùtilmente Mortos**. Assim, venho junto de V. para que, por intermédio do «Diário de Lisboa», de que é digno director, chame a atenção das autoridades responsáveis, dizendo-lhes que estou pronto a financiar todos os gastos que se façam com a rede protectora de vidas futuras, já que eu tive a grande, a enorme fatalidade de perder uma querida e saudosa filha que era o meu orgulho, da mãe e da irmã, que também é estudante.

«Não encontro palavras com que agradecer a V. as confortáveis palavras com que defende a honra e as virtudes dos jovens que nessa fatídica e trágica noite foram contemplar a beleza e a bravura do mar revolto e traiçoeiro. Já na publicação integral da entrevista com um dos estudantes sobreviventes da tragédia, havia o **Diário de Lisboa** levantado o véu do **mistério**... com que alguns jornais mal avisados ou de má fé haviam especulado, não se lembrando de que iam, com essa atitude, avivar ainda mais a dor que mora nos corações dos desolados pais, mães e restante família, desde que a vaga assassina desabou sobre aquelas vidas em flor.

«Portanto, repito, para que se evitem mais tragédias iguais ou semelhantes àquela que enlutou para todo o sempre a minha pobre e desgraçada vida, bem como as de minha mulher e filha, estou pronto a financiar a colocação desssa miserável vedação em rede que poderia ter evitado a grande calamidade que nos aconteceu.

«O meu nome é Ricardo Semião Casinha, e sou pai de Nídia Maria Murta Semião».

Três horas em Alfarelos

O nosso leitor José Augusto Gonçalves Martins, de Ermesinde, remeteu-nos cópia da carta que enviou à repartição de relações públicas da C. P.:

«No meu interesse pessoal e no de cerca de 200 pessoas anónimas que compunham a lotação do comboio semidirecto Lisboa-Porto de 18 do corrente, com partida de Santa Apolónia às 11 e 30 e que teve de ficar retido por avaria na estação de Alfarelos, pedia que fossem esclarecidos pùblicamente os seguintes factos:

«1 — Sendo o horário normal de passagem por Alfarelos dessa composição às 14 e 41, porque tiveram todos os passageiros, com excepção dos que seguiam até Coimbra, de esperarem em vão durante três horas pelo transporte a que tinham direito?

«2 — Quais as razões que levaram a não permitir a paragem do rápido-foguete procedente de Lisboa na referida estação, pelas 17 e 20, uma vez que com isso beneficiariam todas as pessoas com destino a Coimbra, Curia, Aveiro, Espinho, Gaia, Porto e estações das linhas do Douro e do Minho? Esta composição aprestava-se para parar, conforme toda a gente esperava, inclusivé o Chefe da estação. Houve mesmo quem saltasse em andamento. Mas, surpreendentemente, recomeçou a marcha ante a indignação geral. Perante o atropelo de acusações e perguntas de que o chefe da estação era alvo, este respondia que não tinha poderes para ordenar a paragem do comboio, ao mesmo tempo que aconselhava as pessoas a protestarem junto da Administração da C. P.

«3 — Acrescento ainda que a chegada do rápido-foquete ao Porto (Campanhã) se verificou às 19 e 10, enquanto que o comboio seguinte só chegou às 20 e 18, com todas aquelas pessoas que fizeram transbordo em Alfarelos».

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no Café Havanesa do Montijo, Rua Miguel Pais, 8 MONTIJO

"Triste lapso" na concessão do 13.º mês

O nosso leitor José Pimentel, de Viseu, escreve-nos para «louvar sem regateios o nobilíssimo gesto de compreensão cristã com que se dignificou o Governo» ao conceder o 13.º mês, mas também para dar notícia dum «triste lapso»:

«São excluídos da regalia os funcionários que embora só entrassem no quadro efectivo no decorrer deste ano, já tinham prestado serviço em regime provisório, mas com nomeação ministerial, em período superior a um ou dois anos, durante o qual até sofreram descontos nos seus vencimentos, a contar já para efeitos de reforma.

«Se durante esse período cumpriram os seus deveres como os outros, como é que se compreende agora que para uma cristã regalia já não sejam achados!? Ou só são todos iguais para o cumprimento dos deveres e já não para as regalias?...

«Não seria pois um acto de justiça e bondade cristã contemplar também estes funcionários deixados ao abandono numa árida desolação e cujo custo de vida é também um calvário igual ao dos outros — eles que também cumpriram os seus deveres [illegible] o período em [illegible] serviço, desempenhando o mesmo trabalho que competia aos titulares do lugar, ausentes?».

DESCONTOS INDEVIDOS

Também a propósito do subsídio eventual de Natal concedido aos servidores do Estado e de organismos oficiais, um funcionário de um destes últimos dirigiu-se-nos protestando contra uma medida lesiva dos interesses de muitos funcionários: o terem sido feitos descontos sobre o montante dos subsídios. Afirma o nosso leitor:

«Muitos foram os organismos oficiais que, baseados no Decreto 957/72, estabeleceram o pagamento do subsídio eventual aos seus funcionários não respeitando o art.º 3.º, que diz: «O suplemento eventual é inalterável e fica sujeito apenas ao imposto do selo». E vá de pagar descontando a percentagem para as Caixas de Previdência, o que contraria a ideia do Governo, que concedeu uma compensação excepcional livre de descontos de tal natureza. Por isso espera-se que os funcionários que já foram abonados da importância do 13.º mês venham a ser reembolsados das importâncias descontadas indevidamente.»

CINDERELA

A Casa do Famoso BOLO REI

Praça do Areeiro (Junto ao Metro) — Tel. 725101/2/3

Em cada Bolo Rei da CINDERELA há sempre um brinde. Muitos deles poderão ser o «elefante» de ouro ou de prata... Mas, em todos eles, o maior brinde continua a ser a qualidade!

MÁQUINAS DE COSTURA
TELEVISORES
FOGÕES A GÁS
MÁQUINAS DE ESCREVER
AQUECEDORES CATALÍTICOS E INFRAVERMELHOS

ESQUENTADORES A GÁS
FRIGORÍFICOS
MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
MÁQUINAS DE LAVAR LOUÇA
FRITADEIRAS MERGULHANTES
(SEMI-INDUSTRIAIS)

TORNE O SEU LAR MAIS CONFORTÁVEL, MAIS FUNCIONAL E... MAIS FELIZ COM

OLIVA

SHER — SOCIEDADE HIDRO-ELÉCTRICA DO REVUÈ

S. A. R. L.

CAPITAL: 250 000 000$00

Serviços Administrativos — Títulos

Amortização de Obrigações e Pagamento de Juros

SORTEIOS

Nos termos dos anúncios oportunamente publicados, procedeu-se no dia 21 do corrente mês de Dezembro aos sorteios, para efeito de amortização, relativos às emissões que a seguir se indicam, tendo-se obtido os seguintes resultados:

EMISSÃO DE 30 000 CONTOS — 1954 — 5 %

Títulos de 1 obrigação n.os 6, 90, 128, 134, 153 155, 171, 214, 227, 241, 287, 388, 468, 587, 593, 650, 687, 706, 709, 754, 756, 832, 928, 952, 986, 1114, 1177, 1178, 1196, 1227, 1259, 1311, 1392, 1406, 1407, 1418, 1474, 1487, 1553, 1587, 1629, 1640 e 1641.

Títulos de 5 obrigações n.os 1770, 1787, 1806, 1826, 1860, 1882, 1915, 1916, 1928, 1934, 1946, 2067, 2157, 2198, 2224, 2302, 2375, 2397, 2416 e 2508.

Títulos de 10 obrigações n.os 2636, 2739, 2751, 2801, 2852, 2855, 2880, 2960, 2989, 3003, 3017, 3049, 3057, 3073, 3088, 3145, 3235, 3249, 3344, 3471, 3482, 3488, 3533, 3551, 3781, 3798, 3932, 3964, 3979, 3985, 4003, 4030, 4065, 4106, 4108, 4154, 4170, 4201, 4217, 4376, 4445, 4453, 4581, 4628, 4629, 4671, 4719, 4720, 4750, 4810, 4873, 4881, 4889, 4913, 4917, 4923 e 4934.

Amortizações anteriores

16.° Sorteio — Sem direito ao pagamento do cupão n.° 19.
Título de 1 obrigação n.° 1556

24.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 27
Título de 1 obrigação n.° 19

25.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 28
Título de 1 obrigação n.° 217

26.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 29
Título de 1 obrigação n.° 1141

27.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 30
Títulos de 10 obrigações n.os 3942, 3948, 4060, 4177, 4244, 4272, 4313, 4317, 4509, 4529, 4714 e 4859

28.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 31
Título de 1 obrigação n.° 219
Títulos de 10 obrigações n.os 3956, 3958, 3963, 4035, 4056, 4118, 4132, 4230, 4282, 4288, 4424, 4435, 4467, 4522, 4532, 4573, 4663, 4752, 4761, 4795, 4856, 4890 e 4893

29.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 32
Título de 1 obrigação n.° 281
Títulos de 10 obrigações n.os 3951, 3955, 4034, 4156, 4252, 4336, 4343, 4477, 4481, 4534, 4543, 4595, 4646, 4696, 4755, 4784, 4809, 4843, 4850, 4854, 4898 e 4904

30.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 33
Título de 1 obrigação n.° 245
Títulos de 10 obrigações n.os 2789, 2842, 2851, 2853, 2890, 2957, 3052, 3087, 3108, 3140, 3202, 3678, 4054, 4076, 4103, 4183, 4324, 4372, 4399, 4433, 4438, 4491, 4503, 4599, 4634, 4686, 4701 e 4933

31.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 34
Títulos de 1 obrigação n.os 254 e 534
Títulos de 10 obrigações n.os 2580, 2634, 2708, 2725, 2764, 2772, 2905, 2925, 2939, 2944, 3030, 3065, 3066, 3090, 3146, 3317, 3337, 3359, 3386, 3389, 3440, 3954, 4002, 4039, 4087, 4138, 4285, 4311, 4348, 4353, 4423, 4541, 4556, 4672, 4753, 4775, 4778, 4786, 4792, 4815, 4827, 4828, 4863 e 4900

32.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 35
Título de 1 obrigação n.° 623
Títulos de 10 obrigações n.os 2539, 2547, 2664, 2677, 2687, 2869, 2904, 2942, 2991, 3047, 3067, 3154, 3184, 3271, 3285, 3300, 3304, 3393, 3419, 3425, 3451, 3528, 3736, 3946, 3997, 4008, 4011, 4031, 4061, 4174, 4218, 4260, 4384, 4457, 4539, 4649, 4727, 4740, 4757, 4768, 4770, 4785, 4814, 4821, 4831 e 4879

33.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 36
Títulos de 1 obrigação n.os 490 e 1043
Títulos de 5 obrigações n.os 1758, 2005, 2011, 2161 e 2355
Títulos de 10 obrigações n.os 2552, 2574, 2605, 2623, 2731, 2738, 2788, 2802, 2836, 2871, 2902, 2955, 2979, 2984, 3025, 3038, 3114, 3158, 3309, 3325, 3383, 3438, 3466, 3493, 4032, 4088, 4136, 4167, 4223, 4280, 4315, 4383, 4485, 4507, 4524, 4560, 4633, 4682, 4683, 4693, 4725, 4796, 4806, 4833, 4899, 4915 e 4921

34.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 37
Títulos de 1 obrigação n.os 51, 91, 156, 166, 479, 560, 1226, 1343, 1348, 1507 e 1682
Títulos de 5 obrigações n.os 1731, 1756, 1845 e 2319
Títulos de 10 obrigações n.os 2533, 2569, 2587, 2733, 2753, 2780, 2791, 2804, 2850, 2888, 2889, 2937, 2938, 3014, 3194, 3242, 3367, 3453, 3563, 3565, 3728, 3901, 3906, 3961, 4022, 4084, 4370, 4404, 4450, 4462, 4508, 4510, 4513, 4601, 4653, 4688, 4698, 4700, 4764, 4847, 4872, 4902, 4919 e 4922

EMISSÃO DE 25 000 CONTOS — 1955 — 5 %

Títulos de 1 obrigação n.os 49, 127, 140, 176, 332, 337, 375, 485, 520, 542, 545, 632, 658, 696, 733, 778, 788, 972, 975, 998, 1061, 1118, 1138, 1152, 1165, 1308, 1323, 1334, 1442, 1584, 1640, 1696, 1857, 1866, 1918, 1922, 2011, 2054, 2121, 2202, 2209, 2267, 2271, 2373, 2386, 2449, 2486, 2519, 2532, 2533, 2585, 2614, 2723, 2864, 2940, 3004, 3023, 3096, 3130, 3200, 3203, 3226, 3256, 3305, 3321, 3363, 3403, 3412, 3466, 3478, 3479, 3483, 3486, 3533, 3560, 3609, 3624, 3650, 3687, 3776, 3781, 3813, 3862, 3903, 3926, 3958, 3960, 3967, 3969, 4001, 4012, 4013, 4016, 4132, 4139, 4184, 4203, 4244, 4269 e 4443.

Títulos de 5 obrigações n.os 4472, 4498, 4559, 4571, 4671, 4688, 4708, 4845, 5015, 5040, 5075, 5113, 5146, 5184, 5221, 5228, 5305, 5345, 5346, 5370, 5500, 5503, 5508, 5544, 5606, 5634, 5704, 5724, 5759, 5762, 5794, 5867, 5874, 5935 e 5958.

Títulos de 10 obrigações n.os 6008, 6133, 6159, 6203, 6289, 6298, 6305, 6338, 6347, 6506, 6508, 6559, 6560, 6591, 6609, 6635, 6666, 6705, 6753, 6927, 6932, 6952, 7018, 7025, 7045, 7065, 7085, 7239 e 7240.

Amortizações anteriores

21.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 24
Título de 1 obrigação n.° 2357

24.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 27
Título de 1 obrigação n.° 2721

27.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 30
Títulos de 1 obrigação n.os 2720 e 3415
Título de 5 obrigações n.° 4911

28.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 31
Títulos de 1 obrigação n.os 1439, 2722 e 4386

29.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 32
Título de 1 obrigação n.° 1172
Título de 5 obrigações n.° 5716

30.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 33
Títulos de 1 obrigação n.os 1389, 2107, 2937 e 3566
Títulos de 10 obrigações n.os 6375 e 6599

31.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 34
Títulos de 1 obrigação n.os 638, 772, 1222, 1436, 1623, 1638, 1688, 1887, 2266, 2341, 2861, 3360, 3567 e 4130
Títulos de 5 obrigações n.os 4846, 5039, 5057, 5062, 5255, 5549, 5565, 5593, 5611, 5643, 5664, 5665 e 5725
Títulos de 10 obrigações n.os 6177 e 6943

32.° Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.° 35
Títulos de 1 obrigação n.os 385, 399, 415, 442, 880, 985, 1110, 1226, 1458, 1671, 1778, 1886, 2128, 2314, 2517, 2570, 2650, 2695, 2793, 2951, 3179, 3199, 3590, 3658, 3787, 3832, 3952, 4052, 4090, 4261, 4314, 4328 e 4330
Títulos de 5 obrigações n.os 4569, 4680, 4851, 5277, 5635, 5772 e 5914
Títulos de 10 obrigações n.os 6361, 6570, 6626 e 6933

EMISSÃO DE 20 000 CONTOS — 1966 — 5 %

Títulos de 100 obrigações n.os 81 e 148

JUROS

O valor líquido a pagar por cupão é o seguinte:

	Cupão	Governo Geral da Província de Moçambique	Misericórdia do Porto	Instituições de Previdência	Portador Registadas	Portador
1.ª Emissão 30 000 contos/54	38.°	25$00	—$—	24$83,25	21$51	16$04,76
2.ª Emissão 25 000 contos/55	36.°	—$—	25$00	—$—	21$51	16$04,76
6.ª Emissão 20 000 contos/66	12.°	25$00	—$—	—$—	—$—	—$—

PAGAMENTOS

Os títulos averbados ao Governo Geral da Província de Moçambique e às Instituições de Previdênciai e que foram sorteados, bem como o juro das obrigações, estão a pagamento nos Escritórios da Sociedade.

Igualmente se encontram a pagamento os títulos sorteados e os cupões relativos às restantes obrigações, nas Sedes ou Delegações dos seguintes estabelecimentos bancários:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA
BANCO DE FOMENTO NACIONAL
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO DE MAGALHÃES
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA & AÇORES
BANCADA, MORAES & C.ª

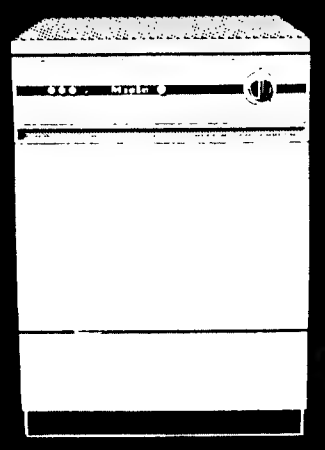
Lisboa, 22 de Dezembro de 1972

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

SABA
O TELEVISOR ALEMÃO
Nº 1

LUSTRES
de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

Máquina de lavar louça
G 220 UNIBODY



"Unibody" — um novo sistema de fabrico da MIELE! Maior resistência, menos espaço, melhor isolamento térmico, mais silencioso e naturalmente máxima capacidade de lavagem.

Miele®

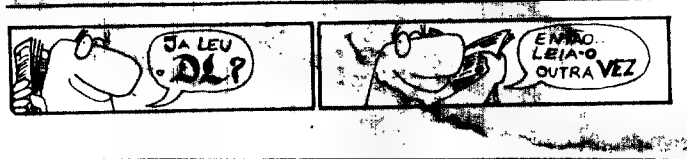
Ágente oficial:
OLIVEIRA
Av. Almirante Reis, 91-A
Telef. 538323 --536308 - 530838
L I S B O A

EXPLICAÇÕES
FREQUENTA O LICEU OU E. TÉCNICA?
TEVE MÁS NOTAS?
PROFS. DIPLOMS. OFIC. LECCIONAM
CICLO PREP. — 2.° — 3.° CICLOS
GRUPOS DE 6 OU INDIV.
PREPARAÇÃO INTENS. — HAB ESP.
T. 43921

DEFENDA-SE DO PERIGO

LEMBRE-SE
O AMORTECEDOR KONI DARÁ
MELHOR ESTABILIDADE
MELHOR DIRECÇÃO
MELHOR COMODIDADE
CARREGAVEIS ★ REGULÁVEIS ★ REPARÁVEIS
UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO
Distribuidores para Portugal — Soc. Geral de Importação, Lda.
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 23-A — Tel. 560156/7/8 — LISBOA

CAMPANHA DO NATAL
MÁQUINAS DE LAVAR AUTOMÁTICAS 5000$00
FRIGORÍFICOS 140 L 1900$00
SECADORES DE CABELO 140$00
AUTO-RÁDIOS 1000$00
BALANÇAS PARA CASA DE BANHO 150$00
SUPERMANOS
A CASA SIMPÁTICA
LARGO DO MASTRO, 5 TEL. 56 15 55



LISTA DOS PREMIADOS NO CONCURSO "HOMEM QUE LÊ VALE POR TRÊS"

CLASS.	NOME, MORADA E LOCALIDADE	NÚMERO DE LEITOR
659º.	FRANCISCO MARECOS PEDRO R. Marechal Carmona, 3- D - SANTARÉM	90213
660º.	FRANCISCO MARIA ALVES DO ROSÁRIO R. D. Dinis, 13-13-B - REBOLEIRA/AMADORA	11438
661º.	FRANCISCO MARIA DE CARVALHO R. Fernandes Coelho, 19 - FIGUEIRA DA FOZ	63041
662º.	FRANCISCO MARIA CAVADO Rua A. Andrade Corvo, 31-5ºA - LISBOA-1	11439
663º.	FRANCISCO MARIA CONDEÇA FELIX R. D.Nuno Alvares Pereira, 37 - MOURA	67653
664º.	FRANCISCO MARIA DOMINGUES R. Triana, 39-3ºEsq. - ALENQUER	11440
665º.	FRANCISCO MARIA F.ALMEIDA GARRETT R. Santana à Lapa, 157-2ºEsq. - LISBOA	90214
666º.	FRANCISCO MARIA FELIX MACHADO R. do Boror, 4 - CARCAVELOS	65765
667º.	FRANCISCO MARIA FERNANDES ROSA R. Padre Inácio, 27 - SANTAREM	42645
668º.	FRANCISCO MARIA FILIPE FORTUNATO R. Municipal, 31-2ºDtº. - BºMADRE DEUS/ LISBOA-6	42646
669º.	FRANCISCO MARIA GONÇALVES Av. Manuel da Maia, 58-4ºDtº. - LISBOA	11441
670º.	FRANCISCO MARIA HENRIQUE G.CONÇALVES Estrd. da Luz, nº 112 - LISBOA-4	63042
671º.	FRANCISCO MARIA INVERNO DA SILVA R. do Matadouro, 7 - MOURA	90215
672º.	FRANCISCO MARIA JACINTO R. General Leman, 7-r/c - LISBOA-4	11442
673º.	FRANCISCO MARIA DA LUZ NUNES R. do Ameixial, 298 - PORTO	11443
674º.	FRANCISCO MARIA MALHEIRO CALHEIRAS E MENGES R. Buenos Aires, 28-2º - LISBOA	11444
675º.	FRANCISCO MARIA MARQUES Estrada de Chelas, 53-2ºDtº. - LISBOA-6	42647
676º.	FRANCISCO MARIA DE PATACHO RAMOS E SILVA R. 4 de Infantaria, 20-3ºEsq. - LISBOA-3	11445
677º.	FRANCISCO MARIA PIMENTEL REBELO R. Santos Pousada, 700-2º - PORTO	42648
678º.	FRANCISCO MARIA PIMENTEL VILHENA DE CARVALHO Largo Ministro Duarte Pacheco - PINHEL / B.A.	63043
679º.	FRANCISCO MARIA RAMALHO Av. Alexandre Salles, 26-2ºEsq. - ALMADORA	78558
680º.	FRANCISCO MARIA RAMOS E SILVA R. do Almirante Pessanha, 16-2ºEsq. - LISBOA	42649
681º.	FRANCISCO MARIA RIBEIRO VILA DA MARMELEIRA - RIO MAIOR / ASSENTIZ	90216
682º.	FRANCISCO MARIA ROCHA SIMÕES Av. Conde de Avranches, Ltº.T 2-1º-STºANT.CAVALEIROS	11446
683º.	FRANCISCO MARIA SALGADO DE OLIVEIRA NUNES R. Cidade de Porto Amélia, 11- OLIVAIS SUL	63044
684º.	FRANCISCO MARIA SIMPLICIO R. Stª. Rita, 9 - S. JOAO DO ESTORIL	63045
685º.	ALVARO LUIS VICENTE CALANHO VEIGA R. Ferreira Cardoso, 38-1º - PORTO	69406
686º.	FRANCISCO MARIA DE SOUSA E CASTRO Trv. Conceição à Lapa, 15-1ºEsq. - LISBOA-2	42650
687º.	FRANCISCO MARIA VIVAS Est. A-da-Maia, 66-3ºEsq. - LISBOA	11447
688º.	FRANCISCO MARILHO DOS SANTOS R. Conde das Antas, 48-2ºDtº. - LISBOA	70272
689º.	FRANCISCO MARNOTO OLIVEIRA R. Antonio Rodrigues- 6 / AVEIRO	70273
690º.	FRANCISCO MÁRIO DE CARVALHO ARAUJO FERNANDES R. Antero de Quental, 490-2º - PORTO	11448
691º.	FRANCISCO MÁRIO SANTOS PATRICIO ALVARES R. Sacadura Cabral, 61-1º - VIANA DO CASTELO	11449
692º.	FRANCISCO MÁRIO SOARES GUERREIRO R. Ponta Delgada, 58-r/c-Esq. - LISBOA	63047
693º.	FRANCISCO MARNOTO DE OLIVEIRA R. do Gravito, 48 - AVEIRO	67654
694º.	FRANCISCO MARQUES AÇUCENA Pr. do Comercio, 9-1ºDtº. - ALMADA	11450
695º.	FRANCISCO MARQUES ALMEIDA Bairro S. Miguel, 3ºBloco-1ºEsq. - COIMBRA	63048
696º.	FRANCISCO MARQUES CLEMENTE R. Cidade - Novo Redondo,Ltº.215-1ºG-OLIVAIS SUL	77085
697º.	FRANCISCO MARQUES BAPTISTA DUARTE Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 90-7ºEsq. LISBOA	11451
698º.	FRANCISCO MARQUES DA COSTA R. do Cansatro, 3 - AVEIRO	42652
699º.	FRANCISCO MARQUES CHRADO R. Mousinho Albuquerque, 15-1ºDtº. - DAMAIA	63049
700º.	FRANCISCO MARQUES DA F.RIBEIRO R. das Madres, 80-1º - LISBOA-2	75184

CLASS.	NOME, MORADA E LOCALIDADE	NÚMERO DE LEITOR
701º.	HORÁCIO REINALDO DINIS AMORIM R. Lourenço Pires de Távora, 24-r/c-Dtº.ALMADA	12502
702º.	HORÁCIO RODRIGUES TAVARES R. D. Dinis, 11-7ºA - REBOLEIRA/AMADORA	56373
703º.	HORÁCIO ROSA GONÇALVES R. Conselheiro Pequito, 34-1ºDtº. - ALMADORA	42972
704º.	HORÁCIO SACADURA LEITÃO R. de Moçambique, 10-2º - ALCOBAÇA	80173
705º.	HORÁCIO DOS SANTOS Trv. Stª. Quitéria, 17-2ºDtº. - LISBOA	83858
706º.	HORÁCIO DOS SANTOS FERREIRA Estrd. da Luz, 60-3ºDtº. - LISBOA-4	12503
707º.	HORÁCIO SANTOS FIGUEIRA LOBATO Escola Electromecânica / PAÇO DE ARCOS	70347
708º.	HORÁCIO DOS SANTOS PIEDADE (CRUZ DE PAU) R. Projectada à Antiga Estrd. Nacional,Ltº2-5ºEsq.	66625
709º.	HORÁCIO DOS SANTOS PIEDADE Av. Comb. Grande Guerra, 66-r/c-Dtº. SETUBAL	75224
710º.	HORÁCIO SERRA PEREIRA Alferes Mil. - GAÇA -2 / TORRES NOVAS	12504
711º.	HORÁCIO SILVA R. S. Mamede ao Calcas, 30-3º - LISBOA	42973
712º.	HORÁCIO DA SILVA CORREIA R. da Bela Vista à Lapa, 55 - LISBOA	12505
713º.	HORÁCIO DA SILVA DIAS Av. Infante Dom Pedro,Ltº. 2-4ºEsq. - LISBOA	12506
714º.	HORÁCIO DA SILVA FERREIRA R. José Maria Rodrigues, 2-r/c-Esq.- LISBOA	12507
715º.	HORÁCIO SILVA PINTO R. Tenente Ferreira Durão, 4-r/c-Dtº. - LISBOA	42974
716º.	HORÁCIO SILVA PIRES R. Bonjardim, 278-2º - PORTO	42975
717º.	HORÁCIO DA SILVA RIBEIRO R. Tomáz de Figueiredo, 6-3ºEsq. -LISBOA-4	56374
718º.	HORÁCIO SOARES R. Dr. António José d'Almeida,2 - COIMBRA	12508
719º.	HORÁCIO SOARES DE CAMPOS NETO R. Visconde de Seabra, 10-5ºEsq. -LISBOA-5	12509
720º.	HORÁCIO SOARES DE FIGUEIREDO R. António Maria Jalles-VivªS. Lino -ALENQUER	42976
721º.	HORÁCIO DE SOUSA RAMALHO GOES R. Carlos Mardel, 131-c/v-Dtº. - LISBOA	83859
722º.	HORÁCIO TAÇÃO LINO Rua A Lote 4-3ºDtº. - IDANHA/BELAS	56375
723º.	HORÁCIO TAVARES DA SILVA R. Ernesto Pinto Basto, 128 - OLIVEIRA D'AZEMEIS	12510
724º.	HORÁCIO VALDEMAR CABRAL R. Francisco Sanches, 23-r/c-Esq. - LISBOA-1	80174
725º.	HORÁCIO VICENTE DE OLIVEIRA MOREIRA (COIMBRA) R. dos Combatentes da Grande Guerra, 125-r/c	12511
726º.	HORÁCIO VIRGILIO G. MACHADO Banco Pinto & Sotto Mayor - PORTIMÃO	91631
727º.	HORÁCIO VIRGILIO SANTOS ANTUNES Rua 1º de Maio, 14-2ºEsq. AMADORA	12512
728º.	HORST KRAHL - URBAN Av. Almirante Reis, 236-3ºEsq. - LISBOA-1	66626
729º	HORTELINDA RIBEIRO MARQUES Pact. Viana da Lota, Lote 11-2ºEsq. -S.PEDRO ESTORIL	11030
730º.	HORTENÇA FERREIRA DA SILVA Calç. Marquês de Tancos, 18-2º - LISBOA	42977
731º.	HORTENCIA DE J.FIGUEIREDO Av. João XXI, 3-Porteira - LISBOA	83860
732º.	HORTENCIO DA SILVA RAMOS R. Andrade Corvo, 32-5ºEsq. - LISBOA-1	42978
733º.	HORTENSE A.C. DA COSTA R. Diogo Bernardes, 13-2ºE- LISBOA	56376
734º.	HORTENSE ALEXANDRE DE SOUSA R. do Vale de Stº.Antonio, 257-2º - LISBOA	56377
735º.	HORTENSE DE ANDRADE R. Infantaria 16, nº 63-3º - LISBOA	12513
736º.	HORTENSE CANTEIRO DE CARVALHO PATRIANCA Larg. Diogo Casais, 1-2ºDtº. - ALMADORA	12514
737º.	HORTENSE DE CASTRO E SILVA Av. Duque de Loulé, 95-5º - LISBOA	42979
738º.	HORTENSE DA CONCEIÇÃO ALVES R. Marquês do Soveral, 6-r/c-Dtº. - LISBOA	12515
739º.	HORTENSE DA CONCEIÇÃO COELHO DA SILVA R. S. João Nepomoceno, 32-2ºEsq. - LISBOA	42980
740º.	HORTENSE DOMINGUES CARDOSO Trv. das Horta, 21-2º (ao Século) - LISBOA	42981
741º.	HORTENSE ELVIRA DOS SANTOS R. Corpo de Deus, 6-2ºDtº. - COIMBRA	91632
742º.	HORTENSE FERREIRA R. da Mesquilha, 43-BºStª.Cruz - BENFICA	65811

DL/DESPORTOS

EM TODAS

ESCOLHA: O basquetebolista Nelson Serra e a ginasta Ana Patrício foram eleitos «Desportistas do ano» pelos jornais «Tribuna» e «Notícias» de Lourenço Marques. Por seu lado, o finlandês Lasse Viren, medalha de ouro dos 5000 e dos 10 000 metros nos Jogos Olímpicos de Munique, foi eleito o melhor desportista europeu em 1972, no referendo anual organizado pela agência polaca «PAP» junto de 17 agências noticiosas europeias. Viren sucede ao seu compatriota Juhani Vaatainen e a Eddy Merckx.

OEIRAS: Na noite de amanhã, no Palácio do Egipto (Oeiras) a Associação Desportiva local reune-se em assembleia-geral para eleger os futuros corpos gerentes da colectividade e, simultâneamente, decidir sobre a prorrogação do mandato dos actuais orgãos até uma assembleia-geral que apreciará o Relatório e Contas da direcção e o parecer do Conselho Fiscal e de Sindicância.

DIA DO CLUBE: Para todos os adeptos do Clube Operário de Futebol que, no próximo domingo, quiserem presenciar o jogo contra o Bucelense, que se realiza pelas 16 horas, no campo do Oriental.

BASQUETEBOL: Autorizadas as transferências de António Achando (do CDUP para a Académica de Coimbra), de António Ferreira de Aguilar (do CDUL para o Maria Pia) e de Luís Henriques Tomás (do Ferroviário da Beira para o Atlético Clube de Portugal).

SUSPENSÃO: Dura pena para o basquetebolista António de Sousa Oliveira (do Académico do Porto) que foi castigado, pela Federação, com 60 dias de paragem obrigatória.

FUTEBOL CLUBE DO PORTO: Os drs. Machado Vaz, Paulo Pombo, Henrique Sant'Ana e Fernando Peres, com os srs. Rodrigues Canedo, David Lopes Martins, Fernando Castilho, Valentim Lopes e Francisco Lobo d'Avila formam o «Conselho Cultural» da prestigiosa colectividade das Antas que, entre outros trabalhos, está a apurar sobre o aproveitamento escolar dos alunos-atletas que se candidatam ao prémio «Dr. Angelo César».

BRIDGE: Concluiu-se o Campeonato Regional do Sul (de Pares de 3.ªs Categorias) que se disputou nas salas do Círculo Português de Bridge ao longo de 4 sessões. A prova foi disputada por 21 formações que jogaram entre si 120 «mãos», tendo-se verificado a participação de elevado número de pares que concorreram pela primeira vez a provas federativas. Foi vencedor o par constituído por Carlos Botelho e Carlos Galvão Lucas, ficando a seguir os seguintes pares: Dr. António Luís Leitão-Diogo Tavares; Maria Francisca Botelho-Margarida Leite; João Passarinho-eng.º José Alberto Oliveira; eng.º Fernando Seabra-dr. Augusto Martins; José Luís Simão-António Lopes; João Meira-José Faria; coronel Mário Vaz-dr. Alberto Magro; dr. Pedro Salazar Leite-Manuel Gallego e António Andresen Leitão-Virgilio S. Machado.

Ciclismo do Sul distribui taças

A Associação de Ciclismo do Sul procedeu ontem à noite à cerimónia da distribuição dos prémios referentes à época de 1972, tendo os dirigentes aproveitado a oportunidade para revelar o plano de provas previstas para o próximo ano. Estiveram presentes, o vice-presidente da Associação, Basílio de Oliveira, bem como os dirigentes António Fonseca e Lino Fernandes. Compareceu, igualmente, o Presidente da Direcção da Federação Portuguesa de Ciclismo, Idalino de Freitas, tendo sido particularmente notada a ausência do presidente da Associação, José Vaz, demissionário do cargo.

Antes de serem distribuidas as taças conquistadas pelos diversos clubes, Basílio de Oliveira pôs em destaque a actividade da Associação, que durante o ano de 1972 promoveu 72 provas, com uma quilometragem que roudou os 9.000 quilómetros. Seguidamente, entregou aos representantes dos clubes, as taças conquistadas pelos seus corredores, tendo o Sporting «levado para casa» a parte de leão: nada mais nada menos do que 14. Seguiram-se-lhe, o Benfica e o Pinheiro de Loures (12), Atlético da Malveira (5), Velenenses e Velo Clube das Caldas (2) e ainda o G. D. do Barreiro, Sassoeiros, Benavente e F. C. de Alverca (1).

Para o Sporting, a parte de leão: nada mais nada menos do que 14 taças, levou o seccionista leonino

O vice-presidente da Associação revelou então o plano de provas previsto para o próximo ano: salientando-se o «Prémio Imprensa», para o qual jornais já ofereceram taças (entre eles, o «DL») bem como o «Circuito dos Concelhos do Distrito de Lisboa« (que conta já, com a colaboração dos Municípios de Arruda dos Vinhos, Oeiras, Cascais, Lisboa, Loures e Mafra). Outra prova que foi anunciada, e que promete vir a ser interessante, é o «Circuito dos Três Castelos». Está igualmente prevista a reedição da corrida Lisboa-Grândola.

A Associação de Ciclismo do Sul pensa organizar algumas provas a nível regional e nacional destinada a amadores-populares e profissionais, para o que conta com o patrocinio do industrial de construção civil, António Xavier de Lima. Em suma, uma época grande para o ciclismo do Sul.

JOSÉ MADEIRA NO BENFICA

O Benfica acaba de contratar o jovem ciclista do Ginásio de Tavira, José Madeira. Será pois com a camisola encarnada, que o promissor ciclista cumprirá a próxima época.

SUBSÍDIO PARA O LOULETANO

Foi concedido ao Louletano, um subsídio de 50 mil escudos, para a construção da sua pista de ciclismo: esta, a notícia que alegrou os desportistas de Loulé.

BASQUETEBOL NO BARREIRO
Barreirense e Algés finalistas de mérito

Barreirense, Desportivo da CUF, C. D. U. A. e Algés, iniciaram ontem a disputa do Torneio do Barreirense. Nos jogos realizados ontem à noite, verificaram-se os seguintes resultados: CUF, 74 - Algés, 75 e Barreirense, 86-C. D. U. A., 55. De notar, que o norte americano Killium, ao serviço do Barreirense, marcou mais de metade dos pontos da sua equipa: nada mais nada menos do que 48!

O Torneio termina hoje à noite, com os jogos CUF-C. D. U. A. e Barreirense-Algés.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 17 DA 12.ª ÉPOCA (31 DEZ. 72)

Boa Nova — 121 112 111 122x; Cavalgada do Ritmo — 1x1 11x 1x2 11xx; Clube Asas do Atlântico — 121 x12 1x1 xx1x; Comércio de Portimão — 121 11x 1x1 1111; Correio dos Açores — x2x 11x 1x1 112x; Correio de Coimbra — 121 112 1x1 1221; Ecos de Estremoz — 121 112 1xx 1x21; Estrela da Manhã — 121 x1x 121 1xx1; Folha do Domingo — 12x x11 1x1 12x1; Imagens Piedenses — x2x xx1 x2x x221; O Jornal de Felgueiras — 121 1x2 1x1 12xx; Jornal do Fundão — 121 11x 11x 1x11; Jornal do Sul — 121 112 111 1x11; Ecos do Desporto — x21 x1x 1x1 1xxx; Jornal de Viseu — 1x1 112 111 xx21; Linhas de Elvas — 111 11x 111 xxxx; Notícias de Felgueiras — 12x x1x x11 12xx; Povo Algarvio — 121 112 12x 1221; Renovação — 121 11x x11 1xx1; República — x21 112 112 1122; Revista de Som — 121 112 111 1x11; O Templário — 121 212 1x1 1121; A Voz do Domingo — 121 112 xx1 111x; Voz de Lamego — 121 x12 122 1x21; Peça que não Maça — 121 112 xx1 x21x; Mundo Desportivo — 121 11x 1x1 1x11; Rádio Altitude — 1xx 112 111 1111; Reconquista — 121 1x2 111 1111; A Voz Desportiva — 121 112 111 2222; Jornal de Santo Tirso — 121 1x2 121 x2x1; Desportivo das Beiras — 12x x22 1xx 11x1; O Algarve — 1xx 112 1x1 1xx1; Badaladas — 222 212 121 1x11; Beira Baixa — 121 112 111 111x; A Comarca de Arganil — 121 11x 1xx xx1x; Correio do Vouga — 121 112 11x 121x; Diário do minho — 121 112 1x1 12xx; Ecos de Cacia — 121 112 111 1x12; Eu Sei Tudo — 121 1xx 111 x11x; Gazeta das Caldas — 121 112 1x1 1121; Jornal da Beira — 121 112 1x1 x21x; O Jornal da Lixa — 121 112 121 x122; Jornal de Sintra — 121 11x 121 121x; Litoral — 121 112 1x1 11xx; Maria da Fonte — 121 112 1x1 1x2x; Mosaico — 2x1 122 122 112x; Notícias de Chaves — 121 112 1x1 xx11; Notícias de Gouveia — 12x 112 12x 1221; O Comércio de Leixões — 121 x12 1x1 1111; Às 10 espere por Nós — 221 x22 1x1 122x; Dos Fracos Não Reza a História — x12 x1x 211 12x2; Jornal da Graça — 1x1 111 111 1111; O Porto — x12 x22 121 x1x2; Repórter do Dia (Angola) — 121 112 1x1 1x21; O Sorriso da Hora do Almoço — 121 111 1xx xxx1; A Voz dos Ridículos — 121 1xx x11 1xx1; Notícias de Evora — 121 1xx 1x1 12x1; Diário de Lisboa — x21 x12 x2x 12x1; Vóz do Casa Pia — 121 11x 1x1 1xxx; O Apostolado — 121 1x2 1x1 x2xx; Notícias do Totobola — 111 11x xx1 x11x; Ultimo Palpite — 22x 21x 1x2 xx21; Rádio Desporto — 211 1x1 11x 1211; Auto Rádio — x21 11x x1x 2x1x; Estúdio 64 — 2x1 112 1x2 x221; Jornal de Notícias — 121 1x2 111 1xx1; Manchete Desportiva — 1x1 112 111 1x11; Penalti — 121 1xx 111 x211; Placard Desportivo — x21 11x 11x 1xxx; O Primeiro de Janeiro — 121 212 1x1 11xx; Programa sem nome — 12x 11x 111 x121; Quadrante Desportivo — 221 1x2 111 1112; Quadrante Norte — 121 112 12x 11x2; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Rádio Sports — 1x1 11x 111 1x2x; Resenha Desportiva — x21 x12 1x1 x12x; Clube do Ar — 121 xx2 1x1 x1x1; Diário do Porto — 121 112 1x1 x12x; Ritmo e Amizade — 121 1x2 1xx 1121; Placard Desportivo Açores — 1x1 112 111 2121; Bondiazinho — 122 1x2 1x1 1x21; Brado Africano Desportivo — 121 11x 111 1xx2; Brado Africano Ronga — x21 11x 111 x2xx; Cidade 72 — 121 112 11x 1x21; Domingo Alegre — 122 1x2 x11 x221; Jornal Desportivo — x2x 112 111 1x21; Passatempo — 221 1x2 1x1 1111; Revista Desportiva — 121 112 1xx 1x1x; Roteiro Sonoro — x21 111 1x1 1211; 20 Ponto D — 221 x1x 112 x114; Terceiro Programa — 121 11x 111 1112; Época — x2x 11x x11 1121.

	RESUMO 1	X	2	BOLAS 1	X	2	(a)
1. MONTIJO - ATLÉTICO	69	14	9	9	2	1	
2. LEIXOES - BENFICA	6	10	76	1	1	10	
3. BEIRA MAR - FARENSE	75	12	5	9	2	1	
4. UNIAO COIMBRA - UNIAO TOMAR	72	16	4	9	2	1	
5. SPORTING - PORTO	71	17	4	9	2	1	
6. BARREIRENSE - SETÚBAL	7	29	56	1	4	7	
7. BELENENSES - CUF	80	11	1	9	2	1	
8. SALGUEIROS - FAFE	38	41	13	5	5	2	
9. TIRSENSE - PENAFIEL	68	17	7	9	2	1	
10. SINTRENSE - OLHANENSE	64	25	3	8	3	1	
11. SACAVENENSE - ORIENTAL	33	33	33	4	4	4	
12. SESIMBRA - MARINHENSE	33	28	31	4	4	4	
13. COVA PIEDADE - PENICHE	50	32	18	7	4	1	

a) Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data [illegible] entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

E a chave lógica será: 121 112 1x1 11 ou x11

Allen convidado pelo Manchester

No momento em que a competência de Ronnie Allen e a sua capacidade como treinador e comandante de homens é posta em causa no nosso País (os maus resultados da equipa do Sporting são a razão fundamental desta desconfiança), uma notícia a avalizá-lo e dade de fonte seguríssima: o actual treinador do Sporting foi há oito dias convidado, por telegrama, para entrar imediatamente como «manager» para o Manchester United, em substituição de Frank O'Farrel.

O treinador do Sporting só não aceitou (assinando entretanto Docherty) porque ainda acredita nas possibilidades de fazer do Sporting uma verdadeira equipa de futebol (a este respeito, e sobre o que Allen pretende e o que os jogadores lhe retribuem em campo, soubemos coisas do arco-da-velha e que qualquer dia vamos contar aos leitores...) e porque Portugal oferece outras vantagens que nem o dinheiro todo do Manchester United consegue comprar e oferecer a um homem que já não pode mais com o nevoeiro e a humidade do Norte de Inglaterra. Portanto, uma ratificação: Allen é (mesmo) uma personalidade do futebol inglês.

ELEIÇÕES NO BELENENSES

Prevê-se a recondução dos actuais dirigentes

A massa associativa do Belenenses reune-se, amanhã, em assembleia geral, a fim de eleger os corpos gerentes para o próximo biénio. O acto reveste-se de transcendente importância na vida da colectividade, pois o clube atravessa, um momento de recuperação total em todos os seus sectores, a começar pelo futebol e a acabar na construção de um pavilhão gimnodesportivo, que está para muito breve.

Segundo se sabe nos meios «azuis», é intenção de destacadas figuras da colectividade propôr, de novo, os nomes da actual lista directiva, a fim de que possam prosseguir (e concluir) a obra começada. Sabe-se também que não é de todo posta de parte pelos nomes-chave dos actuais corpos gerentes, a ideia de continuar com mais alguns tempos de sacrifício em prol do clube.

Assim, e com vista às eleições, apontam-se os nomes de Manuel Bulhosa para continuar como presidente da assembleia geral, Baptista da Silva, para prosseguir como presidente da direcção.

Mas mesmo que se verificassem quaisquer alterações nas posições da actual lista directiva, acredita-se que os nomes mais influentes continuem, ainda que noutras funções, enquanto outros jovens e conceituados associados seriam chamados para colaborar directamente com Manuel Bulhosa e Baptista da Silva.

Os objectivos básicos da nova gerência são: reforçar a equipa de futebol, completar obras iniciadas no Restelo, acabar o rinque de patinagem, construir o pavilhão gimnodesportivo e reorganizar os serviços do clube.

O acto eleitoral decorre na Feira das Indústrias.

Major Baptista da Silva

Bom treino da selecção em rítmo vivo de ataque

A coincidir com o fim da primeira volta do campeonato, a selecção nacional de futebol efectuou, ontem de manhã, o seu primeiro treino de conjunto equipas de clube, defrontando o Barreirense no Estádio Nacional e fornecendo óptimas indicações sobre a agressividade da ataque, o entendimento excelente no meio campo e notória capacidade global.

— **Foi o mais agradável de todos os treinos realizados até aqui** (diria José Augusto no final) e **aquele em que a equipa mais me satizfez, quer quanto a produtividade, quer quanto a aplicação e alegria de jogar.**

E, de facto assim foi. Não se pode partir destas palavras, concluir que os seleccionadores deslumbraram e mostraram poder futebolístico excepcional: até porque o Barreirense pouca luta deu, em especial a partir dos 40 minutos de jogo, momento em que a defesa sossobrou e o novo guarda-redes (antes jogara Abrantes e só sofrera um golo) não conseguiu aguentar a força atacante da selecção. Mas, pode concluir-se que o grupo de José Augusto jogou todo voltado para o ataque, com o pensamento no golo, desenvolvendo esquemas com esse claro e nítido objectivo.

Na baliza, José Henrique (primeiro) ou Damas (depois) foram pouco mais que espectadores. Se o Barreirense atacava pouco, a linha de defesa do Benfica (Malta da (Silva, Humberto, Rui Rodrigues e Adolfo) não deixava passar lances perigosos para a rede. O mérito maior da defesa terá residido na forma como atacou, com Adolfo como exemplo. Muitas vezes foi à frente, tendo até proporcionado um golo a Vítor Baptista, arrancando um centro bem da linha de fundo, como se fora um extremo esquerdo.

Na intermediária, Octávio, Simões e Pavão controlaram bem o jogo e proporcionaram boas abertas aos avançados. Um senão: a relativa inadaptação de Pavão a um lugar quase de extremo direito, por falta de rotina no lugar, pois no Futebol Clube do Porto está habituado a jogar ao (centro e a entrar (preferentemente) pela esquerda. Todavia, Pavão não desmereceu (técnicamente) dos seus colegas e, sobre este tema Augusto explicou:

— **Pavão tanto joga pela direita como pela esquerda, pois é um jogador versátil. É uma questão de necessidade da equipa e de complemento aos demais colegas. Hoje foi assim, amanhã poderá ser de outra maneira, sempre tendo em conta o jogo de conjunto. Mas, como bom jogador que é, Pavão rende bem neste lugar como noutro a que esteja mais habituado.**

No ataque (de que gostámos, francamente) destacou-se o trabalho de Dinis. O ponta esquerda do Sporting produziu um numero de centros e remates ao golo em número e qualidade como não vem acontecendo no seu clube. Razões? Talvez questão de táctica ou de disposição. O certo é que ficaram como exemplo proveitoso do treino as suas corridas até à ponta esquerda e os cruzamentos a meia altura mesmo na conta. Assim nasceram vários golos, para além do primeiro que a selecção marcou, em que veio oportunamente ao centro complementar um passe de Pavão no lado direito. Para que isto tudo pudesse resultar, Eusébio e Victor Baptista tiveram de se aplicar e infiltrar-se na grande área para colher as bolas das pontas e dos médicos. E de facto completaram as idéias de José Augusto, actuando com aggrssividade e oportunidade na grande área. O mesmo se diga de Abel, que rendeu Eusébio na parte final do treino, marcando ainda o penúltimo dos seis golos da selecção.

Em suma: entrega ao treino por parte dos profissionais e amostragem da vontade com que todos encaram a campanha da selecção na corrente temporada. O que (para já) é bastante. O resto da afinação virá com o acelerador da preparação.

Vítor Batista senhor da bola entre quatro barreirenses

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

Torriense, Atlético, Sporting, Belenenses e Alverca venceram os seus jogos de ontem à noite no Campeonato Distrital de Reservas da Associação de Futebol de Lisboa.

Resultados: Torriense, 4-Santa Iria, 0; Oriental, 1-Atlético, 2; Sintrense, 0-Sporting, 3; Vila Franquense, 0-Belenenses, 1 e Pero Pinheiro, 0-Alverca, 1.

Factos salientes da jornada: a estreia do brasileiro Douglas, (no Torriense), com uma boa exibição e a obtenção de um golo, o regresso de Leitão à equipa do Atlético (após arreliadora lesão) com o intuito de recuperar para o jogo de domingo do campeonato nacional, a actuação de Manecas, do Sporting, a meio campo, a apresentação do ex-junior Espírito Santo (internacional o ano passado, ao serviço do União de Leiria) a defesa do Sporting, e o regresso (talvez experimental) do defesa lateral esquerdo João Cardoso no posto de extremo esquerdo do Belenenses.

O dirigente portista dr. Antero de Carvalho parece disposto a levar por diante o seu anunciado desejo de demissão, alegando motivos profissionais. O dr. Antero de Carvalho já esta época esteve demissionário, mas os colegas da Direcção conseguiram demovê-lo.

No treino de ontem à tarde, a selecção de esperanças empatou a uma bola com a CUF, após um animado despique do ataque nacional com a bem fechada defesa cufista. A selecção alinhou: Tibi (José Maria), Vitor Pereira, João Cardoso, Laranjeira e Guedes; Oliveira, Matine e Fraguito (Vitor Martins); Moinhos (Manuel Fernandes), Jordão e Chico (Costa).

A Federação Portuguesa de Futebol está em dúvida acerca do local de realização do jogo Portugal-Espanha, em Juniores a contar para as eliminatórias do torneio da UEFA. Várias cidades se candidataram sendo as mais prováveis Luanda e Faro. O jogo efectua-se a 10 de Fevereiro e já seguiu um director para a capital espanhola para ver se os nossos vizinhos aceitam jogar em Angola.

Sabe-se que o jogo de volta (Espanha-Portugal) se realiza em Badajoz.

Será reformulada a legislação que rege a relação de emprego entre os jogadores de futebol e os clubes desportivos brasileiros, de acordo com o relatório apresentado ao ministro da Educação, Jarbas Passarinho, por um grupo de trabalho especialmente criado.

O regime de férias dos futebolistas será alterado, não se admitindo mais a sua confusão com o período de interregno desportivo, que ocorre no fim e no princípio do ano. Será fixado o máximo de 70 jogos anuais, considerando a necessidade de reduzir o desgaste físico a que os atletas são submetidos. O jogador poderá participar em dois jogos numa semana, com o intervalo de 60 horas e um só jogo na semana seguinte, realizado, no mínimo, seis dias depois.

Além disso, é proposto um Fundo de Assistência em forma de caderneta de poupança, a ser depositado pelo clube, num percentual correspondente à participação do jogador no passe, sobre prémios por campeonatos e sobre luvas.

A Lotaria Desportiva (Totobola) terá uma verba especial para o futebol, que seria de dois milhões de cruzeiros (cerca de mil contos), para constituir um fundo de benefícios.

O ministro do Trabalho, Júlio Barata, foi convidado a estudar a situação do jogador de futebol profissional, para a reforma ser apresentada em 1973.

GOMES & LOURENÇO, LDA.

ARMAZENISTAS DE SUCATAS

RUA RODRIGUES FARIA, 13 A 25 — L I S B O A - 3

DESEJAM AOS SEUS
ESTIMADOS CLIENTES,
FORNECEDORES E AMIGOS

BOAS FESTAS
E ANO NOVO PRÓSPERO

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4 %	446$		446$
Cons 3 %	491$		491$
Cons 3 1/2	569$		570$
Centenários	1 300$	1 300$	–
Tes 5 % 57	1 005$	1.005$	–
Tes 5 % 59		1.000$	
Exter 1ª s		–	–
Extern 1ª c		640$	–
Extern 3ª s			780$
Extern 3ª c			780$
Caut 3ª s		185$	–

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %			965$
C M L 5,3/ %	–	1.010$	–
C P 5,5 % 67		980$	–
C P 5,5 % 68		980$	1.000$
C P 5,5 % 69	–	980$	1.000$
Corr 5 3/4 %	–	950$	
Metr 5 3/4 %			985$
Tur 5 3/4	–	1.010$	–
C P 63/4	–	–	1.050$

ELÉCTRICAS

G 5 % 58	860$	850$	–
G 5 % 59	–	850$	–
G 5 % 62	–	–	–
G 5 % 63		–	–
G 5 % 64		950$	970$
G 5 % 65	–	–	–
G 6 % 67	–	–	–
G 6 % 69	–	970$	–
G 7 % 71		–	–
H E C 5 %	755$	750$	760$
H E C 6 %	–	960$	–
H E D 5 %	755$	750$	–
H E D 6 %		960$	–
H E N P 5 %	–	–	–
H E S E 5 %	–	–	–
H E S E 6 %	–	940$	–
H E Z 5 % 57	–	–	–
H E Zêz 6 %		930$	–
N Elc 5 %	–	–	–
N Elec 6 %	–	925$	–
Termoel 5 %	–	750$	–
U E P 5 % 60	–	–	745$
U E P 5 % 63	–	–	–
U E P 6 %	–	950$	–

DIVERSAS

A P T 5 % 56	–	–	850$
A P T 5 % 58	–	–	865$
Lisnave 6 %	–	940$	–
Nitratos 60	–	–	–
Pet 2ª e 3ª %	–	850$	–
Sacor 7 %	1.007$	1.006$	–
Sacor 5 % 54	–	–	–
Sacor 5 % 60	–	–	–
Sid 5 % 2ª	–	–	–
Sid 5 % 3ª	–	–	–
Sid 5 % 4ª	–	–	–
Socel 5 %	–	910$	–
U Fabril 67	–	935$	–
U Fabril 68	–	945$	–

ULTRAMARINAS

Carbonl 5 %	–	450$	–
Rev 5 % 57	–		
Rev 5 % 59/60			
Moçamb 5 %		800$	–
Sonefe 5 %			–

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	4.150$	4.130$	4.170$
Alentejo	2.200$	2.150$	2.200$
Angola	4.260$	4.270$	
Cred. Predial	4.910$	4.910$	4.920$
Esp. Santo	15.850$	15.800$	15.850$
Fomento	4.600$	4.550$	4.700$
F. & Burnay	–	–	79.000$
N Ultr m	–	5.500$	5.600$
N Ultr. c	7.290$	7.280$	7.300$
Portugal n	–	–	4.800$
Portugal p	7.000$	6.950$	7.000$
P. Atlântico	14.200$	14.100$	14.300$
Totta & Açores	6.800$	6.700$	6.800$
Algarve &	2.880$	–	2.880$
Borges & Irmão	6.200$	6.180$	6.200$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL.

Banco Borges e Irmão

Índice de cotação das acções (Base Dez. 65=100)

	20-12-72	26-12-72	27-12-72
GERAL	234,6	250,7	255,4
METROPOL	245,1	262,4	267,1
ULTRAM	157,2	164,6	169,5

De Seguros

Alentejo	700$	–	700$
Bonança	14.000$	–	15 000$
Império	36 500$	35.000$	40.000$
Mundial	2 700$		2.700$
Soberana	4.570$	4.570$	
Tranquilidade	–	–	–

Eléctricas

C P E p	1.120$	1.120$	1.123$
C P E n	1.090$	1 090$	1.095$
E Beiras	1.800$	1.780$	1.820$
G Elec c	347$5	347$5	348$
H E A A	178$	177$	180$
H E N P	250$	245$	250$
H E S E	1.500$	1.480$	1.500$
U E P	180$	180$	181$

Ultramarinas

Ag Cassequel	–	–	980$
Ag Incomáti	–	–	1.950$
Ag. S T e P	–	190$	–
Aç Angola	1.450$	1.400$	1.500$
Alg Angola	–	–	203$
Ang Agric	–	–	600$
Boror	–	–	–
Boror Com	–	–	70$
Buzi	–	70$	–
Cabinda	135$	130$	–
Com Lobito	600$	560$	600$
D A T 100	2.000$	1.990$	2.000$
H E Revué	–	–	520$
I do Princ	–	450$	–
Moçambique	215$	215$	220$
Sonefe n	–	–	–
Sonefe p	–	350$	–
Zambézia	–	57$	–

Diversas

Ag Lx ant	–	640$	–
Ag Lx 34	–	640$	–
Ag Lx 36	–	500$	–
Cel Guadiana	5.200$	–	5.400$
C Leiria p	20.000$	–	20.000$
C Tejo p	47.000$	–	47.000$
F Ramada	1.550$	1.500$	1.560$
Fornos Eléct	280$	280$	–
P Celulose	–	–	5.500$
Siderurgia p	6.200$		6.200$
Siderurgia n	–	–	3 900$
Socel	–	–	4.000$
Cidla	8.650$	8.600$	8.650$
C U F	3.500$	3 460$	3.600$
Intar	570$	570$	580$
Nitratos	1.100$	1 100$	–
Petroquímica	1.080$	1.080$	1.100$
Sacor	4.550$	4.500$	4.600$
Tab Portugal	5.700$	–	5.700$
Tabaqueira	–	–	9.300$
U F Azoto	810$	810$	850$
Empor	320$	320$	–
Ind Aliança	–	–	–
I P Colón	1.650$	–	1.650$
Nac Naveg	–	–	–
Naveg (Col)	1.950$	1 920$	1.950$
P Pesca	–	1.000$	1.050$
Matur	–	960$	–
R Marconi	–	1 050$	–
TAP	1.210$	1.210$	1.215$
Compal	–	700$	–
Salvor	–	1.100$	1.200$
Penina	–	1.100$	1.200$
Lisnave	13.200$	13.100$	13.200$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico		
F I D E S		

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rands	30$50	33$50
Alemanha Marco	8$25	8$55
América		
Dollars de 1 a 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina Peso Novo	–	–
Austria Schiling	1$16	1$21
Bélgica Franco	$59	$62
Brasil Cruzeiro	3$50	4$30
Canadá Dólar	26$50	27$30
Dinamarca Coroa	3$60	4$00
Espanha Peseta	$413	$433
França Franco	5$10	5$40
Holanda Florim	8$15	8$45
Inglaterra Libra	62$50	65$50
Itália Lira	$0425	$046
Marrocos Dhran	5$00	5$50
Noruega Coroa	3$90	4$20
Suécia Coroa	5$50	5$80
Suiça Franco	7$00	7$25
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	470$00	500$00
Inglaterra 1/2 Libra	520$00	560$00
Ouro fino Barra	56$00	60$00

BANCO DO ALENTEJO

SECÇÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
E DEMAIS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Praça [illegible] 18 [illegible]
Rua do [illegible] Telef. [illegible]

televisão

MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Vária
1315 Aquelas Santas
13.45 Telejornal - 1.ª Edição
14.00 Um dia com...
14.14 Logo à noite

2.º Período

19.00 TV Educativa - Educação musical
19.20 Pironli
19.30 Telejornal - 2.ª Edição
19.45 Sangue na estrada
20.00 Ponto de vista
20.30 Ao serviço da nação - Mensagens dos soldados em serviço em Angola
21.00 Imagens da poesia europeia
21.30 Telejornal - 3.ª Edição
22.00 Noite de ópera - O Barbeiro de Sevilha, de Rossini
00.30 Teljornal - 4.ª Edição
00.40 Meditando

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Um dia com...
21.00 Aquelas Santas
21.30 Telejornal - 3.ª Edição
22.00 Encontro com o passado - Ras Shamra
22.30 Os Vingadores
00.40 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Arnie
13.45 Telejornal - 1.ª Edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite

2.º Período

19.00 TV Eucativa - Física moderna
19.30 Telejornal - 2.ª Edição
19.45 Cartaz TV
19.55 Cinemateca
20.30 Ao serviço da Nação - Mensagem dos soldados em serviço no Ultramar
20.55 Vale do Zambeze e barragem de Cabora Bassa
21.30 Telejornal - 3.ª Edição
22.00 Noite de estreia - O Regresso dos Rangers
2335 Telejornal - 4.ª Edição
23.45 Meditação e fecho

2.º Porgrama

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Vária
21.00 Arnie
21.30 Telejornal - 4.ª Edição
22.00 Variedades - Adriano Celentano
23.00 Encontro com o mundo - As raparigas de Takarazuca
23.45 Fecho

Quer aplicar dinheiro na Bolsa?

Preocupa-o a gestão da sua carteira de títulos?

Consulte o DEPARTAMENTO DE TÍTULOS do
BANCO PINTO DE MAGALHÃES
que lhe oferece um serviço perfeito e especializado.

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA
16.00 Noticiário
16.30 Convívio, programa da Juventude
18.05 A convidada de hoje: Nina Simone
18.20 Espectáculo-Teatro, por Figueiredo de Barros
18.40 Musica Portuguesa
19.10 Zarzuela: «La Monteria», de José Ramos e Jacinto Guerreiro
20.00 Diário sonoro; O conjunto Curved Air
20.30 24.º episódio do folhetim «Amar os outros»
20.51 Melodias
21.00 Momento 72
21.20 Renovação-Lisboa Dia, por Helder Martins
21.50 Dia a dia com a ciência, pelo Dr. Marques da Costa
22.10 Fados, por Ana Maria Xavier e Loubet Bravo
22.30 Ritmos de todo o mundo
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.30 Diário Sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Galiano Pinheiro
02.00 Fecho.

PROGRAMA EM MF DE LISBOA

23.00 Rádio Universidade
00.30 Junção com o 1.º Programa

2.º Programa

18.00 Que quer ouvir
18.00 Música Portuguesa
19.00 O Canto e os seus intérpretes
20.00 Diário sonoro
20.20 Concerto Grosso
20.40 Poesia de um só poeta
21.00 Trechos da ópera «Aida»
21.20 Tempo literário
21.20 Tempo literário
21.45 Serenata n.º 6, em ré maior, de Mozart, pela Orq. Filarmónica, dirig. por Colin Davis
22.00 Na rubrica «História do Teatro Português», pelo Dr. Duarte Ivo Cruz «O Fidalgo aprendiz e o fidalgo sabedor»
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical, Festival de Bayreuth de 1972, em gravações cedidas pela Rádio da Baviera
00.37 Concerto Grosso, op. 6 n.º 11, em lá maior, de Haendel
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

Onda média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.00 Noticiário
19.04 Vértice
20.00 Divagando
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-Gô
23.00 Noticiário; Programa à Gô-Gô (continuação)
2.00 A noite é nossa
6.00 Diário rural
7.00 Talismã

RÁDIO RENASCENÇA
16.00 Noticiário; No final Radiorama
18.00 Orquestras
18.22 Boletim litúrgico
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 Jornal do serviço de noticiários e reportagens de R.R.
21.05 Meditando
21.08 Sucessos de 1972
21.15 Poente
21.30 Curso de língua alemã
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema
23.05 A 23.ª Hora.
Modulação de frequência
16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 Programa «Movimento», realização de Fialho Gouveia
21.00/24.00 Quadrante 2--9-0
21.03 Diálogo
21.08 Serão musical
21.32 Impacto
22.00 Noticiário; Impacto (continuação)
22.30 Quando o telefone toca
23.08 Mensagens bíblicas
23.22 Exitos do disco
23.35 PBX
0.02 Em órbita-dois
1.02 Banda sonora Sonipol
2.00 Perspectiva
3.00 Fecho.
Emissores Associados de Lisboa
Clube Radiofónico de Portugal
das 6 ás 10 e das 22 ás 2
Rádio Voz de Lisboa
das 10 ás 12 e das 19.30 ás 22
Rádio Peninsular
das 12 ás 14.30
Rádio Graça
das 14.30 ás 19.30

tempo

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado e o vento era fraco a moderado de Noroeste e caíam aguaceiros.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	8.º
P. DOURADAS	/1.º
COIMBRA	7.º
PORTALEGRE	4.º
LISBOA	9.º
FARO	8.º
FUNCHAL	15.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Tavira
Máxima **17.º**

Penhas da Saúde
Mínima **2,5.º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 14,8º
Atmosfera 10,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
10.15	3,2 m	3.32	1,6 m
22.57	3,1 m	16.18	1,6 m
Dia 29			
11.25	3,1 m	4.44	1,7 m
		17.23	1,6 m
Dia 30			
0.04	3,1 m	5.54	1,7 m
12.32	3,1 m	18.22	1,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento moderado de Noroeste; aguaceiros mais frequentes nas regiões do Norte; diminuição gradual de frequência de aguaceiros. A partir de amanhã céu geralmente muito nublado; vento moderado de Sudoeste; períodos de chuva ou aguaceiros nas regiões do Norte.

AMANHÃ
NASCER AS 8.54
OCASO AS 18.22

DIA 4 | DIA 12 | DIA 18 | DIA 26

farmácias de serviço

LISBOA

ALCÂNTARA
Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (tel. 660187)

ALFAMA
Pereira Suc Rua do Paraíso, 88-100 (tel. 863224)

ALMIRANTE REIS
Cândido Monteiro Avenida Almirante Reis, 121-B (tel. 45751)

ALTO DO PINA
Ibéria Rua Barão de Sabrosa, 235-A (tel. 728277)

ALVALADE
Sanex Avenida da Igreja, 31-C (tel. 717505); **Rio de Janeiro** Avenida Rio de Janeiro, 4-C (tel. 721409)

AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (tel. 790969)

AREEIRO
Algarve Avenida de Roma, 7-B (tel. 731478)

AVENIDAS NOVAS
Figueiras Avenida Marquês de Tomar, 20 (tel. 44995); **Cruz Nunes** Praça Duque de Saldanha, 14 (tel. 418845); **Novais** Avenida Luís Bivar, 11 (tel. 44324)

BAIRRO ALTO
Pinharanda Rua da Rosa, 94 (tel. 321534)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso Praça do Norte, 11 (tel. 311218)

BAIXA
Lima Amaro Praça da Alegria, 27 (tel. 321149); **Valadas** Rua da Madalena, 235 (tel. 872060); **Cortez** Rua de S.Nicolau, 93 (tel. 325378)

BELÉM
Gomes Rua da Junqueira, 326 (tel. 638193); **Bom Sucesso** Rua Bartolomeu Dias, 63-A (tel. 611454)

BENFICA
Santa Cruz Avenida Gomes Pereira, 34-A (tel. 704828); **Ribeiro** Estrada da Luz 199 (tel. 780969)

CAMINHOS DE FERRO
Conceição Calçada de D.Gastão, 30 (tel. 381279)

CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro Rua de Campo de Ourique, 131 (tel. 662838); **Elma** Rua Maria Pia, 358-A (tel. 686176)

CAMPOLIDE
Oliveira Rua de Campolide, 54-A (tel. 684424)

CONDE REDONDO
Salus Rua Luciano Cordeiro, 73 (tel. 42239)

ENTRECAMPOS
S.Miguel Praça Francisco Morais, 1 (tel. 771469)

ESTEFÂNIA
S.Jorge Avenida Rovisco Pais, 32-A e 32-B (tel. 534027)

ESTRELA
Tagus Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162-A (tel. 669485); **Rodrigues e Aires** Rua da Lapa, 54 (tel. 662246)

GRAÇA
Branquinho Rua de Sapadores, 87 (tel. 842725)

JANELAS VERDES
Pinheiro Rua Presidente Arriaga, 16 (tel. 691054)

LUMIAR:
Central, Rua do Lumiar, 77 (Telef 790480)

MARQUÊS DE POMBAL:
Ribeiro e Castro Lda., Rua Braamcamp 52-C (Telef 43409)

OLIVAIS:
Antunes Rosas, Praça Cidade do Luso Lote 199 (Olivais-Sul) (Telef 313610) **Central**, Rua Alferes Barrilaro Ruas 7-C (Olivais-Norte) (Telef 315539)

S. BENTO:
Confiança, Praça das Flores, 59 (Telef 690401)

S. PAULO:
Africana, R Bernardino Costa 45 (Telef 369120)

SETE RIOS:
Curie, Avenida Madame Curie, 15 A (Telef 778439)

INTENDENTE:
Intendente, Largo Intendente Pina Manique, 50-51 (tel 47838).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiros, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)

ALMADA
Saleno, R. Capitão Leitão, 85-B (Telef. 2760565)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Telef. 224141)

BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (Telef. 2273023)

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Telef. 2760182)

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)

MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Telef. 230035)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)

SETUBAL
Marques, R. Arronches Junqueiro (Telef. 22783); **Bonfim**, Av. Rodrigues Manitto, 12 (Telef. 24558)

SEIXAL
Godinho, L da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nito, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Telef. 212070)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034)

OEIRAS
Reiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Telef. 2430485)

PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Telef. 2471785)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Telef. 263052)

ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (Telef 260391)

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078); **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I7Lote 146-B. Janeiro (Telef. 932756) ; **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210) ; **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Telef 937740); **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, loja x-1-Reboleira (Telef. 938424)

DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461)

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Telef. 972530)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)

MEM MARTINS
Quimia, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 290012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)

SINTRA
Marrazes, L. Rainha D. Amélia, 20 (Telef. 980155)

COLARES
Colares, Abreja (Telef. 299088)

PORTO

1.º TURNO

SUB-TURNO A

Alves da Silva, Av da Boavista, 1016; **Azevedo 9de)** Rua do Meiral, 503; **Gomes Ferreira**, Rua Faria Guimarães, 449; **Nau Vitória**, Rua Nau Vitória, 723· **Ordem da Trindade**, Rua Her. e Mart Angola, s/n; **Terreiro**, Rua da Reboleira, 21

SUB-TURNO B

Antas (das), Av Fernão Magalhães, 1076; **Ant. Porta do Olival**, C Mártires da Pátria, 122; **Falcão**, Rua de Santo Ildefonso, 61; **Ferreira**, Praça D. Afonso V, 55-B, **Lousada**, Largo do Campo Lindo, 62

COIMBRA

TURNO F

Dias Ferreira, Rua do Brasil, 70-tel. 26046; **Santa Cruz**, Rua das Padeiras, 94-tel. 23569; **Higiene**, Rua Fernandes Tomaz, 41-tel 22634.

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.00 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
10.ª Semana de êxito «UM VIOLINO NO TELHADO» Écran gigante, som estereofónico de quatro bandas magnéticas

SATELITE 9tel. 562632)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos) 5.ª Semana
A teoria e a prática do cinema aplicado na História «ALEXANDRE NEVSKI» de Eisenstein com Nicolai Tcherkassov
Hoje às 18.30
(Grupo A - 6 anos)
«Chitty, chitty bang, bang» com Dick Van Dike e Sally Ann Howes

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21 30 2.ª Semana de êxito
(Grupo C - 14 anos)
«O JUIZ ROY BEAN» De justiça em injustiça impõe a sua lei. Com Paul Newman, Jacqueline Bisset e Ava Gardner. Color. Metro Alvalade

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos) 5.ª Semana
A obra-prima de Robert Rosselini «A TOMADA DO PODER POR LUIS XIV» (Metro--Alameda)

BERNA (Tel. 776098)
21.30 - 21.ª Semana
A Paramont Apresenta «O PADRINHO Grupo D 18 anos Hoje às 15,15 e 18,30 um maravilhoso Presente de Natal Grupo A 6 anos O COMBOIO QUE LEVAVA SAUDADES» com Dinah Sheridan

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
(Grupo B-10 anos) 48.ª semana «Record» exibição em Portugal «TRINITA - Cow-boy insolente com Terence Hiel e Bud Spacer color-Scope

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
Grupo D 18 anos 2.º SEMANA Estmancolor Ele joga à sua maneira... Ela joga por fora... MEU MARIDO ESSE DESCONHECIDO com Kirk Douglos e Marléne Jobert

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
«A COLINA DOS SARILHOS» Com Terence Hill e Bud Spencer (Colorido)

ODEON (Tel 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D-18 anos) 4.ª Semana
Alfredo Landa, Sylva Koscina e Ira Fustenberg em «NÃO DESEJARAS A MULHER DO DELICADINHO» Um escândalo em graça brejeira

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
3.ª Semana
Walt Disney apresenta «SE A MINHA CAMA VOASSE»
Tecnicolor - Grupo A (6 anos)

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.45
(Grupo C - 14 anos)
2.ª Semana
Um filme de Richard Brooks «OS PROFISSIONAIS» com Burt Lancaster, Lee Marvin, Jack Palance e Robert Ryan

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B-10 anos) 2.ª Semana
O inimitável Cantinflas em «OS 3 MOSQUITEIROS»

CONDES (Tel 322523/326710)
4 sessões diárias - 14.15-16 30 18.45 e 21.45
(Grupo B - 10 anos) 4.ª Semana
A loucura feita cinema
Louis de Funés e Yves Montand têm «A MANIA DAS GRANDEZAS»

S. JORGE (Tel. 54153/4)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D-18 anos) 2.ª Semana
Charles Bronson «O MECÂNICO» Um Bronson sensacional!

LYS (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«ATÉ À MATERNIDADE» e em complemento «COLTS PARA OS SETE MAGNÍFICOS»
(Metropolitano- Intendente)

CASINO ESTORIL (Tel. 264621/264948
17.00 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«ANOITEFEZ-SEPARAAMAR»

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
Às 15.30, - 18.30 e 21.30 Grupo A 6 anos «INIMITÁVEL! INESQUECÍVEL! «LUZES DA CIDADE» com Charles Chaplin 2.ª Semana.

LONDRES (Tel. 731313)
14.00-16.30-19.00-21.45
Grupo D 18 anos)
Colorido - A Estrela do ano Liza Minuelli 5.ª Semana
CABARET (Adeus Berline)

MUNDIAL (Tel. 538743)
18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
12.ª Semana de êxito com Lino Ventura e Jacques Brel numa história sensacional!
«AVENTURA E AVENTURA»
Um filme de Claude Lelouch
(Metro Estação-Picoas)

APOLO 70 (Tel. 763319)
15 00 - 18.15 - 21.45
Grupo D 18 anos Genial «O Grande Conquistador» com Wood Allen
Hoje às 24.00 - Clássicos à Meia Noite
(Grupo D - 18 anos)
«BONNIE E CLYDE» com Warren Beauty e Faye Dunaway

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45 2.ª Semana
(Grupo C - 14 anos)
Um filme de Richard Brooks «OS PROFISSIONAIS» com Burt Lancaster, Lee Marvin, Jack Palance e Robert Ryan

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo C - 14 anos)
«A 25.ª HORA» e em complemento «HONDO, O DESTEMIDO»

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45 3.ª Semana
Estmancolor - Grupo d 18 anos
Louis de Founés e Yues Montand têm «A MANIA DAS GRANDEZAS»
A Loucura feita cinema.

IMPERIAL (Tel. 821933)
(Grupo D - 18 anos)
«UM MARIDO EM APUROS» e em complemento «A MORTE NÃO TEM SEXO»

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Grande companhia de circo do Natal

TEATRO MUNICIPAL S. LUIS
21.45 (14 anos)
«MISSA LEIGA»

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«O princípio e o fim»

COMUNA
21.45 (14 anos)
«Para onde is?»

TRINDADE
22.00 (18 anos)
«Hedda Gabler»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

GIL VICENTE
22.00 (18 anos)
«As criadas»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (14 anos)
«Alice nos jardins do Luxemburgo»

VILLARET
20.45 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência, o pendura»

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (14 anos)
«A cama dos comuns»

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«É o fim da macacada»

LISBOA/Cinemas

OLYMPIA
19.00 (10 anos)
«Sartana no vale dos Abutres»

PARIS
21.00 (10 anos)
«O baile dos bombeiros»

CINEAC
21.00 (18 anos)
«Harper, detective privado»

JARDIM CINEMA
21.30 (14 anos)
«A legião dos danados»

MAYER
21.00 (18 anos)
«A solteira e o atrevido»

ARCO ÍRIS
19.00 (10 anos)
«O facho e a flecha»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«Cicatrizes de Drácula»

LINHA DE CASCAIS

PAREDE
Royal-cine Às 21.15 (14 anos)
«A Minha Terra é o dinheiro»

ESTORIL
Casino
Às 17 e 21,30 (18 anos)
«A Noite fez-se para amar»

CASCAIS
S.José
Às 21,30 (14 anos)
«Os Pássaros»

LINHA DE SINTRA

D.João V
21 30 (14 anos)
«A ultima pouzada»

QUELUZ
QueluzCinema
21.15 (18 anos)
«Valdez»

MEM MARTINS
CineChaby
21 30 (14 anos)
«A Grande Odisseia»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«Trinitá-cow-boy insolente»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 .nos)
«Duelo á Beira Rio»

PORTO/Cinemas

OLIMPIA
21.30 (10 anos)
Cantinflas em «Os Três Mosqueteiros»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Que se passa doutor»

ESTÚDIO
21 30 (0 anos)
«Luzes da cidade»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (14 anos)
«As grandes manobras»

PASSOS MANUEL
21 30 (14 anos)
«Melody»

TRINDADE
21.30 (14 anos)
«Um violino no telhado»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«O desafio de Pancho Vila»

JÚLIO DINIZ
21 30 (10 anos)
«Trinita - Cowboy insolente»

RIVOLI
21 30 (10 anos)
«A mania das grandezas»

S. João
21 30 (10 anos)
«Se a minha cama voasse»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Cara a cara» e «Perseguição de um espião»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (10 anos)
I Festival Internacional de Magia

COLISEU
21.30 (6 anos)
«Circo Hungria de Budapeste

COIMBRA

TIVOLI
21 30 (18 anos)
«Quatro moscas de veludo»

AVENIDA
21.45 (18 anos)
«A solução final»

GIL VICENTE
21.00 (14 anos)
«Um cacho de uvas ao sol»

SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«O vale das bonecas»

BARS BOITES — restaurantes típicos — DANCINGS

PRINCIPE NEGRO — Dancing com variedades **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

EL CID — Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao Conde Redondo) **Tel. 560538**
Com variedades

FANTASMA-Dancing Caveau com variedades, Maria Helena, Odete Maria, Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. **R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18 h às 21 h e das 22.30 h às 05.00 h**

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

D. QUIXOTE — António Alberto (To-Bé), Virgílio Cheves, Alberto até às 5 h da madrugada **Rua da Trindade, 9 Tel. 327109. Encerra aos domingos**

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

SANZALA Dancing Duo Ouro Negro e Conjunto Blackground. Jantares e ceias até às 5 da manhã. Av Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef 790177.

NINA — **Dancing com atracções Rua Paiva de Andrade, 7-13 Tel. 4859/368197**

ADEGA MACHADO — Cantam Ivete Pessoa Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício Fados de Coimbra por Loubet Bravo, Armando Hilário. Tocam Liberto Conde, Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

LUSO Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luis Tomar fado de Coimbra por Americo Silva Em fado castiço Cristina Maria **Travessa da Queimada, 10 Tel. 362889. Aberto todos os dias.**

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana. Tocam. Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos. Folclore pelos Cinco. Típicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca, 133 Tel. 369760**

FRAGATA REAL — Maria Valejo, Maria Jô-Jô Nelo e Joaquim Campos em Fado Lisboa, João Queiroz em Fado Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natália Desejos e João Cabral. **Trav. S. Miguel, 22-Alfama-Telef. 868552**

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FORCADO — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Tipicos de Vila Franca de Xira **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Telefone 368579.**

BICO DOURADO — Boite de nuit, atrações internacionais, das 01 H e 30 às 03 H e 30. **R. da Misericórdia, 12 Tel. 368649.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Tel. 320164**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264621 e 264946.**

CLUB 107 (Boite) — Rua da Madalena 107, Lisboa-Tel. 860078.

FONTORIA Dancing. Música constante. Variedades internacionais. **Praça da Alegria, 58 Telef. 35431**

SAN PAYO Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34 Tel. 561422. (Ar condicionado).**

DL /ÚLTIMAS

DL

RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185-1 º2.ºE 4 º
TÉLEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

Tabaco estrangeiro escondido na palha...

Agentes da Guarda Fiscal, na sua missão de repressão das actividades ilicitas, apreendeu nos últimos dias, nas regiões de Vilar Formoso e Mértola, considerável quantidade de tabaco de origem estrangeira, de várias marcas, introduzido ilegalmente no país. O seu valor ultrapassa 200 contos.

O tabaco apreendido na área de Vilar Formoso era transportado às costas de diversos indivíduos que, ao serem surpreendidos pela fiscalização, abandonaram a mercadoria e se puseram em fuga, não sendo possível a sua captura, dada a escuridão da noite.

A apreensão efectuada na área de Mértola, resultou de busca levada a efeito nas dependências de um monte que fica a cerca de 15 km daquela vila, em virtude de ter chegado ao conhecimento da Guarda Fiscal que se guardavam ali mercadorias entradas clandestinamente no país, sendo o tabaco encontrado num dos celeiros do monte, coberto com molhos de palha de aveia.

Nova Paróquia na cidade do Porto

PORTO, 28 — Após seis anos de vida paroquial, em regime experimental, o bispo do Porto, depois de ouvir todos os interessados, julgou chegada a hora de proceder à erecção canónica da paróquia da Nossa Senhora do Calvário, na zona oriental do Porto, que engloba as zonas de S. Roque da Lameira e do Cerco do Porto, mandada criar em 1967 pelo então administrador apostólico da diocese, D. Florentino Andrade e Silva.

Assim, no próximo domingo, proceder-se-á à erecção canónica para o que foi elaborado um programa de que faz parte uma eucaristia presidida pelo prelado da Diocese.

O EPISÓDIO DOS ANDES

Diz o "Osservatore Romano": nao é antropofagia

. CIDADE DO VATICANO, 28 — (F.P.) — O dramático episódio da sobrevivência dos sinistrados do acidente dos Andes «desconcertou» o padre Gino Conetti, teólogo do «Osservatore Romano». Este sacerdote opina que, «se os factos se passaram realmente como contam os sobreviventes, não se pode qualificar o seu acto, mesmo no ponto de vista teológico de antropofagia».

«A Igreja Católica exige o respeito pelos cadáveres e justifica estas exigências com profundas motivações teológicas» — prossegue o padre Concetti. «O corpo foi habitado por uma alma e participou com esta alma na vida do ser humano. Depois da morte, o corpo humano está destinado à decomposição irreversível. Contudo, tendo em conta estes princípios, parece justificado, no plano ético, que os sobreviventes do avião se tenham alimentado com os cadáveres dos seus próprios companheiros, a fim de não perecerem, sobretudo se, conforme afirmam os primeiros depoimentos, não dispunham de outros alimentos para escapar a uma morte certa». Um dos sobreviventes estabeleceu uma aproximação, a que não falta bom senso, entre o meio que lhes permitiu sobreviver e o enxerto de um orgão. Se se admite que se pode tirar um orgão ou qualquer outra parte do corpo a um morto para enxertar num ser vivo a fim de que não morra, não se vê porque razão, em caso extremo, homens não se serviriam de todo o corpo para se salvarem. Só o facto tem aparência de canibalismo. A necessidade de sobreviver retira todos os aspectos negativos a este comportamento».

REUNIÃO DE MUNICÍPIOS

PORTO 28 — No Governo Civil do Porto efectua-se amanhã, pelas 21 e 30, uma reunião dos presidentes das Câmaras Municipais do distrito.

Presidirá ao acto, durante o qual serão tratados assuntos de interesse administrativo, o sr. Major Paulo Durão, governador civil do Porto.

O TEMPORAL NO NORTE

Continuam fechados os portos do Douro, Caminha, Caxinas e Póvoa

Durante as primeiras horas da manhã de hoje pouco choveu na zona do Porto e o sol raiou por vezes.

Contudo mantiveram-se fechados os portos do Douro, Caminha, Vila do Conde e Póvoa de Varzim.

Até às 11 horas de hoje, ainda não havia sido arrastado à praia o cadáver de Armindo José Postiga Regufe, de 12 anos, que ontem de tarde, pelas 15 horas, foi apanhado, juntamente com seu irmão Ezequiel, de 8 anos, de Caxinas, Vila do Conde, por uma vaga no Molhe sul do Porto da Póvoa de Varzim.

O funeral do Ezequiel efectuaou-se esta tarde para o cemitério local.

"TRANSFERIR" DINHEIRO TAMBÉM LEVA À PRISÃO

. Um homem ainda jovem, de nome Martinho, com 28 anos de idade, natural de Vila Flor, empregado de escritório que ainda não tinha conseguido emprego em Lisboa depois de ter vindo de Luanda, foi agora detido por ter começado a recorrer a determinados expedientes que lhe davam algumas receitas. Foi assim: naquela cidade africana o Martinho tinha feito alguns conhecimentos que, na verdade, nunca chegaram a dar em grande amizade. Nesta altura de provações económicas o «nosso» homem teve conhecimento de que alguns desses seus conhecimentos de África se encontravam a passar férias em Vila Nova de Famalicão. Ora ele conhecia as moradas desses indivíduos e vai daí começou a escrever-lhes, a cada um em particular, explicando que experimentava certas dificuldades na transferência de dinheiros, o que lhe levantava problemas ao seu regresso a Luanda, onde, afirmava, era sócio de uma vervejaria. Explicadas as coisas nas cartas que escrevia, apelava o Martinho para a solidariedade de cada um dos visados, até porque eles também experimentam as mesmas dificuldades. Muitos deles responderam enviando para a Caixa Postal do Aeroporto os mil e quinhentos escudos que ele pedia, prometendo o reembolso.

Há alguns dias dois dos beneméritos encontraram-se por acaso, começaram a falar e, a páginas tantes, veio o nome e o caso à baila. Chegaram então à conclusão, os dois amigos, de que estavam a ser ludibriados. Não hesitaram: participaram o caso à Polícia em Famalicão, que, por sua vez, o fez seguir para a secção de Justiça na capital. Foi então armada uma ratoeira com um vale postal no valor de 15 tostões, que fez aparecer o Martinho no aeroporto. Aí foi detido quando estava com a boca na botija.

Inquirido sobre as suas actividades acabou por confessar que, pelo mesmo processo mas deslocando-se a Santarém onde, segundo tinha conhecimento se encontrava um outro seu conhecido, tinha tentado arranjar mais alguns proventos. Tal não aconteceu porque não encontrou a possível vítima. O Martinho tinha em seu poder um «crachá» de jornalista sem relação com o sindicato.

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

NÃO VIU A MANIA DAS GRANDEZAS?

4.ª SEMANA

CONDES · VOX

COM FRANQUEZAS!

COLORIDO GRUPO B – 10 anos

RESTAURANTE Luso
TRAVESSA DA QUEIMADA, 10
Utilidade Turística — 1.ª Categoria
RÈVEILLON
NOITE DE S. SILVESTRE
JANTAR E CEIA
ESPECTÁCULO DE FOLCLORE
MÚSICA DE DANÇA PELO NOSSO CONJUNTO
Reserve a sua mesa pelo telef. 362889 - 328505
(ADULTOS)

COZINHA VELHA
QUELUZ — TELEFONE 95 02 32

Informamos os nossos Ex.mos Clientes que, amanhã, sexta-feira, dia 29, faremos o nosso serviço habitual de Almoços, Chás e Jantares na SALA DE BANQUETES em virtude da Sala COZINHA VELHA se encontrar reservada para um LANCHE DE CASAMENTO.

DIA DE ANO NOVO

ALMOÇOS E JANTARES — EMENTA ESPECIAL

Lembramos a conveniência de reservarem mesas com antecedência.

A DIRECÇÃO

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Diário de Lisboa

O público no Salon. 1852. Litografia de Daumier

ARTES PLÁSTICAS JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA • JOSÉ LUÍS PORFÍRIO • VITOR MANUEL SERRÃO LITERATURA • ALCIDES DE CAMPOS • ANA R. MOURA • HELDER DE SOUSA • LUÍS PIGNATELLI • ALAIN ROBBE-GRILLET MASS-MEDIA MANOEL LOURENÇO FORTE CINEMA EDUARDO PRADO COELHO MÚSICA MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

LIVROS RECEBIDOS

EDIÇÕES ÁTICA

O SOL E O MENINO DOS PES FRIOS
Matilde Rosa Araújo
Fotografias de Augusto Cabrita

EDITORIAL ALPHA ET OMEGA

COMO TRABALHAR COM O MINICOMPUTADOR PAPY
G. Papy
Tradução de Armando Aragão
Série I- n.º 1 - Matemáticas Modernas

EDITORIAL INOVA

PAGINAS QUASE ESQUECIDAS tomo I
Camilo Castelo Branco
Recolha, apresentação e notas de Alexandre Cabral
Colecção Biblioteca Camiliana — n.º 1

VARIAÇÕES SOBRE UM CORPO
Antologia seleccionada e apresentada por Eugénio de Andrade
Desenhos de José Rodrigues
Colecção Arte de Amar

JORNAL DO FUNDÃO

A NOITE DOS ASSASSINOS
José Triana
Tradução de Orlando Neves
Nota introdutória de Fernando Luso Soares
Colecção Cena Actual — n.º 4

O HERBICIDA
Carlos Coutinho
Prefácio de Fernando Luso Soares
Colecção Cena Actual — n.º 5

MORAIS EDITORES

LIVRO SEXTO — 4.ª edição
Sophia de Mello Breyner Andresen
Posfácio da autora
Colecção Círculo de Poesia — n.º 17

A FUNDA — Vol. 2.º
Artur Portela Filho

A EMPRESA DO FUTURO
F. Dalle e J. Bounine-Cabalé
Tradução de Eugénio Cavalheiro
Colecção Empresas

PRELO EDITORA

EMIGRADOS E OFENDIDOS
Manuel Geraldo
Colecção O Homem no Mundo — n.º 11

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

ANTES DA FALA
Anne Sommermeyer
Tradução de M. Antonieta Mendonça
Colecção Biblioteca Pais — n.º 1

ESCUTA, MAMÃ!
Jacqueline Yvès
Tradução de Alice Gomes
Colecção dos Pais — n.º 2

CONCERTOS PARA JOVENS
Leonard Bernstein
Tradução, prefácio e notas de João de Freitas Branco
Desenhos de Isadore Seltzer

DINHEIRO S/ AUTOMÓVEIS

Particular. Mesmo em nome de «stands» ou hipotecados, até 24 meses. Rua D. Estefânia, 81-3.º, Dt.º — 40049 - - 563751.

GUARDE ESTE ANÚNCIO

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Maria Ribeiro-TORNADA

CONFEITARIA INGLESA

TRAVESSA DOS PESCADORES, 27
RUA POÇO DOS NEGROS, 130

Desejam a todos os seus Ex.mos Clientes, Amigos e Fornecedores BOAS-FESTAS e NOVO ANO cheio de prosperidades.

S. Jean Cayrol do deserto

ou um perpétuo regresso ao Inferno

Por
ALCIDES DE CAMPOS

Jean Cayrol é o perpétuo fantasma dos campos de concentração, o eterno Lázaro ressuscitado em cada um dos seus livros — lagarto amedrontado em busca de sol e de liberdade, perseguindo sem cansaço a sua própria sombra.

Prisioneiro dos nazis nos «campos da morte» de Gusen e de Mauthausen, de 1942 a 1945, Jean Cayrol arrasta pelo seu mundo romanesco, com uma verve soberba e uma paradoxal humildade, as suas feridas de homem e as suas angústias de escritor. Pelos caminhos de um planeta que não cessa de comparar ao universo concentracionário, uma analogia dos suplícios quotidianos: o medo e o terror, a ansiedade e a repressão, as represálias e a opressão. A morte no outro extremo. Ou a sua possibilidade. Num mundo - prisão que da felicidade só conhece a palavra. Num deserto de amor estrangulado pela solidão dos dias e das noites acorrentados. Vítima até ao fim, o seu mundo não consegue escapar ao quadrilátero de arame farpado, reino de trevas onde as sentinelas armadas de metralhadoras atentas ao menor gesto dispõem da vida e da morte dos homens.

Autor de uma produção literária que conta mais de trinta títulos, Jean Cayrol continua prisioneiro dos seus carrascos e do universo degradante por eles alicerçado. O campo da morte é os seus ossos e a sua carne, os seus olhos e a sua memória: um filme sem fim que não cessa de projectar sobre a ignomínia dos seus torcionários, já que «il est bien difficile de tuer tout le monde».

Jean Cayrol é Géronimus, heroi desta **Histoire d'um désert** (1), continuação simbólica de **Histoire d'una preirie** (2). Um Géronimus singular, fiel a «un apolitisme dont il gardait le secret». Liberto, no fim da guerra, de um campo de prisioneiros onde passara vinte anos, Géronimus afasta-se deste cenário de forcas, de soldados e de fornos crematórios alimentados pelo «carburant humain» destinado a transformar-se num campo de férias para turistas endinheirados. Com canteiros de flores nas guaritas das sentinelas e baloiços suspensos das barras onde, na véspera de suspendiam homens pelo pescoço...

A primeira etapa da sua viagem de homem livre é a sua terra natal: Occiville, um nome sugestivo... Mas, completamente modificada pela mecanização de fins do século, Géronimus não a reconhecerá como o seu berço, estrangeira impessoal, asfixiada no cimento e no ferro das máquinas. É pois desiludido mas sem saudade que abandona Occiville e prossegue o seu caminho de cego num «outro mundo». Até alcançar o deserto. Um deserto natural (mas sem limites de espaço nem de tempo) onde se instala para viver o seu deserto interior povoado de evocações, partilhando a sua vida com um lagarto que fala e dá pelo nome de Lázaro, símbolo da ressurreição do homem escapado do campo da morte. Um deserto por onde passa Stanley à procura de Living - Stone e André Citroen (fundador das fábricas de automóveis) em busca de publicidade. Um deserto onde chegam os clamores, os rugidos e os vagidos das guerras, onde se cruzam os caminhos dos membros da família de Géronimus: a sombra de sua mãe e a esperança (?) de ver surgir a mulher e os filhos. Um deserto interior repleto de visões, de miragens e de recordações que só a morte do corpo poderá apagar.

Géronimus é Jean Cayrol. Nós e o mundo que vamos destruindo a passos de gigante, em actos de loucura, num frenesi suicida e cúmplice com origens na ecologia.

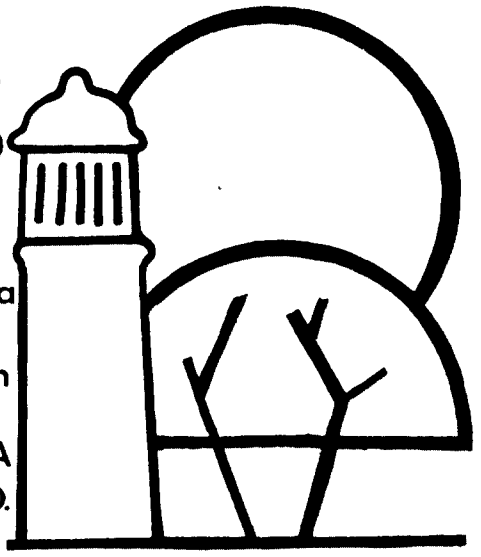
Fábula e profecia, **Histoire d'un desert** é o romance da angústia do homem contemporâneo e da sua meditação sobre os sis temas de destruição cada vez mais aperfeiçoados. Reflexão sobre o presente e o futuro, da subordinação ao domínio dos computadores. A piedade que nos inspira a miséria de Géronimus está na sociedade que é a nossa: forno crematório alimentado a combustível humano.

Uma vez mais, Jean Cayrol afirma-se, pela sua expressão natural, como um romancista que é, sem dúvida, um dos melhores poetas franceses da actualidade. Tanto pela subtileza das imagens como pela forma alegórica da s u a filosofia.

1) — Ed. du Seuil 2) — idem

amanheça o NOVO ANO connosco "REVEILLON 72"

O Algarve só conhece uma estação O SOL



Faça a sua ceia de fim-de-ano na Aldeia das Açoteias–Albufeira.
No salão–restaurante espectáculo com TONICHA, PAULO DE CARVALHO, JÚLIO CÉSAR e o conj. CONVERGÊNCIA
Na boite os artistas espanhóis LOLA, MARA e ROBERTO.
Consulte o
TOURING CLUB DE PORTUGAL ou o seu Agente de Viagens
Av. Almirante Reis, 231 - 2º Esq. LISBOA
Telefone 71 91 81/2/3 ou Albufeira - 0089/66267
Endereço Telegráfico: SOLTOUR

Rest. M/14 a.
Boite M/21 a.

TCP touring club de portugal

OS OUTROS E OS "MASS-MÉDIA"

Os mass-média (ou meios de comunicação de massa) invadiram de tal modo o nosso mundo que, para o senhor-toda-a-gente, a vida já não seria «normal» sem eles, Aumentando a um ritmo fantástico as oportunidades e a intensidade da comunicação entre os homens, os mass-media adquiriram significados novos e passaram a desempenhar funções que inicialmente não foram previstas e ainda menos programadas.

Nesta civilização em que «l'enfer c'est les autres», os mass-media permitem que muitos cheguem até aos outros sem que sofram os inconvenientes de tal aproximação.

Que os meios de comunicação de massa oferecem uma solução (ainda que bem pouco satifastória) para o problema da solidão está dito e redito. Nesta estrutura social em que cada um se sente (e está) permanentemente só, quer esteja realmente sòzinho, quer esteja acompanhado (já não há tempo nem condições para acompanhar interessadamente outra vida que não seja a própria — se não, vejamos: onde estão os pais, os amigos, os irmãos ou os filhos a sério, isto é, em **full-time**?), o mero facto de se receberem folhetos publicitários pelo correio reconforta e faz-nos sentir vivos — estou mesmo convencido que teria enorme sucesso (e o correspondente êxito financeiro) a criação dum clube cujos sócios recebessem folhetos e circulares publicitárias personalizadas. Cada sócio teria a sensação de que aquilo lhe era destinado a ele, como indivíduo diferente dos outros, Fulano de Tal, por ser ele, por saberem quais oa seus interesse («por se importarem com ele»!) — e não por ser mais um comprador, mais um cliente. Por outro lado, os anunciantes teriam a certeza de se dirigirem à facção da população mais permeável à sua publicidade, dado que esta seria enviada apenas àqueles que se tivessem declarado interessados naquele tipo de produtos. Pago por um lado e pago pelo outro, o clube estaria inexoràvelmente votado ao sucesso por ser simultâneamen t e subsidiado pelos carrascos e pelas vítimas da publicidade. O que aliás está certo, dado que a alienação é tal que ambas as partes desejam que a máquina infernal funcione desde que cada um sinta que o outro reconhece a sua (dele) importância.

Todos sabemos a ânsia que cada um tem de contactos humenos verdadeiros e não superficiais e, simultâneamente, a acuidade com que cada um (mais ou menos inconscientemente) tem consciência dos inconvenientes, dos incómodos, das obrigações, dos liames que tais contactos normalmente implicam. As tentativas para se alcançarem as vantagens sem suportar os inconvenientes são variadíssimas. Quem — sobretudo se é das novas gerações — não teve o(s) seu(s) **pen - friend(s)**? Estes são geralmente escolhidos pela fotografia (geralmente aquela em que o candidato a **pen-friend** se sente mais favorecido...) e/ou pela descrição dos seus interesses dominantes (enumerados com uma inexactidão mais ou menos favorável). O que pressupõe que quem escolhe ou aceita lhe reconhece aquela aparência e/ou todos aqueles interesses.

O outro tem, portanto, óptima impressão a seu respeito — provàvelmente melhor do que deveria. Por outro lado, esta boa impressão quase não custa a manter ao longo do tempo — só se é posto à prova durante a redacção das cartas... E assim se consegue manter a ilusão de que se é melhor, sempre confirmada pelo facto de o outro ter aceite desde o início que o **pen-friend** é realmente igual à ilusão por este proposta.

É igualmente revelador o afã, o fervor, com que certos radioamadores mantêm contactos radiofónicos com pessoas que por vezes ou pertencem a outros continentes ou vivem a enormes distâncias ainda que no mesmo continente. O fervor e a constância com que as mensagens se trocam parece ser tanto maior quão maior a distância que os separa (e quão menor a probabilidade de se encontrarem de facto). Creio que algo semelhante se passa — ainda que em menor grau — com as pessoas que têm o hábito de conversar tempo sem fim ao telefone — em princípio só se telefona a quem se não espera ver durante o dia ou, dizendo doutra maneira, espera-se não se encontrar por um período mais ou menos curto (pelo meos cerca de 12 a 24 horas) as pessoas a quem se telefona. Eis o telefone transformado, graças ao inesgotável engenho do inconsciente humano, numa máquina que serve para manter o contacto com os outros, reduzindo, ainda que não muito, os inconvenientes que dele geralmente advêm. Ou seja, para manter os outros à distância ideal.

..Os mass-média que permitem um contacto ou comunicação imediata — isto é, não diferenda, não adiada — ainda que esta possa também ocorrer com uma frequência relativamente elevada — , como a Rádio e a TV, permitem aos seus adeptos a sensação do contacto íntimo com artistas e locutores. Para além, até, da comunicação não personalizada com os outros — veja-se a importância que esta pode ter relembrando que a peça de equipamento considerada mais importante pelos soldados americanos no Vietname é, a acreditar em certas reportagens, '... o transistor! — que corresponde à mera garantia de que existe, a funcionar, um canal de comunicação entre o ouvinte e o seu grupo populacional (a sua horda, a sua raça, a sua civilização). Ainda que nesse canal tudo se passe num único sentido, tais mass-média permitem a cada um a escolha de estações emissoras, programas, locutores, etc., etc., e, portanto, a ilusão de que a liberdade é mantida. Pois não se pode escolher entre ouvir e não ouvir, e entre esta e aquela estação, este e aquele programa? Ninguém se sente tolhido, antes pelo contrário...

Assim, os ouvintes e telespectadores têm à sua disposição um enorme sortido de artistas e locutores por cujas pessoas se podem interessar com a intensidade e o gosto do pormenor que mais lhes aprouver. Há, na verdade, modelos para todos os gostos e feitios e a abundância de detalhes é tal que mesmo o mais exigente dos cocabichinhos, o mais desvairado dos maníacos do pormenor encontra com que satisfazer-se. Cada artista como que se especializa num género, como que constrói um personagem — se bem que tal tarefa talvez esteja mais a cargo do seu manager, que se encarrega de difundir pelos meios mais convenientes os detalhes e informações qie julga mais adaptados à personagem que acha ideal.

Deste modo, ouvintes e telespectadores sentem-se extraordinàriamente (pelo menos suficientemente) próximos dos entes escolhidos e, ao mesmo tempo, esquivam os múltiplos incómodos, pequenos ou grandes, que o contacto íntimo com os outros costuma acarretar. Por outro lado, se o «contacto anónimo» o não satisfaz suficientemente, é sempre possível recorrer ao contacto personalizado, que geralmente assume a forma de um pedido integrado nos programas no género dos «Discos pedidos pelos nossos ouvintes» ou da solicitação de uma informação (geralmente «técnica» ou referida a um artista), cuja resposta se espera que venha através das ondas do éter. Na verdade, a esperança secreta destes ouvintes (o fenómeno é muito mais intenso na Rádio que na Televisão) é ouvir-se na rádio — ou, pelo menos, ouvir o seu nome citado. Este desejo, que parece consideràvelmente frequente e intenso, deve corresponder de perto àquela tendência para se exibir (e especialmente para exibir as partes vergonhosas que é quase constante em certas fases do desenvolvimento infantil e avulta no comportamento de certos psicopatas). Só que aqui ela surge disfarçada e com uma feição muito menos intensa, pelo que não chega a ser consciente para a maioria. Que no entanto existe com essa intensidade só pode ser posto em dúvida por quem nunca tenha ouvido a ânsia, a avidez ingénua com que os referidos rádiouvintes perguntam aos locutores dos «Discos pedidos pelos nossos ouvintes», depois de formulado o pedido, se podem «dizer o seu nome».

Quanto à intensidade, penso que a fé o maquiavelismo com que as companhias de publicidade organizam estes programas é suficientemente eloquente, uma vez que, para ouvir determinado disco (acho que acima de tudo é para ligar o seu nome a um qualquer disco, dado que os ouvintes são dotados de uma mansidão exemplar quando ouvem aqueles sempiternos: «— Esse disco não temos. Quer fazer o favor de pedir outro?»), ao ouvinte é exigido que tome nota, no decurso do programa precedente, da

Consequência da televisão, da radiodifusão, do cinema: «A nova interdependência electrónica, diz Marshall McLuhan, recria o mundo à imagem de uma aldeia global.» Tal mutação parece ser ilustrada (rosto na vertical, aldeãos na horizontal) por esta pintura de Salvador Dali, intitulada «Rosto paranóico».

frase publicitária e que, no momento do pedido, a repetirá religiosamente, com todos os efes e erres. E isto é mais do que permitiria a pachorra humana...

Por seu lado, artistas e locutores medem o êxito pela popularidade que conseguem alcançar e costumam estar prontos a todos os (pequenos, geralmente) sacrifícios que possam aumentá-la. Assim, quando lhes chega um pedido de um ouvinte ou espectador (e parte-se logo do princípio que se trata de um admirador...), apressam-se a satisfazê-lo. E dado que estes incómodos que a popularidade impõe não costumam ser de grande monta, esta disponibilidade diante do público não envolve, geralmente, uma perda de liberdade sensível. Artistas e locutores prestam-se, assim, ao jogo de personalização dos contactos com o público. O termo exacto, aliàs, não deve ser esse. Artistas e locutores comprazem-se nesses contactos personalizados, que aos seus olhos constituem demonstrações irrefutáveis da existência de popularidade e, consequentemente, de êxito.

Como é óbvio, o que se passa em relação à Rádio e à TV ocorre também com o cinema e o desporto. Mas nestes é menos aparente a existência de uma espécie híbrida como a dos locutores, a meio caminho entre os artistas e o pessoal de apoio rwcnico, cujo anonimato se pressupõe. Os locutores, aos olhos do público, ou são estrelas em decadência ou desejam ardentemente ascender ao estrelado, ou são pessoas que tiveram o desejo secreto de ser um grande artista e que, tendo-se apercebido a tempo da impossibilidade prática de tal sonho se concretizar, fizeram a agulha e sublimaram na vida de locutor os projectos, inteiramente abandonados, de vir a ser um artista acarinhado pelo público. No entanto, no cinema e no desporto encontram-se equivalentes a esta espécie nas pessoas dos realizadores e dos treinadores.

O contacto com o público exige geralmente aos artistas um preço que não é considerado exagerado para a glória — a sua intimidade. Na verdade, a necessidade de alimentar a curiosidade do público, sempre ávido de peripécias referentes à vida dos seus ídolos, força enorme maioria dos artistas a abrir mão da sua vida privada. A avidez do público ultrapassa, de longe, a capacidade da imaginação de qualquer manager, por mais delirante que seja a sua veia inventiva. O que o público exige não é veracidade, é plausibilidade, isto é, vero similhança face à personagem que o artista encarna perante o público. E se um ou outro tontinho se der ao trabalho de investigar as histórias que correm acerca do seu ídolo e verificar que são mentira de fio a pavio, pois esses tontinhos não contam por serem em número ínfimo, a menos que se dê a circuntância temível de serem jornalistas com grande número de leitores. A personagem pode ser construída, inventada por inteiro. Mas depois tem de aguentar — e isso está acima das forças de qualquer artista e de qualquer manager. À mínima incongruência, ao mínimo deslize de que o público se aperceba, os fans reagem como um marido «cocu» — começam a desconfiar que alguem anda a troçar deles, a abusar da sua natural bondade (nunca admitirão que que afinal era credulidade ingénua...). O resultado não pode desfazer fàcilmente da cara metade (a menos que tenha a dita de ser enganado por um ingénuo mais inocente e crédulo ainda do que ele — é com a qual a heroína do drama fuja). Os fans não amuam nem fazem cenas: desinteressam-se do ídolo. E esta atitude, envolvendo todos os fans, liquida o ídolo tão seguramente como se ele fosse riscado na lista dos vivos, por o privar da força que o mantém no firmamento artístico e na bolsa de cotações por que se regem produtores, realizadores e encenadores — o «box-office». Esta força é muito mais a popularidade do que a capacidade de desempenhar de modo verdadeiramente artístico (estèticamente válido) os papeis ou as funções que escolheu. Por isso é que há tal abundância de artistas execràvelmente maus, que, de artistas, têm apenas a aparência, o manager e a respectiva máquina publicitária.

Os artistas têm, portanto, de desistir, em grau maior ou menor, de qualquer vida privada que esteja, por definição, a salvo da divulgação. Alguns defendem-se encarnando o papel do artista distante, longínquo, cujo personagem tem, aos olhos do público excelentíssimo, o atractivo extraordinário do mistério, do detalhe escasso sabido a custo, que de quando em vez revela uma outra faceta inesperada.

A maioria, no entanto, priva-se da vida privada. E em geral fá-lo alegremente ou, pelo menos, sem sacrifício. É uma outra forma de prostituição. É a devassa dos sentimentos, dos amores, das afeições, dos medos, dos projectos e anseios, em suma, do que, em geral, cada um tem de mais secreto e íntimo. Aquilo a que se poderia chamar a prostituição afectiva.

Que há nessa devassa um quê de relaxação, como diria a Titi Patrocínio (da «Relíquia»), prova-se à saciedade pela frequência enorme com que o comportamento dos artistas é relaxado noutros campos, nomeadamente no do matrimónio. Entre casados e não-casados, a facilidade com que se muda de companheiro só é igualada por aquela com que se muda de camisa ou se passa de hetero a homo (sexual). São bem raros os artistas cuja vida familiar seja considerada exemplar — e estes são bem as tais excepções à regra. O público vota-lhes, aliás, um interesse muito menor que aos outros. E todos nós concordamos que eles são realmente menos interessantes. O artista verdadeiro é, em princípio, um ser de eleição, acima das leis. Prova-0 (geralmente tem de se fazê-lo nem que não queira) desrespeitando-as sem que daí lhe advenham inconvenientes materiais ou afectivos — pelo menos tem de fingir que assim é. Donde esta sensação de que uma vida familiar exemplar «não vai bem» com o ser-se artista de verdade. Num contraponto que não deixa de ter graça, podemos dizer que enquanto a prostituta faz da devassa física consentida profissão e da devassa afectiva «hobby» (quem se fia em amor de pega, a menos que tenha um parafuso frouxo?), o contrário ocorre com o artista. No fundo, é tudo uma questão da acessibilidade da posse. Enquanto a pêga se deixa possuir fisicamente e é, «a priori», duma inconstância afectiva proverbial, o que corresponde a dizer que é quase im-

Continua na pág. doze

Por MANOEL LOURENÇO FORTE

CONFISSÕES DE QUEM ESCREVE A QUEM LÊ

Saiu o que semeia a semear o seu grão; e ao semeá-lo uma parte caiu junto ao caminho e foi pisada. E outra caiu sobre pedras, e quando foi nascida se secou, pois não tinha água. E outra entre espinhos, e logo os espinhos que com ela nasceram a sufocaram. E outra caiu em boa terra, e de pois de nascer deu fruto.

Classificou alguém os homens em três espécies: o pensador, o lutador, o sonhador; legislando um, construindo outro, transformando o terceiro. E não garanto que tenha sido Dostoievski a escrevê-lo ou a pensá-lo eu, ao ler **O Idiota**, existir estranha semelhança, aos olhos de uma imensa maioria, entre o que pouco vale e aquele que muito valor tem. Ambos apresentam, no convívio dos que com este mundo se conformam, a mesma tristeza. Mas só aparentemente, porque um está abaixo da realidade que vive e outro bem para além dela. Um, perante um magnífico pôr-do-sol sobre o mar, considera serem horas de jantar; o outro fica esquecido em contemplação e pensa talvez — quem o sabe? — em quanto aqueles dois arquétipos estão ligados ao que o homem foi, é e será; ergue interrogações metafísicas e tem sonhos de poeta... e muito tarde chega a casa para jantar. Ambos, entre gente comum, são apagados, um por entender mal quanto ouve, outro por nada escutar que lhe traga novidade, e ao contacto com as coisas e os homens, vendo-os como são, se entregar aos seus sonhos de como gostaria que fossem.

É este o semeador.

E sempre como homem existiu entre os homens e entre os homens foi solitário.

Mas tinha o seu grão a lançar à terra e fê-lo pela palavra escrita, pois bem difícil lhe seria reunir à sua volta quem pela sua palavra se interessasse, aqueles entre os quais não se sentisse solitário.

A solidão mantinha-se, mas já não era a mesma, embora fosse ainda bem restrito o número de leitores. Tão limitado que, em França, dizia-o Voltaire, podiam contar-se, no seu tempo, com cinquenta leitores para um livro de filosofia; e a Inglaterra que, no século XVIII, era o mais culto país da Europa, tinha para os seus êxitos literários tiragens de uns escassos milhares de exemplares.

Existia então uma aristocracia internacional em que os grandes espíritos mùtuamente se liam. Esta comunidade intelectual que atingiu o seu auge no século XVIII não perdeu condições

Por Franco de Sousa

para subsistir e ainda hoje se mantém por um contacto directo, sempre possível, entre escritores, cientistas ou filósofos, que, por correspondência, em conferências, podem encontrar-se, trocar apoios mútuos ou mútuas críticas, mas transformou-se num núcleo na grande massa de leitores que os novos tipos de maquinaria, reproduzindo folha de papel impresso aos milhões, presentemente criou.

O escritor não perdeu o contacto directo com outros escritores, perdeu-o sim com a nova massa de leitores. Deixou de conhecer, se a finalidade do seu sonho era compreendida, deixou de saber quem o lia, transformou-se no semeador da parábola e sabe apenas que o seu grão, muito caiu junto ao caminho e foi pisado, outro nasceu entre pedras e espinhos que logo o esmagaram e sufocaram, e outro em boa terra onde frutificou.

Assim os problemas que presentemente se levantam localizam-se nessa nova terra onde a sua semente deve cair, que desconhece e desejaria ver desbravada de espinheiros e liberta de pedras que caídas sobre o seu grão lhe impeçam o despontar.

Para o escritor isto significa estarem preparados os meios para a mais ampla das sementeiras, mas que não o está a terra para a receber.

E antes de continuar, uma pergunta:

O que é um livro?

É um objecto, é uma mercadoria, constituida por um material e submetida a leis económicas de oferta e de procura.

Mas apenas isto não define o livro.

É necessário que no papel esteja impresso o pensamento do autor. Porém este pensamento em si também não definiria o livro.

Um elemento falta ainda para o definir: o escritor.

Pois bem, uma nova pergunta:

O que representa o autor, que contribuição definidora traz em relação ao livro?

Na sociedade moderna, o escritor é ainda um marginal. Não há lugar para ele. Escreve apenas, na imensa maioria dos casos, aquele que dispõe de recursos vindos de outras origens. Não tem estatutos de previdência social que o defendam na doença ou na velhice. Se escreve, é bem mais pela comunicação do que pela remuneração.

Mas, na mecânica da vida literária o escritor põe e o público dispõe, e daqui resulta que entre cem obras concebidas, só uma possa chegar a amadurecer e ser colhida.

Eu sei ser possível obter maior rendimento pelos meios técnicos, por mais amplas bases onde se apoie este diálogo, não só com um leitor mais frequentemente informado, como ainda com um editor, se este se decidisse a arriscar mais.

Mas admitindo um público informado, editores dispostos a arriscar, ainda assim permaneceria no livro um elemento indefinível. Porque esta multiplicação em exemplares é a reprodução de algo de único que não tem preço.

Pois quem poderá estabelecer um valor à vida, à acção, ao pensamento do escritor, aos seus momentos de desespero em luta com as palavras, quem apreciará devidamente a parte submersa da ilha que também faz parte da obra literária, quem ao ler pensa nos quatro quintos do «iceberg» que não vê e representa todo um imenso esforço, em tempo, em paciência, em desânimo e euforia, em mágoa e alegria, a linha sinusoidal em que o autor ora se afunda ora emerge na descrença e na crença por si?

Não, o êxito do livro, não é o do escritor.

A tiragem vendida permite recuperar, e com lucro, o capital nela investido, porém o que o escritor investiu pertence a uma outra espécie de moeda.

Sim, também sei existir o escritor que atinge o êxito, isto é, o momento em que pode viver das vendas das suas obras.

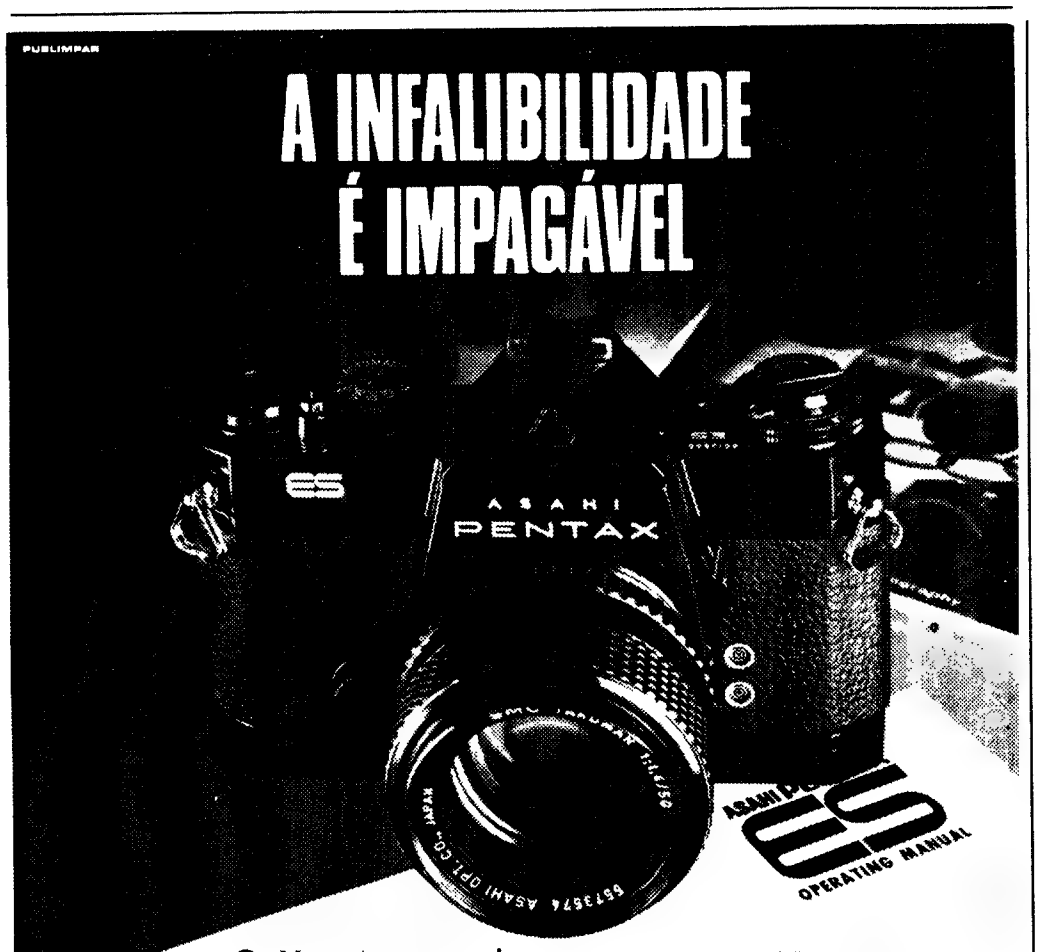
Mas cautela, não seja este triunfo o princípio do mal que o conduza à sua morte como autor. Porque a partir deste momento está definido para tal camada social, para certo público, que nunca o libertará da imagem que dele formou e a essa imagem lhe exigirá fidelidade. E não só o público como também o editor. Ora a programação, para um escritor, é a morte, se não tiver força para renegar o seu êxito. Porque irá envelhecendo e com ele o seu público inicial. E depois... depois é o esquecimento.

E aqui me acorre uma outra confissão. Leitor, se te contarem a velha história romântica de

Continua na pág doze

PUBLIMPAR

A INFALIBILIDADE É IMPAGÁVEL



Se V. está preparado para pagar o preço da infalibilidade, a ASAHI PENTAX ES garante-lhe sempre fotografias perfeitas mesmo que V. falhe. Perdão.

VOCÊ É INFALÍVEL COM A ASAHI PENTAX ES

Represent. BELTRÃO COELHO, LDA Lisboa · Port.

RESTAURANTE O PEIXE

(espelho d'água)

Todos os caminhos se encontram no Banco Totta & Açores

Estamos onde Você estiver.
No Continente.
Nas Ilhas. No Ultramar.
Somos uma organização em dia
com quadros jovens
e especializados
para a resolução de cada caso.
Actuamos com total
transparência de processos.

BANCO TOTTA & ACORES
Num mundo novo o Banco Novo

PENTA-BTA 1/72

2 POEMAS

DE LUIS PIGNATELLI

À Isabel

1

como se fosses de linho doce
com que me cubro e adormeço
ou pássaro que cantando fosse
árvore de vento com que estremeço
como se fosses na manhã silente
cristal soprado na noite fria
ou ar de neve luz transparente
com que o teu corpo inaugura o dia

2

porque esta luz vai agora desaparecer
do espaço onde o teu corpo repousava
(alguma ave passando a fez estremecer?)
da tua cabeça mineral em sombra reclinada
retenho a transparência quase alada

para o livro: «retrato oval»

Galerias ROLDÃO

AV.ª ALMIRANTE REIS, 13-E
(ao Cinema Lis) LISBOA

As mais reputadas marcas para fotografia, cinema, e projecção de diapositivos.

MONÓLOGO

Regressei duma viagem infinda. Sentei-me nesta sala vazia de gente, cruzei os braços e as pernas, acendi um cigarro, e escuto agora os ruídos dos carros, da noite, o silêncio indelével da morte. Trouxe comigo um nome, uma imagem, um silêncio, uma presença ancestral que remonta a um segredo interior que guardo nas profundezas do meu ser; uma imagem que se confunde com a morte, mas se funde dia-a-dia na vida.

E aqui estou. Aperto contra mim mais um dia que terminou fatalmente numa noite. Nesta noite vazia que pinga lágrimas de consolação e desespero, que me remete para este mundo de pensamentos, onde navega um perfil, uma sensibilidade, uma vida solitária que procura irredutìvelmente um rumo.

Não sei para onde caminho. Estou aqui e a presença da morte parece ser a única saída para este impasse. Tenho ainda vontade de esboçar um gesto, mas os meus movimentos são lânguidos e perdem-se no momento da partida. Ficam sempre aquém das minhas intenções; diluem-se ao compasso lento e triste da noite; são o Nada da parcela deste vazio nacional. Vejo-os consumirem-se enquanto gestos para os quais não há explicação, mas apenas esta forma de movimento ordenado, em viagem para o absoluto, para o fim de todas as coisas, para o fim do próprio gesto.

Poderia partir para qualquer lado. Mas partir é ficar sempre parado. O próprio gesto é hirto, linear e displicente. Partir é recusar, é morrer para qualquer coisa e simultâneamente nascer para outra.

Por isso aqui estou. Enterro os dedos nos olhos e baloiço a cabeça para não estoirar com os miolos. Sei da presença de tanta coisa; sinto na própria carne o desespero duma vida; sei até às lágrimas quanto dela dependo, a quanto a ela me alienei na busca desenfreada por um equilíbrio que nunca encontro. Reclino a cabeça e busco no silêncio da noite o cordão umbilical da satisfação. Pela testa correm velozmente pequenas bolas de suor que se juntam na aresta do queixo e deslizam depois pelo pescoço molhando-me o colarinho da camisa. Fumo cigarros atrás de cigarros. Enegreço deste modo os pulmões justificando a minha contribuição para a indústria do vazio, para o onirismo do momento.

Nada me chega desta noite. Apenas esta imagem-vida preenche este vazio. Apenas este segredo que não digo, mas que guardo e por guardar sufoco.

Faz tempo que tentei abonar o meu destino. Faz tempo que num esgar de loucura inventei justificações para o injustificável. Mas, agora, neste momento preciso, encontro-me a contas comigo mesmo. Vejo passar na minha frente tantas tentativas, tantos gestos, tantas ideias, mas tudo se perdeu na linha do tempo. Atribuo ao tempo os males em que enfermo, mas este remete-mos e eu não sei como me curar deles. Com o rodar dos anos, doente com saúde, vazio e solitário, ziguezagueei no destino e perdi-me em viagem.

E agora estou aqui. Estas paredes denunciam-me a uma multidão de gente, mas é a mim que elas me atingem, que elas ferem mortalmente.

Dizem-me do nojo duma vida, empreendida embora na total liberdade, mas carregada de pequenos e grandes vazios, que se avolumaram e se tornaram o vazio dos que à minha volta vivem efervescentes de palavras, carecidos de gestos, definhados no interior do crer.

O coração da cidade é um convite viscoso. Vem do outro lado desta janela, ao ritmo lento, compassado, indistinto e longínquo. Oiço-o, mas o meu corpo reage negativamente. Os meus sentidos ficaram para sempre presos a esta divisão povoada de morte e medo que é o meu corpo.

Tudo é cansaço nele, e à relatividade de uma vida vem juntar-se esta angústia — única representante desta decomposição lenta que conhece a morte e com ela priva ìntimamente.

Na minha frente os esqueletos dos cigarros são os minutos duma quantidade de horas; as palavras desenhadas no papel a morte no interior delas mesmas — símbolos tangentes dum mesmo tempo, espera linear para a passagem estreita do Nada, divisão irreparável, paragem arrepiante que me conduz à aventura. E neste labirinto de situações estou eu — qual estátua monumental pronta a cair em espiral aos pés da terra.

Um grito das entranhas do mundo chega-me vindo de qualquer lado. Há nele o odor da morte, do sofrimento, da opressão, do abandono forçado da humanidade inteira. Um fio de música, branco, limpo, fino e frio acode às gargantas s e c a s que espreitam à superfície da terra. E ninguém às gargantas secas que espreitam à superfície da terra. E ninguém o sente. Ninguém se indigna, tudo passa, tudo se queda, tudo espera uma transformação, uma simples aparição.

Vegetam agora nos espaços siderais pequenas manchas brancas. É o dia que desponta e me envolve. Vejo nele a tua imagem-vida. Ela confunde-se neste misto de beleza e dor. Os teus braços erguem-se para um céu inexistente, clamando à biósfera a tua presença.

Enterro-me definitivamente na noite brancaque invade progressivamente os espaços da minha alma, e cala a minha voz rouca, e amputa os meus gestos gastos. Tudo nesta sala rememora a noite, a morte, o instante simples e puro, angustiante e fecundo de sentido, que nos acompanhou. A manhã invadiu a humanidade. Um grito a furou. O pássaro deixou no amanhecer um pedaço de esperança. A humanidade espera sentada do outro lado do mundo. Ela salvar-se-à através de ti. A morte não é mais que um instante que precede o amor. Este triunfará

Helder de Sousa

NOVIDADES **PRELO** PARA DEZEMBRO

URBANO
ESCREVEU OS TEXTOS

GAGEIRO
FOTOGRAFOU

ESTA ESTRANHA LISBOA

repertorio para um teatro actual 9

A MÃE
de
STANISLAS WITKIEWICZ
e
O PROCESSO DO ESPECTÁCULO ANULADO

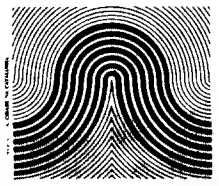
Tradução:
JOSÉ PALLA E CARMO

Prefácio e organização do volume:
LUIZ FRANCISCO REBELLO

Notas de encenação:
ARTUR RAMOS

MATAI-VOS UNS AOS OUTROS
(4. edição)
de JORGE REIS
PRÉMIO CAMILO CASTELO BRANCO

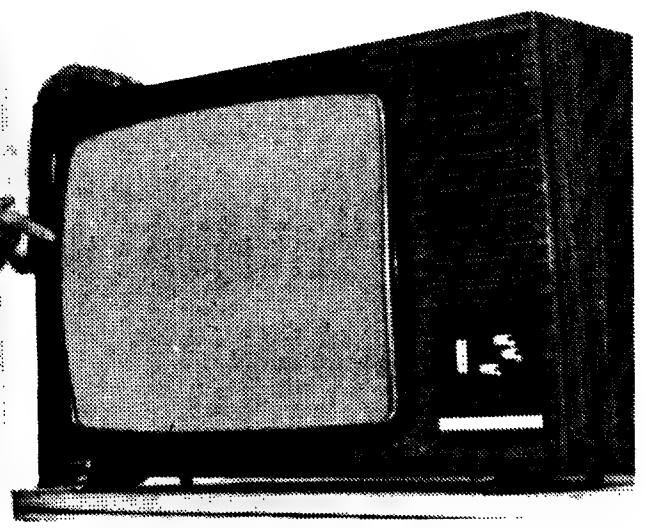
ANTONIO A. SALES
BARCELONA CIDADE NA CATALUNHA



BARCELONA CIDADE NA CATALUNHA
de
ANTONIO A. SALES JR., S. AUGUSTO SALES

TELEF. 361545

os especialistas é que sabem!



GRUNDIG não é apenas uma marca;
é uma técnica estudada e conseguida
na construção de televisores,
que justifica a preferência
dos que confiam nos especialistas
e explica o porquê da sua longevidade ...
Construído de dentro para fora
— o seu «coração»
é garantia de qualidade e duração!

GRUNDIG

TELEVISORES · HI-FI · RÁDIOS · GRAVADORES

ACERCA DE "PROJECTO DE UMA REVOLUÇÃO EM NOVA YORK"

Por ROGER SHATTUCK

Alain Robbe-Grillet

Durante pelo menos um século, a maior parte dos novelistas franceses têm sido pintores desapontados e detectives ambiciosos. É uma situação natural no país que produziu a Escola de Paris, que vai desde Manet e Cézanne e inclui o pós-Impressionisno, e onde a mãe de um romancista pode ter sido assustada por Poe ou Dostoievski durante a gravidez. Nos nossos dias, esta dupla orientação do romance francês parece estar a dar frutos estranhos.

Um clamoroso grupo de jovens escritores franceses de ficção começou a limpar a casa. Afirma ter-se desembaraçado do realismo, do carácter, das personagens imaginárias identificáveis, do tempo como o método essencial da narrativa linear, e mesmo do significado. Durante alguns anos, o mundo visual dos objectos, da natureza-morta verbal, pareceu atraí-los mais do que qualquer outra coisa. Então, alguns deles começaram a caminhar às apalpadelas em direcção a um nivel quase vegetável de consciência. Outros, acompanhando uma tendência das ciências sociais, montaram cuidadosa vigilância das formas modernas de mito como maneira de transcender o tempo e detectar estruturas livres e sincrónicas. É esta a sua terra prometida.

Semelhante descrição é demasiadamente generalizada para fazer justiça aos mais intransigentes dos novos romancistas franceses, tais como Alain Robbe-Grillet, Claude Simon, Claude Ollier e Jean Ricardou. Depois da pura pintura, depois da pura poesia (um conceito durante muito tempo debatido pelos simbolistas), oferecem-nos agora o puro romance. Em vez de retratar a realidade ou a experiência, esta forma de ficção descreve-se principalmente a si própria e representa relações interiores numa estrutura auto-reflexiva. Ninguém reivindica geração espontânea. Há muito tempo, Lewis Carroll escrevia histórias que se transcendem. Jarry e Kafka, Roussel e Joyce sabiam que escrever é um jogo de construção, e não o transportar simplesmente um espelho ao longo de uma berma de estrada. Tal como pessoas de confiança com miolo, trabalhavam sós. Actualmente, temos um grupo dedicado e distinto de jovens escritores que parecem decididos a eliminar, para sempre, as tradicionais unidades e convenções humanas da novela.

Porém, a natureza — mesmo a sua natureza — tem aversão a um vácuo. Sem enredo e personagem, o que preencherá o espaço? Robbe-Grillet descreve o trabalho de Roussel como uma gaveta, aborrecida e difícil de abrir, finalmente vazia. E, contudo, não é realmente assim. O novo romance está cheio de si próprio, cheia da maquinaria da sua própria composição e decifração. Ora, este género de literatura emaranhada e encerrada em si mesma é portador de poderosos efeitos. Pensemos em Sterne, Poe e Borges. Pode cercar-nos com o terror de acontecimentos inexoráveis. Pode criar um magnífico sentido cómico de como as coisas acontecem ao mesmo tempo inexplicável e lògicamente. A escritora que domina e ultrapassa estes elementos com a maior subtileza é Nathalie Sarraute, a primeira dos novos romancistas e a menos típica. Parece escrever através do bigode de um gato mantido delicadamente no seu lugar para sondar o cristal dos nossos pensamentos inconfessados. Em muitos outros autores, porém, a maquinaria não é divertida nem medonha, apenas mecânica.

Se os novos romancistas conseguirem estabelecer uma nova teoria e prática do romance, serão responsáveis pelo alargamento da estética da história da carochinha. Não é minha intenção fazer uma censura. Não existe qualquer conjunto de dados que nos proíba de escrever e de ler uma narrativa nos moldes de um jogo de xadrez quadridimensional. Todavia, ninguém demonstrou ainda que o romance tradicional de Balzac e de Dickens é inferior (por ser cronológico) a formas novas, ou mesmo obsoleta (por ser burguesa). Há ainda um outro factor a considerar neste aspecto. A fotografia ajudou a afastar a pintura do realismo **trompe l'oeil**; não é claro qual o efeito que o filme, com a sua flexibilidade temporal e visual, terá sobre o romance. Poderia muito bem contribuir para que esta regressasse às formas lineares e convencionais de narrativa. Essa negociação está a acontecer neste preciso momento.

O mais recente destes novos romances, «Projecto de uma Revolução em Nova York», é o quinto de Robbe-Grillet. Na cena há quase 20 anos, ele tornou-se o principal representante da nova escola através dos seus romances, ensaios (os quais são tão claros e coerentes quanto a sua ficção é confusa) e filmes. O primeiro e mais famoso dos filmes é um elegante e frequentemente gracioso problema intitulado «O Ano Passado em Marienbad». Depois de o vermos, pensamos que o sonhámos. Robbe-Grillet atraiu igualmente um impressionante cortejo de críticos e comentadores. Muitos deles, tais como o americano Bruce Morrissette, continuam a divulgar os seus supostos projectos — as cartas de Tarot, o mito de Édipo, a historieta de Moebius, séries e conjuntos matemáticos. Talvez um romance esvaziado de conteúdo encerre todas as formas. Leonardo disse aos pintores para olharem fixamente as manchas grandes na parede. Não se pode negar a fascinação das criações de Robbe-Grillet desde que se aceite a equivalência ou ausência de todos os valores humanos. Nas suas ficções, a violência, a depravação e a falsidade não têm qualquer dimensão moral. O autor pede-nos que observemos o puro jogo dos acontecimentos.

No último romance, não há uma acção de conjunto susceptível de ser resumida. Robbe-Grillet narra uma sucessão rápidamente vacilante de incidentes construídos à volta de duas raparigas convencionalmente «sexy», Laura e J.R.. Ambas têm múltiplas identidades e disfarces. Em cada um dos lados destas duas mulheres frequentemente violadas, distinguimos gradualmente uma série de personagens masculinas mùtuamente relacionadas. Um conjunto, cujos nomes principiam na sua maioria pelas letras M e W, é contituído por atacantes-admiradores. O seu rasto conduz ao narrador, o qual, por vezes, condescende em dizer «Eu». Precisamente do outro lado paira o próprio autor, que pode ser qualquer pessoa. O outro conjunto começa com um desonesto detective privado, Ben-Said, que tem uma materialização «verdadeira» e uma «falsa». Mais tarde, ele surge por detrás da máscara de borracha do serralheiro-**voyeur**. Este artífice, que se desloca em biciclete, chega a tempo de se ocupar de todos os buracos de fechadura e é, naturalmente, um extra para o leitor e um **«estranho nesta história»**. Todavia, não deixa de vaguear ao longo dela. A despeito de toda a sua simetria autor-leitor, este elenco de personagens bidimensionais confunde, mesmo que tentemos não nos perder.

O título dá-nos algumas sugestões meio irónicas. «Projecto» sugere a natureza temporária de todas as coisas narradas detalhadamente, e também a possibilidade de que tudo seja uma projecção — apenas mais um filme. Vejamos a frase de abertura: **«A primeira cena passa-se muito depressa»**. «Revolução» refere-se quer a uma conspiração secreta cujo objectivo é derrubar e destruir, quer ao regresso dos corpos e à repetição dos acontecimentos através do movimento circular. Nada acontece uma única vez. «New York»? Qualquer residente dessa cidade se rirá à socapa das bombas de incêndio, fechaduras e fios eléctricos franceses transplantados para Manhattan. O narrador vive em «West Greenwish» e utiliza o «Madison Subway». Porém, Robbe-Grillet admite estas discrepânnias e incorpora-as na sua ficção. Ao falar de Hong Kong no seu romance anterior, afirmou que qualquer semelhança da sua descrição com a verdadeira cidade era pura coincidência. Estamos na presença, convém não esquecer, de um puro romance jamais determinado pela realidade externa.

Numa análise detalhada da abertura de «Projecto de uma Revolução em Nova York», Jean Ricardou demonstrou como a cena percebida ou imaginada pelo narrador nas listras de verniz de uma porta se transforma numa cena real-imaginária ansiosamente observada por todos através de uma abertura gradeada da mesma porta. Quase imediatamente esquecemo-nos da porta (o nosso condicionamento para nos submetermos à corrente da narrativa é muito profundo) até que somos forçados a lembrarmo-nos dela três páginas depois. A construção estilo mosaico do texto, sublinhado por palavras como «cortar» e «tornar a filmar» entre sequências, não é gratuita. O engodo da narrativa aparentemente interrompida reside na sua aura de relações não divulgadas, de um código para quebrar.

Uma solução seria a história ser contada por um maníaco obcecado pela cor vermelha, associada na sua mente a assassínio e fogo posto. Por outro lado, o livro pode não passar de um **puzzle**, composto de peças recortadas e dotado de um código de cores para os viciados, mas sem uma figura quando resolvido. Consideremos uma passagem.

O narrador encontra-se no subterrâneo do metropolitano, numa arcada ou galeria situada a um nivel muito baixo cheia de luzes de **néon**, gente movendo-se lentamente e montras bizarras:

«No conjunto, velhos e novos possuem uma característica em comum, que é a excessiva diminuição de velocidade de todos os movimentos, cuja decomposição afectada nalguns, cuja extrama letargia noutros, fazem temer uma paragem completa e final. E tudo, além disso, é notàvelmente silencioso: nem gritos nam palavras ditas demasiadamente alto, nem barulho de qualquer espécie perturba a atmosfera encapotada e almofadada, quebrada ùnicamente pelos ruídos das alavancas de comando e os estalidos secos de sinais marcados em aparelhos de gravação.»

O parágrafo seguinte diz-nos que é o som de **slot machines**. Todavia, o começo do parágrafo e a descrição meticulosamente neutra do som sugerem que o que estamos a observar é um filme em câmara lenta e que aquilo que ouvimos é o projector. A cena, juntamente com muitas como ela, revela o livro.

O elemento coesivo neste

Continua na página onze

CINEMA

DOIS MESES DEPOIS, O PADRINHO

TÍTULO: O Padrinho («The God father»)
REALIZADOR: Francis Ford Coppola
INTÉRPRETES: Marlon Brando, Al Pacino, James Caan
ESTREIA: 24 de Outubro

O que me tinham dito: a grande figura é a do filho mais novo, Michael, que depois se torna o novo Padrinho.

Quer dizer que o filme se inicia no topo duma curva descendente até ao momento do regresso de Michael à América, em que nova curva se desenha, a subir, até ao novo topo, equivalente ao primeiro.

Assim, quando o título aponta um nome e um lugar (o padrinho; o ser-padrinho), designa um nome e um lugar a ocupar, porque o seu proprietário, Don Vito (Marlon Brando), entrou em crise, é um homem vulnerável (atacam-no, ferem-no), conciliador, sereno. Que o filme erga uma imagem, e depois a relativize (o atentado), é um movimento de **decepção** que se provoca no público para melhor preparar o salto seguinte, o de Michael. Moral da história: o lugar do poder transfere-se de herói para herói; um obscuro destino marca os heróis, segundo a fórmula tradicional «menos-mais»: o **menos** violento, o **menos** ligado à família, o **menos** siciliano, é o **mais** capaz de tomar o lugar.

Este lugar teológico (Deus-pai) que alguém desocupa e outro ocupa, somos nós que **imaginàriamente** o ocupamos ao longo de todo o filme.

Primeiras imagens: um rosto insignificante destaca-se sobre um fundo escuro; é alguém que vem pedir justiça e auxílio; alguém que nos fala sobre a América; alguém que afinal não é a nós que fala, mas a outro **que ocupa o nosso lugar**, ao Padrinho, e que o escuta. Em seguida, é o rosto do Padrinho, a sua voz flácida, que encontramos, desenhada ainda sobre o fundo negro. Pouco a pouco, os contornos do ambiente surgem e um plano coloca este diálogo «íntimo» no meio dos outros que também estão presentes. O processo de heroicização do Padrinho está feito, a imagem inscrita no seu peso mítico.

O que o filme faz é tentar **humanizar** Don Vito. A cena da sua morte, quando ele brinca tranquilamente com o neto, e finge coisas, até «fingir» a própria morte real para a criança que a julga ainda em fingimento, é o ponto máximo dessa humanização, que está ligada com o avivar das imagens sicilianas e com o tom nostálgico das melodias no casamento. Em relação a Michael, o processo é inverso: quanto **mais** herói, **menos** humano. Todo o filme nos fala da sua iniciação através de várias provas decisivas: o atentado contra o pai; a humilhação sofrida frente a um chefe de Polícia vendido aos adversários; a forma como no hospital organiza a defesa do pai; o duplo crime que corajosamente comete no restaurante; a fuga para a Sicília (o retorno às origens, à força primitiva); a morte da primeira mulher.

Se a figura do Padrinho pertencesse no filme apenas a Don Vito, nós teríamos de a ver sempre de fora. Mas não acontece assim: inicialmente, o espectador está com Michael, que é a personagem simpática, a única que tem uma vida afectiva que nos toca, aquela de quem estamos mais perto. E estar com ele é acompanhá-lo nas várias provas que constituem o apelo a que Michael responde: ser Padrinho, acorrer ao chamamento que o destino lhe faz. Assim, nós acompanhamo-lo no seu tornar-se Padrinho, nós tornamo-nos com elel o Padrinho, nós ocupamos o lugar que a velhice de Don Vito abandona: ser Deus-Pai está ao nosso alcance, e o poder destina-se aos que sabem ser heróis como nós-Michael. Lentamente, Michael torna-se um estranho para nós: não sabemos bem que razões o movem. Mas nisso mesmo ele nos fascina: é o desconhecido em nós recalcado que nele emerge; é o nosso inconsciente desejo-de-poder que nele se diz.

Que o filme fracasse em certas sequências demasiado arrastadas ou repetidas. Que o filme aqui ou ali nos dê a sensação ao demasiado visto. Que a violência seja ali um cartaz extensivo cujo exagero nos desagrada. Que os fios que accionam todo o mecanismo da obra sejam extremamente visíveis — está certo. Mas não importa. O que conta é a extremamente hábil conjunção de elementos de efeito garantido. São os valores em jogo: a ideia de família como instituição ultra-hierarquizada e ultra-conservadora; a ideia de raça como cimento ideológico; a ideia de terra (a Sicília) como origem e luz (registar a oposição cenas claras/cenas sombrias, paralela à oposição Sicília/América). É também a sedução que nos provocam todas as instituições paralelas contra-sociedades que se modelam segundo os esquemas da própria sociedade que contrariam. É também o tema da vingança (olho por olho, dente por dente), forma de comércio primitivo (o que implica a constante destrinça entre o que é negócio e o que é pessoal), e que constitui para nós um motivo tranquilizante: há uma justiça que paga o mal pelo mal, há uma ordem que se conserva pela constante neutralização do mal, isto é, de todas as tentaivas para a alterar. De tudo isto vive o filme de Coppola.

Segundo o realizador declara, o filme foi um trabalho de encomenda, feito a custo, lutando contra o tempo: «A princípio pensei que só tinha duas horas. E eram tantas as obrigações. Tinha de meter toda a sequência do produtor de Hollywood. Detestava toda a sequência de Hollywood, mas tinha de a fazer, pois tinha de cortar a cabeça desse estúpido cavalo. Tinha de fazer isto e aquilo. E depois de ter feito o que tinha a fazer, já tinha gasto o filme todo. Portanto, nunca tive tempo de fazer algumas das coisas que queria.»

Declarações bastante elucidativas sobre o modo como **O Padrinho** foi concebido, e sobre a forma como o devemos receber. Estamos perante um mecanismo que às vezes funciona, e ao qual nem sempre somos sensíveis. Mas sabemos que a nossa liberdade de espectadores foi trocada, num tráfico miserável, por algumas horas de satisfação de desejo-poder. É, como diria Godfather, «uma proposta que se não pode recusar». Talvez. Mas aí começa a chantagem, porque aí morre é o próprio prazer livre que o cinema deve ser: a liberdade de olhar e de pensar que o Padrinho não nos concede.

EDUARDO PRADO COELHO

DL/ SUPLEMENTO LITERÁRIO

QUEM DEFENDE A ARTE PORTUGUESA?

● Por

VÍTOR MANUEL SERRÃO

A imprensa estrangeira tem vindo a relatar nos últimos tempos, as pilhagens e vendas ao desbarato, de obras de arte, que se vão verificando por esse mundo. Ainda não há muito, fez escândalo o sucessivo desaparecimento de duas tábuas de Giovanni Bellini, da Basílica de São Pedro e São Paulo, em Veneza, e de um quadro de Ticiano, da Igreja de Pieve di Cadora (Alpes Venezianos). Os quadros dos grandes mestres constituem, como é fácil imaginar opíparo chamariz para obscuras transacções em que mergulham negociantes de antiqualha e grandes coleccionadores... No centro da própria Paris, na Igreja S. Nicolas-des-Champs, foram roubados vinte painéis do século XIV, figurando a «Vida e a Paixão de Cristo». E ainda não há muitos dias desapareceu da Igreja de Castel Franco Veneto, em Itália, um famoso quadro de Giorgione (1510).

Estes exemplos já por de mais conhecidos, são bem significativos de um fenómeno a que urge pôr cobro. Em Portugal, também os rapinadores não têm sido menos modestos que os seus colegas de ofício franceses e italianos. Antes parece que as suas criminosas actividades desafiam as próprias autoridades competentes.

Referiu-se, recentemente o pintor João Paulo de Abreu e Lima ao desaparecimento de painéis, atribuídos á escola de Gregório Lopes (o grande pintor de D. João III) e pertencentes á Igreja de Queimada (Lamego) e ao Convento de Almoster (Santarém). Mas nada mais, que se saiba, foi a voz de protesto na nossa Imprensa...

A antiga pintura portuguesa tem vindo a sofrer autênticos atentados motivados pela incúria dos homens, pela ignorância ou desleixo de uns, pela exploração criminosa de outros. Além das repintaduras dadas aos quadros, ao longo dos tempos, no sentido de os «arranjarem» e «actualizarem» (!?), foram sujeitos a roubos, pilhagens e vendas ao desbarato, que evidentemente mais enfraquecem o património nacional, já de si limitado em números e valores.

Encontrando-me, há largos meses, a efectuar um inventário de toda a pintura maneirista (2.ª metade do século XVI) existente em Portugal, como tema de dissertação e licenciatura, pude avaliar vários destes lamentáveis casos, e que são, apenas, alguns exemplos entre muitos.

«Calvário», tábua quinhentista, proveniente de uma capela do termo de Faro. Pertence actualmente a um antiquário algarvio, onde foi fotografada.

«Aparição de Cristo aos Apóstolos». Esta tábua, atribuída por Luis Reis-Santos a Garcia Fernandes (c. 1530), pertencia à capela de Nossa Senhora dos Remédios, em Alfama, onde já não se encontra...

FACTOS COMPROVADOS

Elaborado em 1953 o «Inventário Artístico de Portugal (Distrito de Coimbra)», da autoria do reverendo Nogueira Gonçalves, registava na Igreja Matriz de Torres do Mondego (concelho de Coimbra) a existência de uma pintura sobre madeira, do século XVI, figurando o «Baptismo de Cristo». Já lá não está.

O «Inventário do Distrito de Leiria» (1955), de Matos Sequeira referia que na Igreja Matriz de Serra d'El-Rei (concelho de Peniche) existiam três painéis em madeira de carvalho, medindo 1,20 m. de alto por 0,57 m. de largura, figurando o «Pentecostes», «S. João Baptista» e «S. Sebastião». Segundo informações que obtive, há memória ainda desses quadros que, estando «muito estragados» e «carunchosos», foram trocados pelo prior de então (há uns seis anos) por imagens e paramentos, «para beneficiar a Igreja».

A pintura quinhentista figurando «S. Martinho, Santa Luzia e Santa Catarina» (de predela?), existente na Igreja Matriz de Montelavar (concelho de Sintra), registada há cerca de 8 anos, aonde foi parar? O quadro da «Visitação», do meado do século XVI e do Mestre de São Quintino, que existia na Igreja de São João das Lampas (concelho de Sintra), com que direito se encontra actualmente na posse de uma colecção particular da Alemanha?

Luís Keil, que em 1943 elaborou o inventário distrital de Portalegre, registava na Igreja Matriz de Seda (concelho de Alter do Chão) seis painéis de madeira no Altar do Senhor Morto (lado do Evangelho). Já lá não estão, nem o prior (que ocupa o cargo desde 1957) delas tem memória. A mesma fonte indicava, na capela-mor da Igreja Matriz de Chancelaria (concelho de Alter do Chão), quatro pinturas quinhentistas. O prior (que é o mesmo de Seda) não sabe dar conta deles.

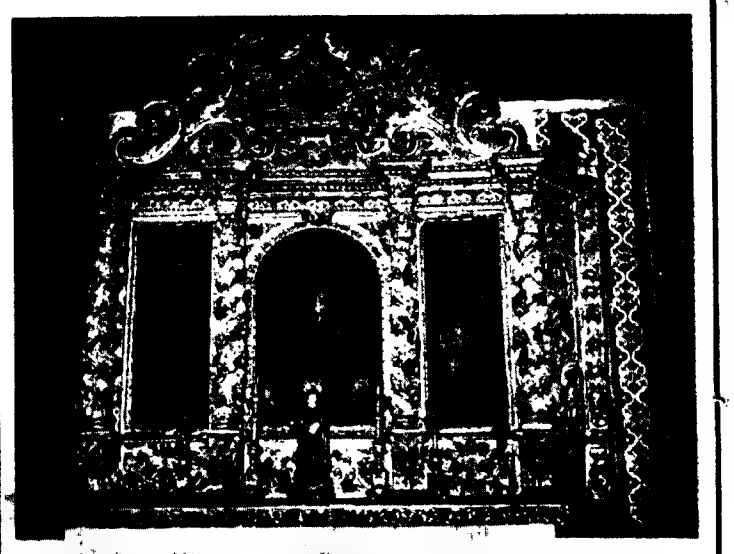
SANTARÉM

A fonte que temos para este distrito é o «Inventário Artístico de Portugal (Distrito de Santarém» de Matos Sequeira (1949). A grande tábua figurando o «Calvário» (1,30 x 0,87 m), que existia na Igreja Matriz de Martinxel (Abrantes), desapareceu. Parece que era já de meados do século XVII; nem por isso, contudo menos digna de estudo e preservação. A igreja foi reconstruída há alguns anos, perdendo-se então, decerto, o rasto do quadro.

Na Igreja Matriz de Carregueiros (concelho de Tomar) existia um deteriorado retábulo do século XVI, sobre o arcaz da sacristia. Já lá não está.

Na Capela de Santa Luzia, em Peralva (freguesia de Paialvo, concelho de Tomar), Matos Sequeira registou duas tábuas figurando os «Quatro Evangelistas», do princípio do século XVII. Segundo me informaram, há cerca de dez anos os quadros teriam caído da parede, ficando

«Visitação» (meados do século XVI), atribuível ao Mestre de S. Quintino, continuador de Gregório Lopes. Esteve na Igreja de S. João das Lampas (Sintra) e pertence actualmente a uma colecção alemã. Por que caminhos foi levada esta tábua?



Tríptico do final do século XVI, encaixilhado num altar de talha barroca que estava na ermida do Desterro, de Pontével, e cujo paradeiro se desconhece.

O AUTOR

Vítor Manuel Serrão tem 20 anos e é aluno da Faculdade de Letras de Lisboa. É sócio efectivo do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia e colaborador do Grupo para o Estudo do Paleolítico Português. Prepara actualmente uma tese de licenciatura sob o tema «A Pintura Maneirista em Portugal», sobre a qual publicou já alguns estudos críticos: «A Pintura Maneirista em Santarém» (1971); «Os Painéis da Igreja de Unhos. Séculos XVI e XVII» (Boletim de Junta Distrital de Lisboa, n.ºs 73 e 74, 1971); e «Novas Tábuas da Escola de Diogo Teixeira» Arquivos do Centro Cultural Português, vol. IV, Paris, 1972).

em mau estado, tão mau, que o então prior, a pedido de um antiquário, os trocou...por dois andores!

Na Igreja da Misericórdia da Golegã existiam em 1949 dois altares «com fraca pintura em tábua do século XVII». Qual o seu actual paradeiro? Na vila não me souberam informar. Ignoravam até a existência desses quadros.

Na Capela de Nossa Senhora do Desterro, de Pontével (concelho do Cartaxo), existia um tríptico do final do século XVI figurando um «Pentecostes», a «Ressurreição» e a «Ascenção». Há alguns anos demoliram a capela (uma pequena jóia da arquitectura manuelina). Em princípio, o recheio artístico desta deveria recolher-se na Igreja Matriz. Uma outra tábua da «Ressurreição», proveniente da Capela, bem como outras interessantes peças, encontra-se ainda no templo. Mas, do tríptico, nada se sabe. E o caso é tanto mais grave quanto, a crermos na opinião de Matos Sequeira, o tríptico de Pontével era uma obra de categoria.

Já me referi, algures, ao desaparecimento do quadro figurando «São Vicente», tábua que existia, ainda não há muito na Igreja Matriz de Abrã (concelho de Santarém). Actualmente não se sabe onde pára.

Como se permitiu que no retábulo da Capela de Nossa Senhora de Sant'Ana do Mato (concelho de Coruche), se inutilizasse bárbaramente o painel central, ao qual apuseram, após raspado, uma tela de simples curioso do século passado («São Miguel e as Almas»)? Dos painéis laterais, só restam duas tábuas da aba esquerda, tendo-se

«Natividade», uma das quatro tábuas da Escola de Gregório Lopes (c. 1540) que o convento de Almoster possuia. Os «pendants» encontram-se numa colecção particular de Lisboa (!...). Quanto à pintura que a gravura documenta, essa, perdeu-se.

extraviado toda a aba direita. Não existem já na Igreja Matriz de Cardigos (concelho de Mação), os «primitivos» que lá existiam.

MEDIDAS URGENTES

Chamo a atenção para o facto de estes exemplos dizerem respeito apenas a áreas do País de que há monografias, guias ou inventários publicados. Para as restantes, nem sequer pode haver controle para os roubos, visto não haver arrolamentos (mesmo que incompletos) a atestarem a possível existência de quadros antigos. Estão neste caso, infelizmente, todo o Norte, a Beira Alta e o Algarve. Não vai longe o tempo em que veio a lume na imprensa, a notícia da venda, por um pároco duma capela em Abreiro (Miranda), de um tecto pintado com os «Doze Apóstolos». Não posso, contudo deixar de chamar a atenção para o impecável «Inventário do Concelho de Évora», criteriosamente levado a bom termo, com rara competência, pelo historiador de arte Túlio Espanca. Inventários como os de Evora (em breve sairá o do Distrito) desencorajam os traficantes de obras de arte.

Mas a lista de rapinas não fica por aqui. De vários altares do Convento de Almoster, desapareceram também (tal como os já referidos quatro painéis da capela-mor, actualmente em poder de um particular de Lisboa), mais algumas pinturas, como uma predela figurando «Três Jesuítas», inventariada por Matos Sequeira em 1949, ou um dos quadros superiores do altar de Nossa Senhora, pintado por Diogo Teixeira por volta de 1600. Num antiquário algarvio existia em Setembro de 1972, além de outros objectos muito interessantes, uma tábua do «Calvário», do fim do século XVI, que provém de uma capela algures no termo de Faro.

E de quem é a culpa?

De alguns párocos pouco cultos, que ignorantes das riquezas artísticas que os seus templos possuem, são muitas vezes, na sua boa-fé, enganados por negociantes sem escrúpulos.

Do ingénuo povo que só vê nos objectos artísticos das suas paróquias ou capelas ícones venerandos do seu piedoso culto.

Dos inventariantes que não registam nos seus levantamentos todos os elementos artísticos dos templos, no caso da pintura o tema, suporte, dimensões, época, valor, foto, tudo enfim que ajude a encontrar esses quadros no caso de extraviados (e que bem ajudariam nos casos de Seda, Chança, Peralva, Abrã, Torres do Mondego, Pontével, Queimada, Martinxel, ou Almoster).

De alguns negociantes de antiqualha que perante nada recuam para satisfazer a sua desmedida ambição.

De autoridades que não sabem proteger os objectos que de alguma maneira representem a cultura artística do País.

De vários insaciáveis coleccionadores que recolhem espécimes ocultando as suas proveniências (elemento tão importante no caso de identificação documental dessas obras).

De entidades paroquiais que, retirando do culto os antigos quadros ou imagens em vez de lhes darem lugar de honra nas Igrejas (em pequenos museus de arte sacra, como, por exemplo, o de Vila do Bispo, no Algarve), os «enterram» em dependências que não lembra ao demo, seja em buracos atrás do altar-mor, em gavetas ou armários, em escuras e húmidas salas de despacho, dificultando assim o trabalho dos críticos e convidando ao roubo. De largos exemplos que poderia dar, para este último caso, limito-me a registar os oito excelentes quadros do Mestre de São Quintino, que identifiquei há tempos na Igreja Matriz de Unhos, não muito longe de Lisboa, e que neste momento apodrecem na húmida arrecadação da torre do templo.

Cumpre agir rápido. Preservar a Arte de um País é um dever nacional. Doa a quem doer.

donda com duas colunas.

No altar do Senhor Morto, existe um retábulo com seis painéis, pintado em madeira, do século XVI, em completa ruina. No outro altar está uma imagem da *Virgem com o Menino*, escultura em pedra policromada, datada de 1576, e medindo de altura 1,15. Num dos altares do lado da Epístola, existe uma imagem

sepulturas rasas, com as armas dos Ataides — escudo partido, com três barras no primeiro, e no segundo, esquartelado, faixa e leões (séc. XVII).

Há ainda, de um retábulo de pintura a óleo sobre madeira de carvalho, três tábuas, medindo 1m,200 de alto, por 0m,570 de largo, representando o Pentecostes, São João Baptista e São Sebastião. Estão muito deterioradas. A pintura deve ser do séc. XVII.

Registaram-se também, um Prato de cobre, com Adão e Eva, no fundo, e o habitual

do final do século XVI, com cunhais de cantaria rematados por pirâmides e cúpula afunilada, sobreposta por um catavento de ferro forjado. Nas paredes exteriores da igreja, conservam-se ainda, embora deterioradas, algumas cruzes da Via Sacra, em azulejo do século XVII. Na capela-mor estão quatro painéis, do século XVI, muito repintados e sem valor artístico. No corpo da igreja, encontra-se a sepultura de Manuel Pires Rebêlo, capitão-mor da Vila, falecido em 1744.

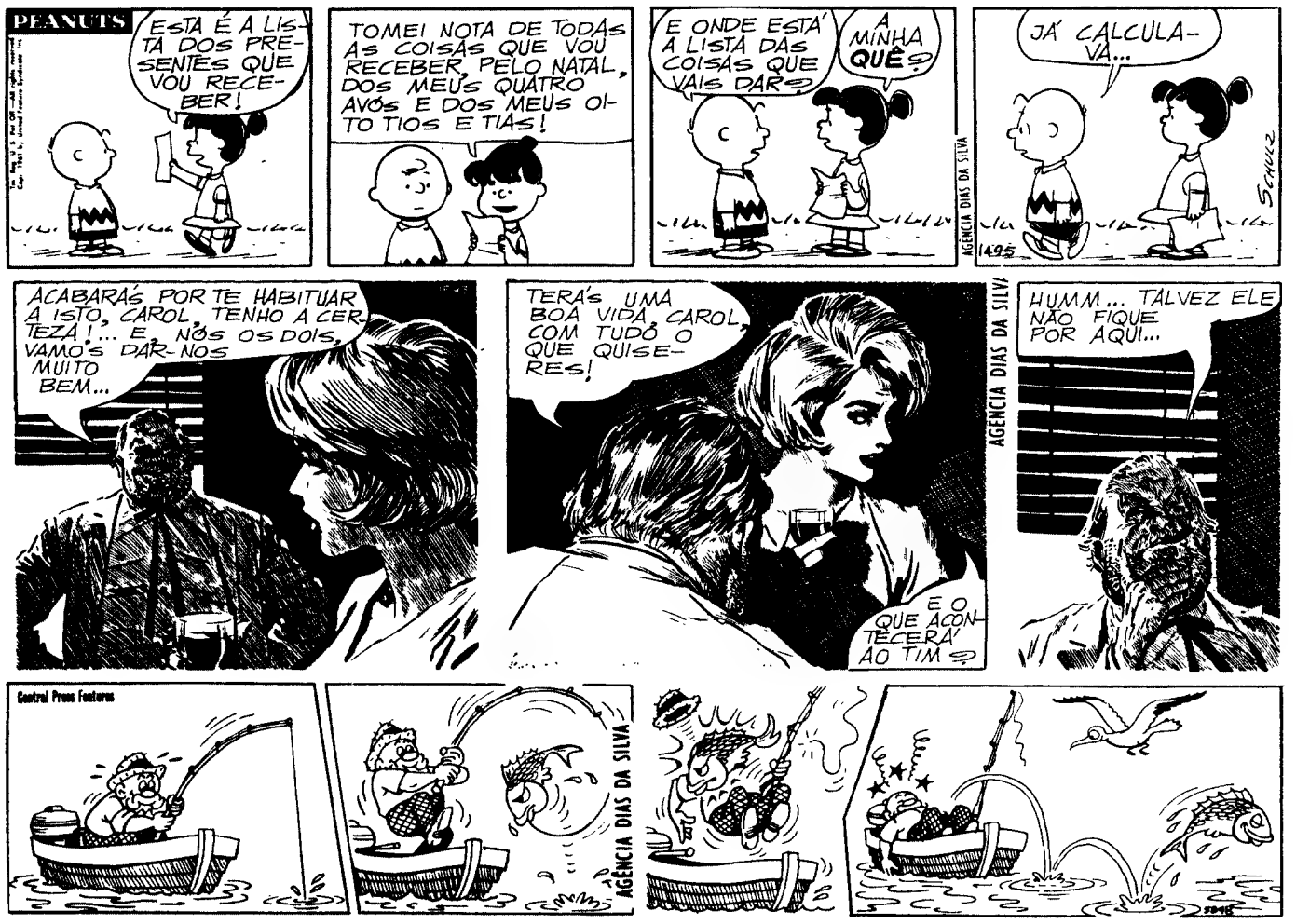
O estado de conservação é regular.

Assim refere o «Inventário Artístico de Portugal» algumas obras desaparecidas.

EXPOSIÇÃO DE OBRAS FUTURISTAS

Duas jovens contemplando alguns dos quadros que figuram na exposição «Futurismo 1909-1919», montada na cidade inglesa de Newcastle. Em Janeiro passará a ser apresentada em Edimburgo (Escócia), formando parte dos actos organizados nesta cidade para comemorar o ingresso do Reino Unido na Comunidade Económica Europeia. Esta exposição é a primeira tentativa que se faz, em sessenta anos, para mostrar na Grã-Bretanha as actividades dos futuristas italianos de uma forma completa. Nela figuram obras de numerosos artistas e escritores que, inspirados por Marinetti, proclamaram um novo dinamismo artístico em 1909 e criaram um estilo seguido por muitos.

PEANUTS® **By Charles M. Schulz**

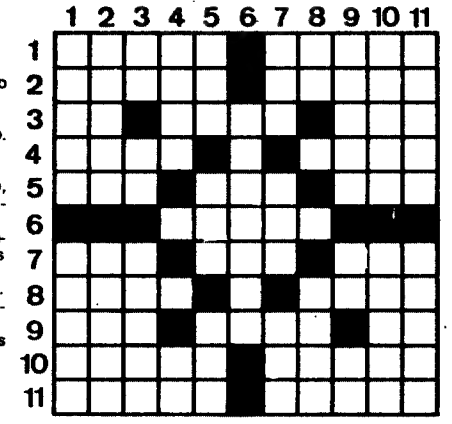


PASSATEMPOS

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 10294

HORIZONTAIS:

1 SUINO. Nome de peixe.
2 Lavrais. Engordurar.
3 Rado (s.q.). Ratem. Sufixo que designa pequenez.
4 Movo os remos. Acreditar.
5 Estime. Animal doméstico. Pega.
6 Sujo.
7 Língua do grupo tibetano, falado ao N. do Tibete. Arara. Peneira em furos.
8 Porção de peixe que se vende em leilão. Quadrúpedes ruminantes.
9 Anel. Abrir. Artigo definido.
10 Crescido. Espécie de forragem (Bras.).
11 Serra de Portugal. Nós dos dedos.



VERTICAIS:

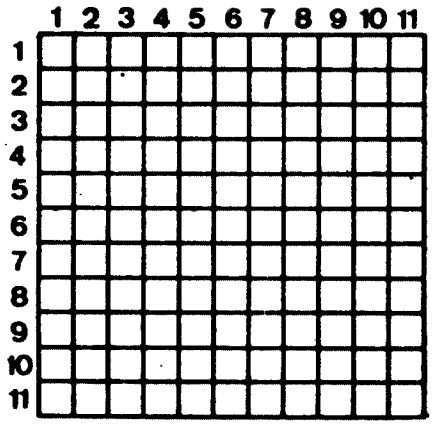
1 Folha de videira. Inunda.
2 Enfeitem. Deslizei.
3 Batráquio. Pronome pessoal. Levar à sirga.
4 Ilha do mar Egeu uma das Espórades. Preposição.
5 Sufixo que designa abundância. Filtra. Preposição e artigo definido (pl).
6 Segurar.
7 Ruído. Vã. Donzela de Orleães.
8 O mais. Garbo.
9 Mercado. Preposição e artigo. Átomo.
10 Pequenos barcos de recreio. Instrumento musical.
11 Rezara. Tostas.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6450

HORIZONTAIS:

1 Coberturas. Cidade da Polónia (Silésia).
2 Ferro temperado. Filtro. Patrão.
3 Ave semelhante à pomba. Lavras.
4 Farrapo. Cidade de França.
5 Terreiros em frente ou em volta das igrejas. Nome de planeta.
6 Ilha do arquipélago de Cabo Verde.
7 Patrão. Nome de mulher.
8 Vagueias. Defunta.
9 Cubro de iodo. Origens.
10 Mil e dois em romano. Transpira. Cabelos brancos.
11 Vasilha com asas. Aguço.



VERTICAIS:

1 Missiva. Obstinação.
2 Desperta. Ratas.
3 Dos pólos. Queimava.
4 Mulher chinesa da classe baixa. Poder.
5 Escândio (s.q.). Restos mortais. Apelido.
6 Artigo definido. Estrépito de desmoronamento.
7 Isolado. Saltam. Em partes iguais.
8 Rio da Suiça. Rio da Rússia.
9 Tirania (Fig.). Bebida alcoólica que se fabrica na Índia e na América fermentando arroz.
10 Serena (fig). Maquinismo para tecer.
11 Pronome possessivo. Marcha.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10293

HORIZONTAIS:

1 Quem. Lemas.
2 Troa. Maré
3 Cr. Asse. TEM.
4 Oiã. Ailó.
5 FOME. Repara.
6 Sara. Rol.
7 Rançar.
8 Os. Mios. Sal.
9 Não MM. Pare.
10 Hipno. Maior.
11 Asai. Amora.

VERTICAIS:

1 Foca. SONHA.
2 Rios. Sais.
3 Ut. Amar. Opa.
4 Era. Eram. Ni.
5 Mosa Ânimo.
6 Asir. COM.
7 Elaras. MM.
8 Em. Opor. PÃO.
9 Mat. Al. Sair.
10 Arear. Garoa.
11 Sem. Ar. Ler.

Provérbio: Quem tem fome sonha com pão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6449

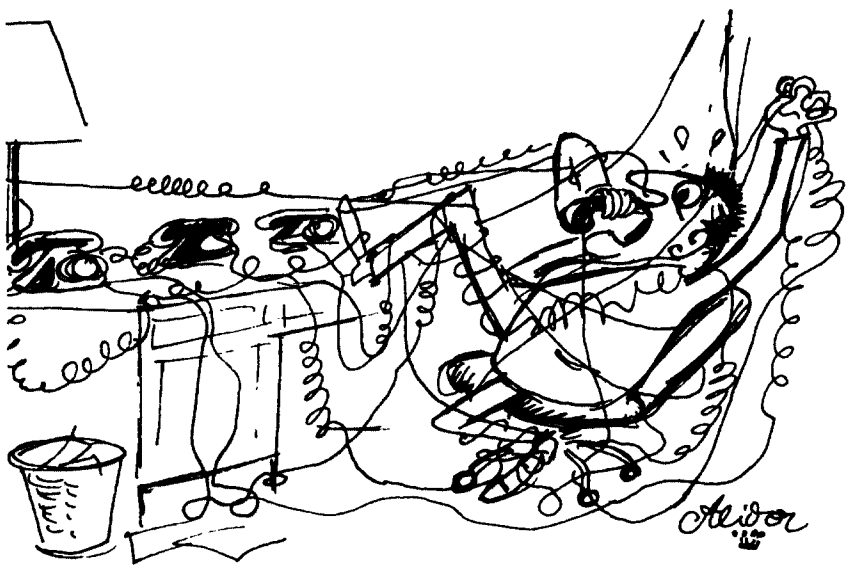
HORIZONTAIS:

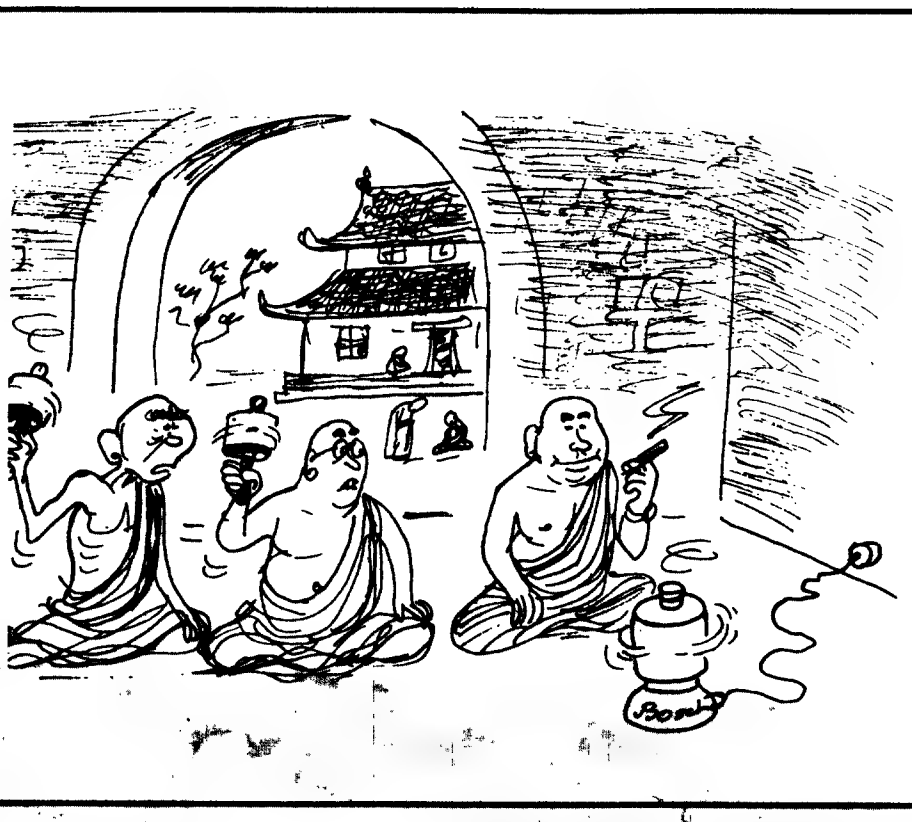
1 Cão. Ota, Ano.
2 Al. Grata. El.
3 Recuara.
4 Maura. Malga.
5 Ótio. Siar.
6 Nua. Ama. Aça.
7 Ar. Eneia. Am.
8 Arni. Reto.
9 Aal. Ora.
10 Roi. Aaa. Pré.
11 Amais. Atoar.

VERTICAIS:

1 Carmona. Bra.
2 Al. Atura. Om.
3 Ruina. Raia.
4 Garo. Ena.
5 Orga. Anilas.
6 Teu. Ume.
7 Atam. Airosa.
8 Aras. Aar.
9 Ala. Taup.
10 Ne. Gamba. Ra.
11 Oleafam. Rer.

SEM PALAVRAS





"Projecto de uma revolução em Nova York"

Continuação da pagina sete

enigma múltiplo é o sentido de interpretação, gravação e projecção de uma série de peças predeterminadas. Tudo acontece como peça, filme, interrogação, livro de notas, apontamento, ilustração de «poster» ou relatório. Muitos destes aspectos são uma espécia de trapaça intramural tolerada, com apartes na direcção da pornografia, ficção policial, os lugares-comuns da ideologia revolucionária, e o próprio novo romance (incluindo Robbe-Grillet). Este elemento cómico nos romances de Robbe-Grillet é pronunciado e usualmente eficaz como um sistema de demolição secundário.

Muitos dos referidos aspectos implicam aquilo a que Oscar Wilde poderia ter chamado uma estética da mentira. Alguém pergunta. Se Laura gosta de mentir. **«Nem por isso. Mas por uma verdadezinha, há milhões e milhões de mentiras, pelo que, para ser franca, ela não o consegue evitar»**. O fluxo e o refluxo dos acontecimentos aqui implicam um caso ainda mais generalizado: Não existe nenhuma verdade, nenhum caso limitativo contra o qual pôr à prova as variantes. Resultado: Todas as afirmações são igualmente verdadeiras e falsas. A actividade de raciocínio e detecção exigidas a cada um, actores e espectadores, não chega a qualquer lado em particular. Limita-se a abrir outras possibilidades especulativas. Os princípios de auto-identidade e exclusão mútua de contradições não prevalecem neste revolucionário país de maravilha.

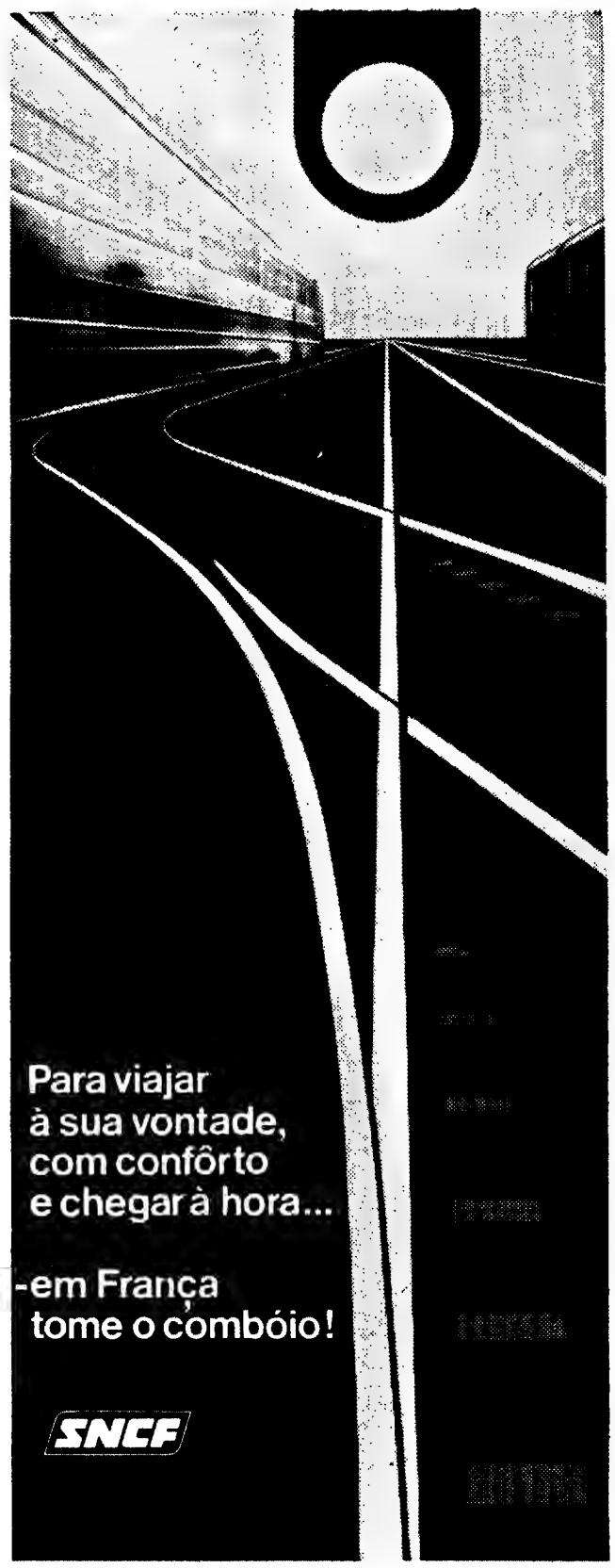
Existe um princípio universal patente nesta e em muitas outras novelas semelhantes. Consigo descrevê-lo melhor como rima. Os pintores rimam as formas e as cores. Os poetas rimam as sílabas terminais, e, por vezes, modos. Robbe-Grillet rima os próprios acontecimentos __ coloca-os dentro ou fora uns dos outros como caixas chinesas, como sons escutados numa galeria acústica. Em «Projecto de uma Revolução em Nova York» uma personagem ou outra é mostrada contínuamente a fazer quase a mesma coisa: subindo as escadas para ver Laura, descendo uma escada de salvação num incêndio. As repetidas sequências no metropolitano de perseguidor e perseguido transformam-se incansàvelmente nelas próprias como imagens de um caleidoscópio. Além disso, o rato e a grade do túnel do metropolitano rimam com o rato e a grade da casa onde Laura se encontra (e não se encontra) prisioneira. A casa, ou a sua imagem de ficção, rima com a fotografia inchada dessa mesma casa num enorme anúncio __ no qual q representação de uma porta acaba por ser uma verdadeira porta através da qual as pessoas passam e através de cujo buraco de fechadura o serralheiro espia. E assim por diante. Os poetas, de Hugo a Valéry e a Frost, dizem-nos que a rima não constitui um obstáculo à composição, mas sim um mecanismo que leva à invenção. É preciso um certo reajustamento dos pontos de vista literários do leitor para seguir e apreciar, não uma linha de história mas sim uma rima de história.

É possível que eu esteja a limitar demasiadamente o princípio de rima a acontecimentos numa história não existente. Porque o que é realmente transposto e igualado naquela cena sinistra e vazia do metropolitano são níveis de realidade. Uma imagem cinematográfica clandestina, uma intriga revolucionária, uma obsessão do narrador com o vermelho, e este pequeno livro impresso combina-as e muda gradualmente de cena. O irreal é real e recìprocamente. Que o leitor não tente descobrir qual é o nivel do chão, pois ele não existe.

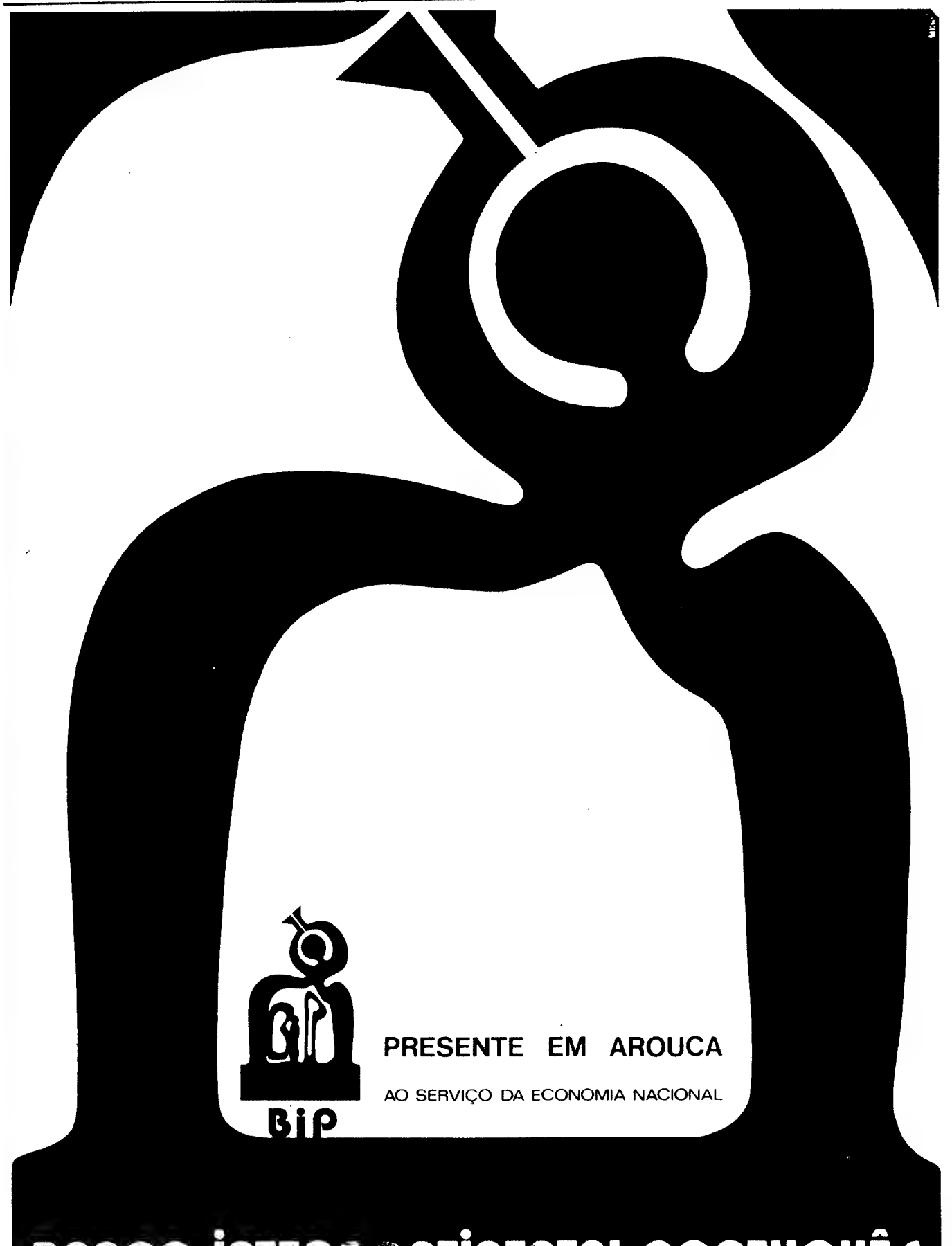
E tudo isso com que fim? Precisamos de um fim? Qualquer catársis nascente é travada na origem. Antes de alguém ser devidamente interrogado, torturado ou violado __ «cortar... «tornar a filmar». É tudo um projecto. Passatempo? Fascinação? Sim. Mas o efeito final é mais de frustração do que de representação.

Os grandes perigos que ameaçam este género de ficção são a trivialidade que conduz ao aborrecimento, e um excessivo maneirismo. Robbe-Grillet é demasiadamente engenhoso e enventivo para se tornar sua vítima. Tal como o bobo de um rei numa situação difícil, pode sempre troçar de si próprio, e fá-lo. «Projecto de uma Revolução em Nova York» seria um grande romance para explicar; é mais difícil de ler. Não me sinto inteiramente satisfeito com uma história sem conteúdo humano, ou na qual o conteúdo humano é sistemàticamente desmembrado e nunca reconstituído. Esta história de mistério não tem qualquer conclusão ou solução. Tentei encontrar a parte principal do texto. Quando, frequentemente, o encontrei numa ou duas páginas, este foi de novo ràpidamente arrebatado. **Coitus interruptus** não satisfez o meu gosto. Robbe-Grillet é o seu atormentador mestre literário.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João Silva, Vale-Serves-Ferreiras __ ALBUFEIRA



Pagamento em Escudos nas Agências de Viagens
CHEMINS DE FER FRANÇAIS



Continuação da pág. quatro

que para o escritor a melhor prova do seu talento será a fome e o frio de uma trapeira, onde o vento entra por muitas frinchas, faz ouvir a tua gargalhada. Estão a servir-se de uma velha artimanha que teve a sua origem no capitalismo e visava exibar o intelectual dos problemas sociais que como homem tinha de viver.

E embora o escritor já não corra o risco da mansarda fria, por encontrar muitas soluções de vida na publicidade artístico, no jornalismo, nas traduções, na crítica, no recurso a outros meios de difusão, como a rádio, a televisão, o cinema, e até noutras profissões, a verdade é que nada disso constitui a verdadeira solução.

Porque não se trata de dar a quem escreve apenas os meios de viver como escritor, é-lhe devida a dignidade de tal profissão e o nível de vida que corresponda às respectivas necessidades.

Eis os elementos que me pareciam faltar para uma mais completa definição do livro.

A seguir, para a sua realidade, concorre toda uma equipa de homens, exercendo cada um sua actividade.

O livro é pois algo de vivo, e como tal teve uma evolução de que a forma presente é estádio temporário, sujeito a mutações; e do mesmo modo como nasceu pode vir a morrer. Mas neste caminhar sempre se tem orientado para a possibilidade de se multiplicar — desde os rolos de papiro, do pergaminho, dos velhos **codex** até ao **paperback** — e cada vez mais se tornar acessível a todos.

Confissões de quem escreve a quem lê

Foi em nome deste fácil acesso que a burguesia dos séculos XIV e XV exigiu que fosse posto de parte o latim, a língua culta, e que hoje as grandes massas populares exigem o livro de bolso, pela consciência de ter a liberdade caminho comum com o da cultura.

O nosso tempo, além da Imprensa, do cinema, da rádio, da televisão, encontra igualmente no livro um dos grandes meios de difusão de cultura, e com um marco histórico, o ano de 1935, quando sir Allen Lane funda na Inglaterra a Editorial Pinguim, que veio substituir o livro barato de mau gosto, pelo livro acessível, de capas coloridas e agradável aspecto gráfico.

E terminada esta interrupção volto à pergunta:

Está a terra preparada para a sementeira?

O escritor, a partir do momento em que publica a sua obra, nada já pode alterar-lhe, como impossível lhe é orientar a sua circulação, leitura e interpretação. É posto emissor emitindo para o leitor, posto receptor, que só o escutará se ligar o seu aparelho e estiver disposto a ouvi-lo. Emite pois, sabendo apenas existirem postos receptores, mas ignorando quais são, quantos são. Dispõe ùnicamente da possibilidade de emitir e de poder ser escutado.

Mas hoje algo existe que lhe permite quebrar esta solidão. Dispõe de meios de difusão, pode emitir quanto em si sinta de comum com quem o escute, como homem vivendo a mesma realidade dos homens a quem se dirige.

Razão tem Sartre quando ao tentar definir literatura faz a pergunta: «Para quem se escreve?»

E na verdade não tem sentido uma literatura sem interlocutor. Mas igualmente seria sem sentido se este interlocutor não tivesse da realidade vivida pelo autor a respectiva consciência.

O que acabo de escrever parece conduzir em linha recta às tão velhas e discutidas questões de «humanismo», de «engagement», às incompatibilidades criadas entre valores que se pretende transmitir e as exigências da literatura como arte.

Existirão estas incompatibilidades? Não estaremos antes lidando com obras que na verdade são ensaios ou manifestos, assumindo imagens e figuras e construções que são a expressão do escritor, no sentido de romancista ou contista? E se não é de conto ou romance que se trata onde estão as incompatibilidades?

Escritor será aquele que se inquieta com o seu tempo e o queira transformar. Neste sentido todos são humanistas e estão comprometidos. De comum com o seu leitor, tem a consciência do tempo por ambos vivido e a faculdade de saber exprimir essa consciência através de uma linguagem artística, por figuras onde vive tanto quem escreve como quem lê, movendo-se num espaço e num tempo que igualmente lhes é comum.

Mas além do público com que o autor habitualmente contou, surgem presentemente camadas bem mais vastas, novas terras oferecidas ao semeador, massas, antes iletradas, outras leitoras de uma literatura marginal, cujo conteúdo tem variado de século para século, destinada a um largo consumo. Tão amplo consumo, de elaboração tão industrial, que se estabelecia relação numérica para ajuizar do valor literário de uma obra, dizendo-se estar na razão inversa do número de exemplares vendidos.

Ora é este público que vem justificar o **paperback**.

Assistimos assim à edição de livros que viveram a sua consagração e sùbitamente, em grandes tiragens, são confiadas a públicos novos, antes consumidores de subliteratura, que não a exigiram nem dispõem de qualidades para a apreciarem.

Vende-se Hugo, Flaubert, Sartre, Aragon, Joyce, Poe, Tolstoi, Gogol em **drugstore**, juntamente com uma subliteratura ainda preferida por grandes massas.

É semente lançada. Mas cairá em boa terra?

Num tempo em que o número de venda é a determinante máxima para a publicação ou não publicação por parte do editor, não é difícil avaliar qual das literaturas irá prevalecer na programação de editoras que acima de tudo são empresas comerciais. Sobretudo, quando sabemos, pelas suas próprias afirmações, que editores de **paperbacks** consideram sem interesse tiragens inferiores a 100 mil exemplares.

Onde encontrarão lugar nos **paperbacks**, escritores que não figuram ainda na história da literatura, que não foram consagrados pelos grandes prémios, que não gozam da publicidade dos jornais; que não são pois conhecidos pelas multidões, se estas não se elevarem ou encontrarem quem lhes eleve o seu nível de cultura?

Se o livro é considerado como mercadoria, então só dependerá da tiragem e de quem mais consuma. E se não for elevado o nível cultural de vastas camadas de população, a literatura deixa de ser rentável.

De resto, a produção e consumo da obra literária, sofrem ainda outras influências. Estão dependentes de estruturas políticas e respectivas instituições; de factores actuando directamente, a favor ou contra, nas possibilidades de comunicação entre pessoas — miséria ou alto nível de vida, analfabetismo ou cultura.

Mas por necessidades que não visam pròpriamente a elevação do nível cultural, a instrução difunde-se, aprende-se a ler, surge um público imenso de leitores, de potenciais leitores de boa literatura, em volta do limitado público culto já existente.

Para este novo público se devem dirigir todas as atenções. Será necessário dedicar-lhe uma outra crítica. Não a crítica didáctica, que fala de púlpito, impondo o dever ser e o não dever ser literário, sobrepondo-se ao próprio criador que, muitas vezes, se vê reduzido a um pretexto que lhe permita brilhar.

Então, antes a crítica que pretende sugerir, guiar.

Mas perigosa também, pois existem guias e guias, e tão em luta está entre si a própria sociedade dos homens, que não faltará nestes orientadores quem pretenda recrutas para os seus exércitos.

Deixai pois que os estandartes das forças em luta e suas divisas se imponham por si próprios ao espírito deste novo leitor. Que quanto diga respeito às suas preferências literárias seja ele próprio a decidir. E como não devemos esperar para já o seu interesse pelas páginas literárias e pela leitura de notas críticas, sugeria que estas fossem publicadas nos próprios livros.

Este tipo de crítica exigiria a leitura do livro, antes da sua publicação, por outro escritor, que simultâneamente se colocaria como leitor e como crítico. Mas como crítico que se dirigisse não ao autor mas ao leitor. E ao fazê-lo que se metesse na pele deste novo leitor, que o fizesse como homem vivendo a carestia da vida, as muitas solicitações tecidas em teia de aranha à sua volta, esta ansiedade de todos os dias, a busca por um não saber o quê, o tempo agitado que todos vivemos. Que o fizesse como se pensasse em voz alta, para que o seu pensamento fosse escutado por quem maneja o livro depois de o retirar das estantes dos livreiros. Que exponha quanto no livro publicado venha ao encontro do tempo vivido, que seja consciência desta nossa época por quase todos sentida, mas que como escritor está mais apto para exprimir.

E quanto a ti, Leitor, quebra esta solidão em que o escritor tem vivido. Vamos, não aceites passivamente o livro que compras, dirige-te a quem o escreveu, escreve-lhe, critica-o tu ou dá-lhe o teu apoio. Fala-lhe de ti e de quem és e embora nos seus livros, ele não to peça — no que faz bem mal! — acredita que gostará de receber a tua carta e te responderá.

"MASS-MÉDIA"

Continuação da página três

possível despertar-lhe uma paixão verdadeira (em princípio ela não só nunca se apaixonou como não pode — é uma incapacidade — apaixonar-se, o que equivale a dizer que é pràticamente impossível possuir-lhe a alma), o artista deixa que o público, dum certo modo, lhe possua a alma mas é pràticamente impossível de possuir fìsicamente (um artista não é alguém que se possa ter e usar neste campo; ele é que possui e usa as pessoas Que homem não sonhou ser capaz de despertar um amor verdadeiro a uma prostituta linda e muito disputada (e, de preferência, difícil até de alcançar no campo fisíco — seja porque é muito cara ou seja porque alugou o seu tempo por inteiro e não tem a menor necessidade de fazer «ganchos») e ter a sorte miraculosa de ter amor com uma daquelas actrizes, do calibre duma Brigitte Bardot ou duma Raquel Welch, que o comum dos mortais não espera sequer ter a oportunidade de conhecer pessoalmente por pairarem demasiado alto, inacessíveis, habitantes dum Olimpo onde todos são actores, «play-boys», realezas ou milionários?

. O sonho, aqui como no resto, é ter o que se não pode ter. Que ter o que se pode ter não constitui proeza nenhuma. Por isso o «sex-appeal» é tão cotado entre as actrzes: quanto mais «sex-appeal» e quanto **mais «monstro sagrado», mais desejável e mais desejada — e maior a sua glória. E para quem eventualmente a possua, mais extraordinária a aventura, mais capaz de encher uma vida e de constrtituir motivo de glória imorredoira e de inveja perene entre os seus iguais.**

Donde, «à la rigueur, l'enfer n'est plus (tout à fait) les autres». Graças aos mass-media que propõem umas delícias de Cápua largamente aceites, no decurso de uma campanha em que Roma se situa para além do «l'enfer c'est les autres» e representa a verdadeira descoberta dos outros e a vitória sobre a solidão.

O DILEMA DE JORGE PEIXINHO

Dentro da nova geração de compositores portugueses Jorge Peixinho ocupa indiscutìvelmente a posição de maior relevo. E mais uma vez, na história da música portuguesa — forçoso é reconhecê-lo — um novo surto criador recusa inserir-se numa linha de evolução procedente do passado. Jorge Peixinho não se pode considerar o continuador de Lopes Graça, assim como Lopes Graça não foi o continuador de nenhum outro músico português, assim como Luís de Freitas Branco, na primeira vintena deste séoulo, iniciou estre nós a partir do nada o modernismo musical.

Jorge Peixinho

Por MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Luís de Freitas Branco edifica uma obra de dignificação e renovação da música portuguesa de acordo com as coordenadas europeias da sua superior cultura e inteligência. Os **Paraísos Artificiais** (1913), onde o impressionismo francês (Debussy) se casa com um clássico da literatura inglesa (Thomas de Quincey, «Impressões de um fumador de ópio») é o exemplo mais acabado da sua juventude. Depois, e, não obstante Antero e Camões (que hão-de inspirar muitas das suas obras), é ainda o influxo europeu, agora sob a forma da voga **neo-clássica**, que virá a polarizar a actividade criadora do autor dos **Madrigais Camonianos**. Além disso, homem de ciência musical mais do que compositor, Luís de Freitas Branco põe (aparentemente) no **acto de compor** a razão última das suas motivações criadoras, parecendo menos interessado no destino social imediato da obra: para ele era talvez mais importante escrever uma sinfonia do que fazer escutá-la. Deste modo a enorme influência que terá no futuro da música portuguesa exerce-se mais através da palavra do que da música, mais através do educador e do pedagogo do que do artista-criador.

Com Lopes Graça tudo se passa de maneira diferente. No centro da sua prática musical está a própria sociedade em que nasceu e em que **escolheu** permanecer, vivendo as suas contradições e tomando partido nas suas lutas (não como «imigrado» europeu, que apenas se propusesse reformar mentalidades ou propagar a cultura da estranja, mas como português activo que acredita nas potencialidades do povo a que pertence). Sabemos bem que é isso o que constitui a carne da sua música.

Jorge Peixinho pretende recomeçar de novo, sem se aperceber, ou sem querer aperceber-se da riqueza de lições que encerra este exemplo de inserção dialética do artista na sociedade. O que há de mais saliente (e, em certa medida, desesperante) na descontinuidade de Peixinho relativamente a Lopes Graça está longe de consistir em questões de **linguagem** ou de **forma**: é antes a atitude global do artista perante a função e o destino da sua própria obra. Neste sentido, há uma certa semelhança entre Peixinho e o Luís de Freitas Branco dos primeiros anos. É a mesma atitude de **recepção** ou de **importação**, embora ao mais alto nível (no caso de Peixinho: das últimas novidades do experimentalismo da «vanguarda»); é a mesma tendência para observar **de fora** a sociedade portuguesa, pretendendo transformá-la através duma acção que já não é pedagógica mas verbalista.

II

Imperativos de natureza ideológica, de inspiração **jdanovista**, completamente caducos e desacreditados, não poderão ser hoje invocados para condenar a chamada «música de vanguarda», ou pelo menos, para a condenar com base no argumento n.º 1: o do divórcio entre o artista e a sociedade, entre o artista e os problemas humanos.

A questão, aliás, quase sempre foi posta em termos equívocos. Atacavam-se menos as (pretensas) obras de arte do que os próprios princípios de organização formal em que elas assentavam. No fundo, o que muitas vezes estava em causa era a defesa de um formalismo (o sistema tonal maior-menor) contra outro formalismo (o dodecafonismo serial). É contudo evidente que os meios técnicos de criação artística não podem escapar à evolução histórica. Não acreditamos que alguém conseguisse provar a necessidade teórica do conservantismo musical, isto é, de limitar a determinado tipo de linguagem (fixado, aliás, anteriormente a certas **transformações socio-políticas**) o exclusivo da comunicação social ou da desalienação do artista. Os meios técnicos ou os princípios de organização formal só podem ser discutidos em função da obra. Para bom obreiro não há má ferramenta, diz o povo: é pela obra e não pela ferramenta que, em arte, podemos distinguir o trigo do joio e definir, enfim, a posição do artista perante o seu meio. A linha de um Luigi Nono ou de um Xenakis aponta novos rumos dentro duma perspectiva **humanista** (chamemos-lhe assim). E isso é tão natural quanto é natural as mesmas preocupações humanistas não nascerem como por encanto duma página de música escrita em dó maior. **A reserva que formulámos em relação a Jorge Peixinho não tem origem, pois, no preconceito ideológico que rejeita in limine a chamada «vanguarda». Na nossa perspectiva, o ponto fraco de Jorge Peixinho tem sido o de se deixar absorver excessivamente pela pesquisa formal**, abstraindo enquanto artista de tudo o mais, desligando-se das solicitações ou necessidades dum contexto social, cultural e político, em que não sabe, não pode ou não quer inserir-se. Disso é sintoma a sua própria instabilidade, que tende a desenraizá-lo do país e a transformar em regra primeira da sua realização artística o contacto constante com grandes centros musicais estrangeiros — o que ameaça empurrá-lo para a zona de influência da grande «máquina» que ele julga contestar (quando ocasionalmente se pronuncia sobre «burguesia» e «poder burguês»). Diz Luigi Nono: «Quando falo em fazer música falo numa coisa que mobiliza duma maneira diferente da participação numa manifestação...» (enumera outras formas de intervenção, mas a ideia fundamental é esta: para Nono fazer música é fazer uma coisa que mobiliza). É explica: «Isso é que me isola do «poder musical», internacionalmente cada vez mais bloqueado, cada vez mais estreitamente unido aos meios de produção do grande capital; sob o fascínio do qual caem até músicos de países socialistas: como sucede com Penderecki, polaco, que se faz subvencionar por **fundações americanas em Berlim, quando não pensa em trabalhar para a nova organização Rookefeller na Venezuela, a I. N. C. I. B. A.**».

III

Por força de numerosos festivais, encontros, cursos e demais acontecimentos no género que se multiplicam pelo mundo inteiro, com participação única das novíssimas gerações de compositores de vários países e dum público restrito de «aficionados» (na maioria constituído pelos próprios compositores e pelos críticos, intérpretes, editores convidados) criou-se uma espécie de oligarquia internacional de jovens músicos, que defende o mito duma música universal: aquela que é produzida na linha que, em cada momento, e segundo a tal oligarquia, explora os «caminhos mais potencialmente relevantes». Fazer tábua rasa de todo o passado, mesmo o mais recente e criar sons inteiramente novos à revelia de todas as tradições conhecidas (a exploração do exotismo oriental, é uma fase já ultrapassada), parece ser a meta que os jovens músicos oligarcas pretendem atingir. Ao pé deles, Schoenberg faz figura de compositor obsoleto ou reaccionário, quando afirma: «O meu mérito foi ter escrito música verdadeiramente nova, que se gerou na tradição e que em tradição se há-de tornar.» A **lógica dialéctica** desta afirmação não pode ser compreendida por quem está ilusòriamente empenhado em construir no vazio: no vazio musical, no vazio ideológico, no vazio social. Não pode ser compreendida por quem vive da oligarquia para a oligarquia.

..Jorge Peixinho reflecte este estado de espírito quando nega categòricamente a «actualidade actuante» do que de mais válido existe na criação musical portuguesa (contemporânea). Limita-se a dar prova do sectarismo generalizado entre os seus pares, que o leva a excluir uma ligação enriquecedora com o que vem de trás: tudo o que, em qualquer país (seja qual for o regime político, **a etnia, a estrutura socio-cultural, a posição geográfica...**) **se relacionar com** música ou com arte tem de ser conformado aos critérios absolutos ditados por aquela oligarquia e iguais para todo o lado. **Made in Darmstadt** ou **Made in Royan** o produto tanto pode ser exportado para a Pérsia como para a Austrália, como para Portugal. Viver no próprio seio dessas fábricas de «música universal» acaba por se transformar numa necessidade imperiosa. Trata-se da única **chance** dada ao jovem compositor para passar da posição de importador de ideias com uma semana, um mês ou um ano de novidade, para a posição de fabricante e exportador

A escolha

Quando jovem ser um génio lhe diziam. Sabia-se inteligente e a excepção lhe agradou.

Plebeu, descrente e alegre, paternalmente mentalizado foi. Competição, conveniência, coligação, domèsticamente lhe sussurravam. Talvez valesse e tentou.

Donzela com apelido, haveres futuros à vista, o encontrou — do plano fazia parte — e engrenou.

Os haveres multiplicou, que lhos passaram às mãos, por inépcia e tradição. Mérito próprio o impôs e em muito transformou o pouco que lhe cederam como elo de ligação.

Posição malabarista ao comando o elevou. Proprietário de outros, respeitado por saber, temido como inimigo.

No palco dramàticamente é, que nunca o retorno a si os outros permitiriam. O afecto desejado, que raramente lhe aflora, o impede de receber, pelo poder de comprar, o que dado lhe seria.

Um sorriso de lembrança, uma lágrima impedida, um arrependimento calado, uma busca da saída, um desabafo retido, um desejo de regresso, uma impotência presente, um remorso amarfanhado, o habitam.

E humano, quando só.

ANA R. MOURA

ÁTICA
EDITORES LIVREIROS

Rua Alexandre Herculano, 17-A
LISBOA

Obras Completas
de Fernando Pessoa

MENSAGEM

décima edição — com uma nota prévia de David Mourão Ferreira
Edição especialmente dedicada ao povo e à juventude, com ortografia actualizada

40$00

O SOL E O MENINO DOS PÉS FRIOS

por
Matilde Rosa Araújo
Fotografias
de Augusto Cabrita

Uma obra escrita com muito carinho para as crianças e a juventude

60$00

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA
LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37
AMADORA

VEJA OS NOVOS MODELOS DE MÁQUINAS DE LAVAR E FRIGORÍFICOS
CASTOR
QUALIDADE
PRESTIGIO
GARANTIA

5 NOVOS MODELOS DE MÁQUINAS DE LAVAR
9 NOVOS MODELOS DE FRIGORÍFICOS
SÃO REALMENTE SENSACIONAIS !
A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS
RAFAEL BURGUETE, LDA.
Lisboa - Porto

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joaquim M. Nunes, Rua Dr. António Martins ROSSIO AO SUL DO TEJO ABRANTES

O dilema de Jorge Peixinho

dessas ideias. Ponto é que este comércio se possa processar sem perturbações, a bem da oligarquia e só dela, contra tudo e contra todos. O «poder musical», com o qual Luigi Nono se recusa a contemporizar, está interessado nisso.

A Jorge Peixinho, neste momento fixado na Bélgica com uma bolsa do respectivo Governo (segundo consta), põe-se realmente uma opção: ou se **internacionaliza** definitivamente e vem até cá só de vez em quando para tentar colonizar-nos; ou decide afirmar-se como músico português, mas então o desafio que se lhe lança é o de criar **uma música verdadeiramente nova que seja produto da equação entre os artistas e o seu meio. Opção esta particularmente perigosa** pelas armadilhas que contém: a primeira alternativa é talvez a mais fácil (a mais cómoda e a mais aliciante) a curto prazo, mas não constitui para nós investimento cultural reprodutivo. Como já referimos, acima, é ilusório criar no vazio. Embora os jovens músicos oligarcas procurem gerar a sua música a partir dela própria, o certo é que os mais representativos, os mais criativos, se inserem nitidamente numa escola (francesa, alemã...). A nova «música universal» é afinal um punhado de músicas diferenciadas, **cada qual devendo a sua quota parte à** tradição musical e às raízes culturais dos respectivos países. Há uma escola polaca, há uma escola italiana. Mas, enfim, Boulez será a «música universal»? Um dia chegar-se-à à conclusão que a sua música é tão francesa como a de Debussy. Para Peixinho, aquilo que designámos por **internacionalização seria, na realidade**, a integração noutro meio social, noutra sociedade que não a portuguesa. Poderia então influenciar-nos como músico belga ou como músico francês se em relação ao seu novo meio fosse suficientemente representativo. Nesse caso, transferiria para outrem a tarefa de responder ao desafio da segunda alternativa que acima apontámos. Esta segunda alternativa é, porém, extremamente arriscada. As dificuldades de toda a espécie com que Peixinho haveria de debater-se para alcançar a «actualidade actuante» real seriam o seu principal estímulo. Mas Tonynbee já provou que o «estímulo da adversidade» é uma grande força moral capaz de levar os homens aos maiores cometimentos. Lutar e vencer como músico português é o mais difícil para Peixinho. E todavia é o caminho para uma verdadeira dimensão universal. Mesmo que, por força do isolamento da nossa cultura, sejam os portugueses os únicos a ter consciência dessa universalidade alcançada por um seu compatriota. **Se Peixinho não optar** decididamente por uma destas vias, receamos bem que se perca como artista-criador «actual-actuante». Com isto não estamos a criticá-lo através da miopia ideológica de um Jdanov, que já denunciámos acima, mas do ponto de vista da análise de um «vanguardista» marginalizado: Luigi Nono (com quem, aliás Peixinho estudou em 1960).

IV

Dois discos recentemente lançados puseram-nos em contacto um deles com as «Mirages» de Luís de Freitas Branco (1) o outro com várias obras pianísticas de Jorge Peixinho (2). Não se trata de exagerar uma aproximação apenas esboçada na primeira destas notas, e **que de resto, deve ser entendida** nos precisos termos em que a fizemos, sem dela se tirarem ilações de qualquer outra ordem. A razão por que referimos agora as «Mirages», a propósito das obras de Peixinho, está apenas nisto: a linguagem é a de Debussy, mas basta conhecer uma pequena parte da mais importante produção posterior de Luís de Freitas Branco para logo descobrirmos nelas a sua personalidade, o seu estilo, a sua «dedada», Falta-nos, em relação ao disco de Jorge Peixinho, a perspectiva **duma trajectória criadora como a que temos hoje de Luís de Freitas Branco. No entanto, por detrás da aparência de música incaracterística, igual a tantas outras que hoje se produzem lá fora, parece nítido sobressair também aí uma personalidade muito marcada.**

As **Cinco peças para piano** datam de 1959 e revelam, como é natural, uma inflência muito acentuada da escola schoenberguiana. É a primeira obra de Jorge Peixinho, que decerto já conhecia bem nessa altura os compositores (Schoenberg, Webern) onde foi buscar os princípios de composição serial que aplica (3). As **Sucessões Simétricas,** de 1961 e a **Collage-I,** de 1962, revista em 1965, serão mais tributárias do pensamento de Boulez e Stockhausen. Das três, aquela que nos parece mais representativa como afirmação duma concepção pessoal, como produto duma imaginação musical capaz de se libertar do academismo duma escola (da escola em que o compositor se apetrechou) são as **Sucessões Simétricas.**

O **Estudo I,** intitulado **Mémoire d'une présence absente,** escrito em 1969, fecha a primeira década da produção de Peixinho. É uma obra que pouco deve já ao determinismo serial. A sua componente fundamental é o tempo psicológico: as ideias musicais, de entre as quais sobressai uma de feição lírica e outra de feição dramática, repetem-se por vezes obsessivamente, até atingirem uma determinada duração psicológica; neste momento intervém um acontecimento súbito, que tanto pode conduzir a uma modificação, ou a uma «dissertação» sobre esse material, como ao regresso obsessivo de ideia interrompida ou doutra que se lhe opõe. Pela qualidade poética da invenção, dir-se-ia a obra mais «inspirada» do presente disco.

Os **Harmónicos-II** constituem uma experiência de **improvisação para dois pianos e para gravadores que lixam e reproduzam com um desfasamento prèviamente calculado a improvisação dos pianistas. Todos estes elementos devem reagir entre si. A matéria-prima utilizada são «os harmónicos superiores de um som fundamental virtual». É essencialmente uma obra de efeito, que não excede os limites duma experiência. Pela natureza do material, poderá parecer mais acessível a ouvidos que ainda não ousaram transpor a fronteira da música tonal.**

Á ideia com que ficamos depois da audição deste disco é a de que a música nele contida fornece um sólido ponto de partida para um artista que ambicione fazer obra de fôlego. De um ponto de vista formal, parece-nos lógico que, na década em que um compositor português de outra geração, como Lopes Graça, produz o **Canto de Amor e de Morte,** as **Catorze Anotações,** o **Concerto de Câmara,** as **Lembranças para Vieira da Silva,** etc., Jorge Peixinho (a geração de Jorge Peixinho) escreva música como esta a que nos temos estado a referir. Verifica-se aqui uma ilusão de continuidade, que caberia a Peixinho transformar em realidade, caldeando com o seu próprio apetrechamento técnico e cultural a assimilação crítica duma **lição talvez sem precedentes** no nosso país. Embora as suas declarações mais recentes sejam a este respeito bastante contraditórias, induzem claramente — e a prática confirma-o — que não será esse o seu caminho. No entanto, quando ouvimos a sua música, temos (nós, os portugueses) o direito de exigir que o seja. Cabe-lhe a ele (Peixinho) o direito de corresponder ou não à nossa exigência, optando entre as tais duas alternativas possíveis.

(1) «Música do Século XX». Luís de Freitas Branco, **Mirages I e II; Sonatina.** Fernando Lopes Graça, **Oito Bagatelas.** Armando José Fernandes, **Sonatina; Prelúdio e Fuga.** Jorge Croner de Vasconcelos, **Partita.** Intérprete: Nella Maissa (piano). TECLA, Estereo, TES 50001.

(2) Jorge Peixinho, «Música I»: **5 pequenas peças para piano: Collage 1; Estudo I; Sucessões Simétricas; Harmónicos II.** Intérpretes; Jorge Peixinho e Filipe de Sousa (pianos). TECLA, Estereo, TES 50002.

(3) Jorge Peixinho afirma que nessa data desconhecia pràticamente esses compositores. Chega a ser ridículo **que, na ânsia de rejeitar,** para o seu ofício de compositor, a utilidade duma contribuição portuguesa, Peixinho pretenda assim insinuar que lhe ficamos a dever ter-nos desvendado esses compositores. Ignora e não cuidou de se informar sobre a vida musical portuguesa nos vinte ou trinta anos que antecederam a sua ida para Itália. Para além do panorama geral que conhecemos (a música não fugia à regra) havia pessoas e entidades atentas e empreendedoras (as excepções) cuja actividade (por vezes, heróica) se traduziu em concertos e escritos que largamente documentavam a produção musical europeia mais moderna. Por outro lado, percebemos como é que jovem de dezanove anos que ignora Schoenberg e Webern consegue escrever música serial...

BISSELL

A famosa escova mecânica alemã para limpar todos os tipos de alcatifas, tapetes e soalhos.

Regulável, com dupla acção de limpeza,

é um prazer trabalhar com ela.

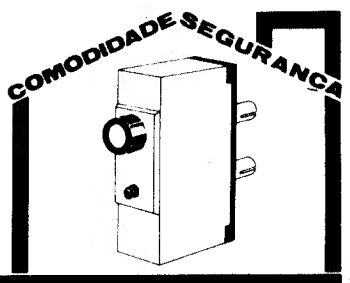
Demonstrações nos representantes exclusivos:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS
Rua dos Douradores, 43 • ☎ 361545/361763 - LISBOA
Rua de Santo António, 208 • ☎ 25581 - PORTO
À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

BBC

utilize na sua casa ...

... OS INFUSÍVEIS STOTZ

Substituem os fusíveis comuns SEM QUALQUER ALTERAÇÃO DO QUADRO



PARA OS ADQUIRIR DIRIJA-SE ÀS BOAS CASAS DE ARTIGOS ELÉCTRICOS

Distribuidores:
Fernando S. Amarante, Ld[illegible]

5.º ANIVERSÁRIO

DEZEMBRO 1972

Ao passar o seu QUINTO ANIVERSÁRIO a Gerência reconhecida agradece a todos os clientes, fornecedores e Amigos o carinho e o amparo que lhe têm dispensado.

COPACABANA AUTOMÓVEIS, LDA.

COMÉRCIO DE CARROS USADOS

Rua Conde Sabugosa, 14-A — Telefones 717373 - 717272

Crítica de artes plásticas

Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

O FRAGMENTO E A COINCIDÊNCIA

Lagoa Henriques

Rocha de Sousa

● LAGOA HENRIQUES — DESENHOS RECUPERADOS (S.N.B.A.)

O nosso gosto, ou melhor, parte do gosto do nosso tempo é arqueológico, o passado só o vemos através de uma qualquer mutilação, e das obras restam-nos apenas fragmentos. Da cor que as cobria, caso de tanta escultura medieval e grega, temos apenas o suporte de pedra, que quase nunca se encontra intacto. Assim, expomos e habituamo-nos a ver num museu o pé do que teria sido uma estátua com 2 metros de altura, ou o dedo desse mesmo pé. De extremamente valorizado, o vestígio arqueológico passou a ter um valor em si, e, na falta da obra completa, o fragmento que a representa e teestemunha assume aos nossos olhos ocidentais um valor insuspeito para os produtores das obras.

A exposição de desenhos recuperados de Lagoa Henriques joga certamente neste tipo de percepção que a arqueologia, a história de arte e o museu do século passado ajudaram a construir; assim, os seus desenhos, obras contemporâneas apenas pelo calendário, assumiram através do fogo que quase os destruiu um tempo que não têm e uma «qualidade» que de outro modo não poderiam ter. A ameaça de destruição e os vestígios que dela restam, foram, neste caso, um elemento ao mesmo tempo esteticizante e, se atendermos ao aqui e ao agora, criador de mais-valia. O fogo, elegendo aleatòriamente de entre a obra de Lagoa Henriques um grupo de desenhos, tornou-os únicos, testemunhos involuntários de um drama na vida do artista, o incêndio do seu «atelier» (e daí um outro valor, sentimental agora, a influir na nossa percepção da obra). Este «signo do fogo» de que fala, no catálogo, Eugénio de Andrade, sobre um grupo limitado de desenhos recuperáveis, veio marcá-los também, no campo do mercado de objectos artísticos, com o sinal de uma raridade evidentemente traduzível em especulação presente ou futura, isto, como é óbvio, independentemente da vontade do artista, seja ela qual for.

Assim, através de um momento, histórico já (o incêndio, experiência certamente cruel e crucial na vida do artista), um grupo de apontamentos banais (desenhos expostos no primeiro andar da S.N.B.A.) e uma poética série de estudos tendo como tema o mar e o búzio, viram-se irmanados num valor por certo insuspeito ao próprio Lagoa Henriques no momento da sua produção. De referir ainda que a «sequência do búzio», exposta na cave, série de estudos de formas naturais na linha de uma certa escultura contemporânea (H. Moore e Barbara Hepworth, por exemplo), tem um valor completamente independente deste circunstancialismo, embora a cercadura negra do papel carbonizado «fique bem», quase parecendo propositada. Esta série vale, sobretudo, como conjunto, aproximação de uma paisagem (praia) e estudo «em grande plano» da forma que nessa paisagem mais interessou o escultor, a concha.

● ROCHA DE SOUSA — TÊMPERAS DE 1972 (GALERIA JUDITE DA CRUZ)

Para certos plásticos, nos quais está incluído Rocha de Sousa, a prática ou o desconhecimento da colagem, funciona no sentido de uma estética de montagem de elementos, picturais e outros, que num mesmo trabalho se conjugam, tendendo para uma gramática organizada, ao mesmo tempo estética e significativa.

«A necessidade de intervir e a de pintar conjugam-se intimamente, não por uma opção a priori», diz de Rocha de Sousa o prefaciador do catálogo, Rui Mário Gonçalves. Sob o signo da coincidência poderíamos nós colocar esta exposição. «Coincidência» foi até o título da intervenção de Rocha de Sousa na EXPO AICA 1972 (exposição organizada pela Secção Portuguesa da Associação Internacional dos Críticos de Arte), ao mesmo tempo como crítico de arte e seu produtor. Coincidência que já na obra apresentada então, e que é pena não figura na exposição presente, era não só a do crítico com o pintor, mas a do quadro como lugar da possível coincidência da intervenção e da pintura, como muito bem disse Rui Mário Gonçalves.

Nesta exposição encontramos um enriquecimento deste conceito, pois o discurso pictório é aqui claramente tomado como a sua própria crítica, isto é, a noção de que toda a pintura é crítica de si própria e do seu passado histórico e (ou) escolar, torna-se bem patente, nalguns dos trabalhos expostos, através de uma recuperação irónica do desenho académico e de uma intervenção ao nível da imagem testemunho de um tempo que é o nosso e português («Futebol», «Crónica Feminina», «Largada», as séries dedicadas ao automobilismo: Rallyes e estradas nacionais), tudo isto montado segundo um esquema que vem directamente da prática da colagem.

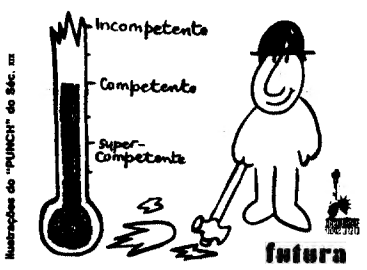
No plano do cartão coincidem, pois, intervenção e pintura, ao nível das intenções do seu produtor, intervenção estética e intervenção significante coincidem também, muito provàvelmente; ambas as leituras, estética e significante, se apresentam coincidentes aos nossos olhos, sem se excluírem mùtuamente, antes se completando.

No entanto, o discurso em que se integram estas coincidências, «colagens» de raiz «pop»,, «com tudo nos lugares certos», torna-se não só esperado, mas também fàcilmente legível, e logo consumível em termos de mercado, sobretudo quando disperso em peças individuais, quadros em que q intervenção se pode diluir ou até obliterar: é evidente que um possível comprador (a) de «Crónica Feminina» poderá, sem dificuldade, rir-se das leitoras (es) da mesma. A redundância está, pois, à porta, mas não será esse um risco geral, digo, um risco de toda a pintura?

NOTA — O catálogo desta exposição é gratuito, coisa essa rara hoje em dia em Lisboa. Cremos que as galerias comerciais, sobretudo, poderiam considerar essa forma de «prospecção» em relação ao público que as visita, que... se não tem dinheiro para comprar, pode certamente fazer opinião , já que o artista moderno, mesmo quando produz para poucos, de um ponto de vista estritamente mercantil, está, desde que o seu trabalho ultrapasse o mero decorativismo, efectivamente empenhado num discurso colectivo que até diz respeito a todos nós.

Dr. Laurence J. Peter
(autor de O PRINCÍPIO DE PETER)

O RECEITUÁRIO DE PETER



Ilustrações do "PUNCH" do séc. XX

UM LANÇAMENTO DA
EDITORIAL FUTURA

ESTABELECIMENTOS
M. SIMÕES JR. S.A.R.L.

INFORMAMOS OS NOSSOS ESTIMADOS CLIENTES E FORNECEDORES, QUE TODOS OS NOSSOS SERVIÇOS ENCERRARÃO DE 2 A 5 DE JANEIRO, PARA EFEITOS DE BALANÇO.

Natal • LIVROS
LIVROS • Quadrante
AV. LUÍS BIVAR, 85-C

pioneiros em ventilação e condicionamento de ar.

NÃO à poluição, com ventilação
indola
electric

AGENTES GERAIS:
Frigel — LISBOA
TELVI — PORTO
Praça Velasquez, 285

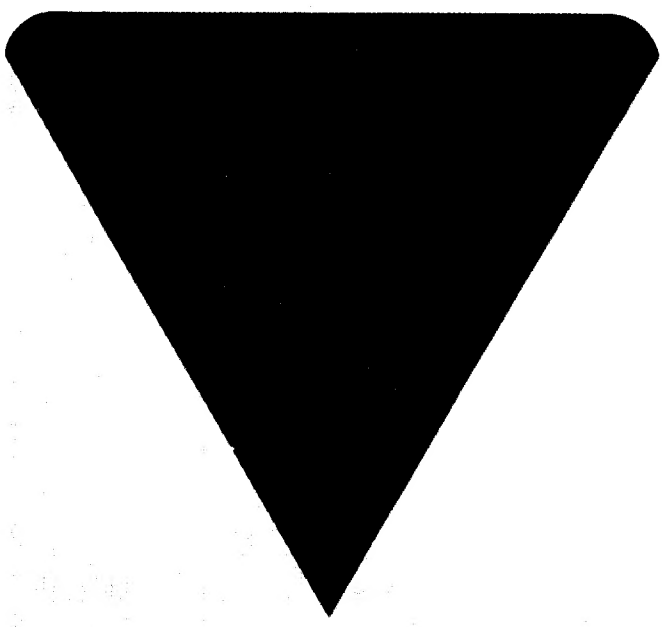
Folhetim-artístico de José-Augusto França

A 1.ª BIENAL DOS ARTISTAS NOVOS

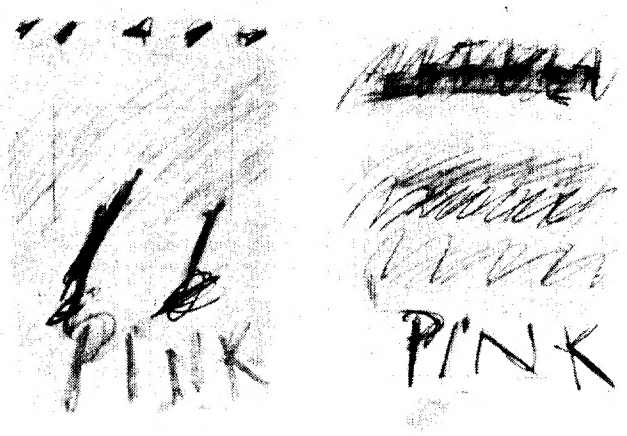
Inaugurou-se oficialmente no dia 9, em Vila Nova de Famalicão, a Fundação Cupertino de Miranda, criação deste banqueiro que se ilustrou nas suas lides profissionais e agora, retirando-se dos negócios, deixou na sua terra natal uma instituição que pode ser importante pela actividade cultural que vier a ter através de uma orientação contextual. O estar essa Fundação instalada em Famalicão não deve causar-nos qualquer espécie de surpresa — mesmo que surpresa exista para os nossos hábitos mentais centristas que reduzem o país - cultural a Lisboa e (vá lá!) ao Porto. Bom é que a província possa existir e viver — mas, é verdade que, para isso, é preciso conhecer a província, as suas necessidades e as suas diversidades culturais, para além do folclore do costume. Que a Fundação Cupertino de Miranda possa dar o exemplo de uma prospecção regional que, se for bem conduzida, se torne modelo de outras que algum dia se queira estender ao país ignorado!

Abriu a Fundação Cupertino de Miranda com a inauguração das suas instalações (infelizmente menos que discutíveis na sua qualidade arquitectónica e de aflitiva azulejaria aplicada na torre da fachada — mas deixemos o continentepeloconteudo...), mostrando algumas peças da colecção do fundador (de Renoir e Pissarro, de Matisse a Utrillo, e um notável Boudin) — e, sobretudo, a 1.ª Bienal dos Artistas Novos, iniciativa louvável que vem preencher uma lacuna neste tecido roto da vida artística necional.

É claro que uma fórmula antiga, esta das Bienais, tal como a de Famalicão se define, simples somatório de obras de Fulano, Cicrano e Beltrano sem programa nem mote nem rima; só a qualidade das espécies lhes justifica a selecção. Trata-se de uma Bienal passiva, como aliás têm sido as que por esse mundo se fazem — mas como tendem a deixar de ser, perante o fogo cruzado de uma crítica moderna, com outras exigências programáticas. Para passar a ser o quê, não se sabe — como nada se sabe, neste momento de extrema velocidade mutacionista, do que se passa no domínio artístico do Ocidente. E não vale a pena lembrar a recente explosão geral da «Documenta» de Kassel.



Ângelo de Sousa



António Sena

Vila Nova de Famalicão não é Kassel, bem entendido, embora, **mutatis mutandis**, entre as duas povoações a diferença, (relativa) não seja grande. E a verdade é que, ao domingo e aos dias de semana, a Bienal recebe a visita de centenas de pessoas que das cidades e vilas do Norte ali acorrem, por interesse ou curiosidade, e justificam a iniciativa dando-lhe a resposta do êxito que ela merece e certamente compensa e satisfaz o instituidor da Fundação.

... Ali acorrem para ver 131 obras muito bem expostas pelo Prof. Amândio Silva, organizador da Bienal, e que um catálogo discreto e bem cuidado regista (um senão apenas: a escala das reproduções que não sugere as enromes diferenças de formato e confunde a lembrança do utilizador futuro; a indicação das dimensões pelo menos, resolveria o caso). Cinquenta artistas — pintores, desenhadores e gravadores, mas não escultores por razões que já seria ocioso sublinhar no quadro cultural português. Tantos foram os seleccionados, entre 145 com 510 obras entradas. Nos 50 que expoêm, há nomes conhecidos através de exposições individuais (Ângelo de Sousa, António Sena, David Evans, Fátima Vaz, Fernando Calhau, Guilherme Parente, Henrique Manuel, Justino Alves, Rocha de Sousa, Sérgio Pinhão, Vítor Fortes), e outros, muitos deles, mais de âmbito escolar portuense. Faltas, entre os de menos de 35 anos que o regulamento impunha, algumas houve, e importantes (Noronha da Costa, António Palolo, Álvaro Lapa, por exemplo); mas foram poucas em relação à totalidade dos que participaram ou desejaram participar. De notar que só um jovem fixado no estrangeiro esteve presente (António Sena); mas a causa parece ter sido falta de informação. Ela se remediará, fàcilmente, na bienal seguinte, com envio de circulares a esses ausentes que a vida artística portuguesa tem que recuperar.

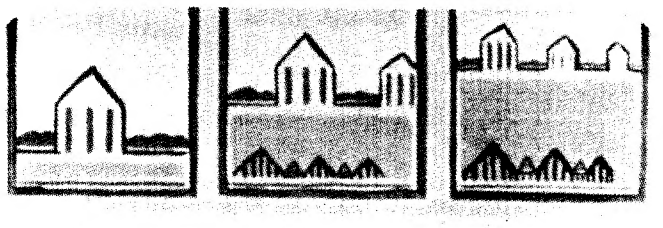
... Cinquenta «novos», portanto. Tão **novos** como isso, talvez não, que a (quase) totalidade das obras poderia ter sido apresentada numa bienal de novos, em 1962... Desfasamento cultural, sem dúvida, ao nível dos aprendizes - pintores, que só os outros, de maior convívio ou contacto com a crítica, resolvem positivamente. Os «premiados» (feia palavra que o júri, com seus poderes, rejeitou, alterando nisso o regulamento assaz arcaízante e pondo, em seu lugar, bolsas de viagem e estudo sem distinção hierárquica) reflectem essa diferença de práticas. Assim António Sena, Ângelo, Calhau, Fátima Vaz, Henrique Manuel e Pinhão. Assim também, em certa medida, David Evans, Parente, Vítor Fortes e Helena Lapas; menos Pedro Rocha, que recém-diplomado pelas Belas - Artes do Porto, está ainda agarrado a fórmulas modernizantes algo britânicas de neofiguirativismo, entendendo-as, porém, ao nível dos 19 valores com que, justamente, terminou o curso. Depois, há tentativas simpáticas e outras ingénuas: e coisas que estão quase a serem «coisas». Cito, de propósito: Avelino Rocha, Carlos Guerreiro, Isabel Lima, João Brehm, Lima Carvalho, Manuel Casimiro, Maria José Aguiar, Pedro Sobreiro, Rodrigo Cabral e Teresa Magalhães.

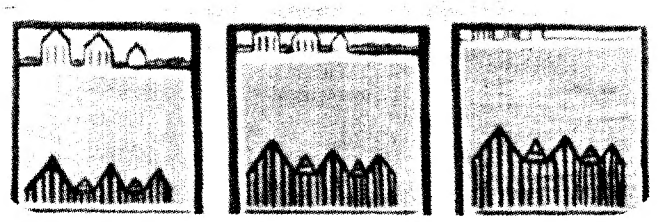
... A **bienal possível** — não a **bienel necessária**.

Escrevi no catálogo: «Esta bienal pode servir para uma reflexão crítica e sócio - cultural sobre a situação da arte jovem em Portugal — dos seus limites de praxis e de mentalidade. Ela levará a julgar severamente o muito que não se fez e podia ter sido feito nos últimos anos, no País.»

. E acrescento: ela acusa os erros de estrutura da vida artística nacional, do seu ensino prático e teórico, que não oferece garantias de responsabilidade crítica actual e actualizante aos jovens escolares, e faz com que não valha a pena aos jovens serem escolares... Erros de estrutura também, no plano da informação visual e escrita, não programada nem consciencializada nos problemas que a cultura portuguesa em mutação põe. Erros de estrutura ainda, na própria orgânica de uma manifestação deste género — que só de prospecção pode ser, oferecendo aos jovens possibilidades **a priori** de criarem «coisas» (quadros ou «happenings», ideias ou obras!) para mostrarem. Tal o plano que há dois ou três anos propus, em nome da A.I.C.A., para uma exposição experimental. Por que não virá a realizá-lo esta bienal de «novos» com tão boa vontade fundada?

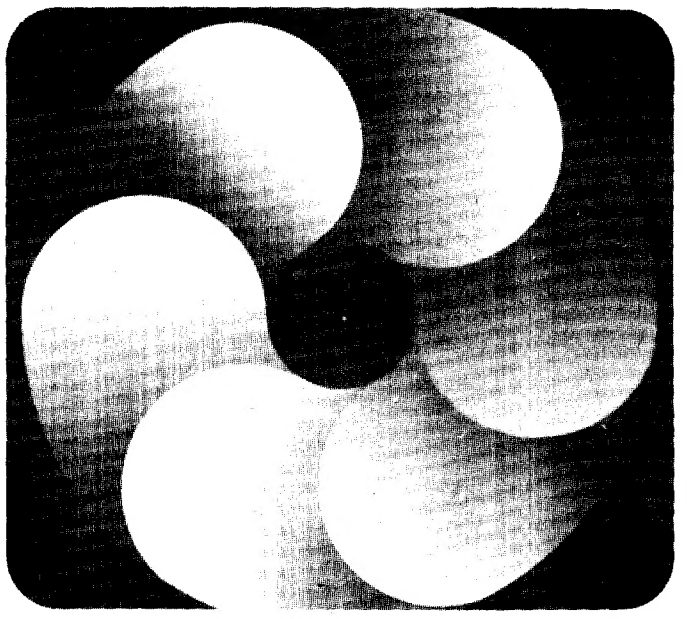
David Evans





Isabel Lima

Pedro Rocha



Sérgio Pinhão

Carlos Carreiro

Henrique Manuel